

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

PAULA MIRANA DE SOUSA RAMOS

**DA POESIA À POLÍTICA: A TRAJETÓRIA INICIAL DE ÁLVARO
MAIA**

**MANAUS – AM
2010**

PAULA MIRANA DE SOUSA RAMOS

**DA POESIA À POLÍTICA: A TRAJETÓRIA INICIAL DE ÁLVARO
MAIA**

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Sociologia da
Universidade Federal do Amazonas
como requisito para obtenção de título
de Mestre em Sociologia.**

**Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio
Coelho de Paiva**

**MANAUS – AM
2010**

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Ramos, Paula Mirana de Sousa

R175p Da poesia à política: a trajetória inicial de Álvaro Maia. -
Manaus: UFAM, 2010
136 f.: il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal
do Amazonas, 2010

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Coelho de Paiva

1. Poesia 2. Poesia – Aspectos políticos 3. Maia, Álvaro Botelho,
1893-1969. 4. I. Paiva, Marco Aurélio Coelho de (Orient.)
II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU(1997): 316:869.0(811.3)(043.3)

PAULA MIRANA DE SOUSA RAMOS

**DA POESIA À POLÍTICA: A TRAJETÓRIA INICIAL DE ÁLVARO
MAIA**

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Sociologia da
Universidade Federal do Amazonas
como requisito para obtenção de título
de Mestre em Sociologia.**

Aprovado em:/...../.....

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Marco Aurélio Coelho de Paiva
Universidade Federal do Amazonas**

**Prof. Dr. Ernesto Renan Freitas Pinto
Universidade Federal do Amazonas**

**Prof. Dr. Gilson Pinto Gil
Universidade Federal do Amazonas**

*Ao autor e consumidor da minha
vida Jesus.*

À minha amada família:

Meu pai Paulo Pinto Ramos

*Minha mãe Ivete Ferreira de
Sousa*

*Minha irmã Tereza de Sousa
Ramos.*

Agradecimentos

Em primeiro lugar a Deus, pois me permitiu ingressar nesta jornada e deu as condições físicas, emocionais e espirituais para concluí-la. A Ele toda honra e toda glória. Para minha família na figura de meus pais e minha irmã que nunca deixaram faltar-me nada e deram-me a tranquilidade e o amor necessários. Aos amigos, um agradecimento sincero pelos momentos de inquietude, onde eles foram essenciais para o restabelecimento e continuação do trabalho.

Não obstante nada disso poderia ser realizado sem as prestimosas orientações dos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, em especial a do professor orientador Marco Aurélio Coelho de Paiva que, desde a graduação em Ciências Sociais, me auxilia nas reflexões e no direcionamento dos meus estudos. Ao professor Doutor Almir Diniz Filho do Programa de Pós-Graduação em História da UFAM, que através de seus valiosos conselhos possibilitaram o contato com o ilustre poeta Almir Diniz, a este poeta um muito obrigada pela excelente manhã em que trocamos ideias sobre os imortais da Amazônia.

Resumo

Em Álvaro Maia é possível analisar a influência da produção literária sobre a política manauara no início do século XX. Nesse sentido, sua obra apresenta características que comprovam esse processo de dualidade, pois o estereótipo de líder poeta messiânico durante a década de 1920 possuía uma intencionalidade que se mostrava susceptível a diversos setores sociais. A figura de Álvaro Maia foi sendo construída através de sua atuação que mesclava a atividade de intelectual, jornalista e poeta laureado e consagrado, garantindo uma inserção ativa no mundo político graças a uma notoriedade alcançada no mundo das letras. Durante esse processo, Álvaro Maia adquiriu capital simbólico necessário para uma ascensão política. Neste sentido, a eventual ascensão política de Álvaro Maia em 1930 deu-se muito em função da sua capacidade de se tornar porta-voz dos anseios de mudança que a conjuntura política nacional reclamava, e que reverberava no âmbito local. Seu prestígio como líder/poeta se encaixou com perfeição no cenário político, que ansiava por mudanças drásticas. A participação de Álvaro Maia durante a Rebelião de 1924 garantiu-lhe o papel de conselheiro em momentos de crise, reforçando uma ideologia por ele construída de que profundas transformações possibilitariam a ascensão de um líder messiânico que viria para salvar o Amazonas; neste sentido, ele próprio se encaixava neste papel, graças a sua aura mística de poeta; construía assim a imagem de que era sua missão engajar-se na política para transformar o seu estado. Contudo, é necessário observar a trajetória de vida de Álvaro Maia para perceber como o contexto social interfere em sua obra literária e, conseqüentemente, em sua vida política. Ao analisar sua obra, seus poemas e seus principais discursos pronunciados durante este período, eles revelam instrumentos simbólicos e ideológicos imbricados na produção poética que lhe garantiram subsídios para se tornar uma de mudança no cenário político.

Palavras-Chaves: poesia, capital simbólico, política

Abstract

In Álvaro Maia it is possible to analyze the influence of the literary production on the Amazon politics in the beginning of the century XX. So that, his work presents characteristics that prove that duality process, because leader's messianic poet stereotype during the decade of 1920 possessed had an intentional that was shown to several social sections. Álvaro Maia's illustration went being built through his performance that mixed intellectual's activity, journalist and honored poet and consecrated, guaranteeing an insert activates in the political world thanks to a fame reached in the world of the letters. During that process, Álvaro Maia acquired necessary symbolic capital for a political ascension. Therefore, Álvaro Maia's eventual political ascension in 1930 felt a lot in function of his capacity of turning spokesperson of the change longings that the national political conjuncture complained, and that it reflected in the local extent. His prestige as leader/poet was fit in with perfection in the political scenery, that it desired for drastic changes. Álvaro Maia's participation during the Rebellion of 1924 guaranteed him counselor's paper in moments of crisis, reinforcing an ideology for him built that deep transformations would make possible a messianic leader's ascension that it would come to save Amazon; in this sense, him own if it fit in this paper, thanks to his mystic breeze of poet; it built like this the image that it was his mission to engage in the politics to transform his state. However, it is necessary to observe the path of life of Álvaro Maia to notice as the social context interferes in his literary work and, consequently, in his political life. When analyzing his work, their poems and their main pronounced speeches during this period, they reveal symbolic instruments and ideological inserted in the poetic production that guaranteed subsidies to turn one of change in the political scenery.

Word-key: poetry, capital symbolic, political

Lista de Figuras

- Figura 1:** Foto de Álvaro Maia, conhecido por sua cabeleira farta.....39
- Figura 2:** A relação de proximidade com as classes rebaixadas.....41
- Figura 3:** Poema de Álvaro Maia que exaltava o progresso, através do hidroavião foi escrito e publicado no formato de um avião.....68

Sumário

Introdução	06
Capítulo 1: A formação de uma liderança	10
1.1 A formação da elite intelectual brasileira e a situação de Álvaro Maia.....	15
1.2 A trajetória de um intelectual engajado.....	25
Capítulo 2: O príncipe dos poetas	43
2.1 A construção da uma identidade poética e política.....	44
2.2 A realidade Amazônica nos poemas de Álvaro Maia.....	50
2.3 Raimundo Monteiro e Maranhão Sobrinho e as razões do êxito político de Álvaro Maia.....	66
Capítulo 3: O poeta e política	87
3.1 Década de 1920: discursos de um líder político em ascensão.....	91
3.2 1930: O poeta se torna Interventor do Amazonas.....	120
Conclusão	124
Referências Bibliográficas	129

*O temor do Senhor é o princípio da sabedoria,
e a ciência do Santo, a prudência.*
Livro de Provérbios- Bíblia Sagrada

Introdução

Dentro da temática literatura e política, o tema desta dissertação emergiu do intenso contato durante o período de monografia com o processo de reconversão de determinado capital simbólico em capital político. Assim, esta pesquisa pretendeu analisar a influência da produção literária sobre a política manauara no início do século XX. Nesse sentido, buscou-se encontrar dentro dos grandes nomes de intelectuais amazonenses um em especial que revelasse tais características.

Álvaro Maia apresenta essas características em sua obra ao apresentar essa dualidade, pois seu papel como poeta e político durante a década de 1920 possuía uma intencionalidade que se mostrava susceptível a diversos setores sociais, assumindo o papel quase místico de “redentor”. Durante esse processo, Álvaro Maia adquiriu certo capital simbólico necessário para uma ascensão política.

Durante as décadas de 1920 e 1930, as lideranças políticas no Amazonas sustentavam-se a partir de um apoio fornecido pelos grupos oligárquicos dominantes. É neste sentido que os profissionais liberais aparecem como porta-vozes desses setores, mantendo e reproduzindo políticas de proteção para a borracha e garantindo, assim, os interesses de seus “protetores”.

Os intelectuais vinculados ao poder político local estavam intimamente ligados à grande imprensa na medida em que esta ainda se convertia na principal instância de consagração e legitimação intelectual da época (MICELI, 2001). É, nesse cenário, que aparece a figura de Álvaro Maia com uma atuação que mesclava a atividade de intelectual, jornalista, poeta laureado e consagrado, garantindo uma inserção ativa no mundo político graças a uma notoriedade alcançada no mundo das letras.

No decorrer desta pesquisa, foi se confirmando que Álvaro Maia apresentava essas características em sua obra que comprovam esse processo, pois foi possível perceber o modo como ele facilmente manejava o estereótipo de poeta místico, para se tornar um possível líder capaz de conduzir o Estado a um processo de mudança.

Nesse sentido, a obra poética e literária de Álvaro Maia produzida ao longo das décadas de 1910 e 1920 constituiu-se em um dos principais materiais de análise para a identificação não só de possíveis conexões com um determinado público, mas também na forma como essa produção possibilitou uma consagração local do autor e viabilizou a transmutação da sua figura mística de poeta em líder político a encarnar os ideais de mudança.

Contudo a lógica interna de cada campo social específico e o contexto mais abrangente do espaço social não podem ser negligenciados, embora não se deva estabelecer uma relação direta entre as obras e determinadas camadas sociais (BOURDIEU, 1996a). Esse processo se reflete na relação da obra com o seu público, pois é essa correlação de forças dentro do campo literário que irá definir o público para o qual será destinada a obra. A partir de uma determinada camada social na qual um autor se origina, sua obra tende a encarnar uma estratégia no sentido de alcançar uma consagração junto às instâncias próprias do campo de produção simbólica.

Todavia, para compreender como Álvaro Maia reconvertia a temática de suas poesias em uma ideologia voltada para a mudança, era necessário investigar os discursos por ele proferidos ao longo da década de 1920. A eventual ascensão política de Álvaro Maia em 1930 deu-se muito em função da sua capacidade de se tornar portavoz dos anseios de mudança que a conjuntura política nacional reclamava e que reverberava no âmbito local.

A sua notoriedade como intelectual e poeta se encaixava com perfeição na conjuntura política, e isso na medida em que existiam brechas deixadas por lideranças políticas tradicionais; lideranças portanto, incapazes de conduzir esse processo de mudança. Contudo, foi necessário observar a trajetória de vida de Álvaro Maia para perceber como o contexto social interfere em sua obra literária e, conseqüentemente, em sua vida política.

Ao analisar sua obra, tais como seus poemas e seus principais discursos pronunciados durante este período, como é o caso de “Canção de Fé e Esperança”, de 1923, foi possível perceber os instrumentos simbólicos e ideológicos imbricados na sua produção poética e de que forma lhe garantiram subsídios para se tornar uma referência de mudança no cenário político.

O primeiro capítulo, intitulado “A formação de uma liderança”, foca as principais matrizes teóricas do estudo sobre uma sociologia dos intelectuais. A condição de ambigüidade deu-se pelo fato de ele, como intelectual, posicionar-se entre os diferentes estratos sociais (MANNHEIM, 2001); entretanto, fazendo sempre uma poesia que expressava suas visões de mundo (LEPENIES, 1996). Fundado na teoria dos campos sociais de Pierre Bourdieu (1996a), é possível perceber que a produção poética de Álvaro Maia não estava desvinculada de seu contexto social mais abrangente.

Neste primeiro capítulo, buscou-se observar como a relação com outros intelectuais de sua geração, tanto em nível local, quanto em nível nacional

possibilitaram-lhe o contato com o movimento simbolista, bem como a vivência em um contexto conturbado da história do Amazonas (crises políticas e econômicas) possibilitou a Álvaro Maia se inserir num grupo de intelectuais que estava preocupado em formar o projeto político nacional e, para este propósito, encarava a política como uma missão (PÉCAUT, 1990); neste contexto, o engajamento político tornou-se uma importante estratégia de consagração intelectual (MICELI, 1979).

Neste capítulo, fez-se ainda uma análise sociológica da trajetória de Álvaro Maia através um estudo comparativo com dois outros poetas seus contemporâneos (Raimundo Monteiro e Maranhão Sobrinho) que, assim como Álvaro Maia, também faziam uma poesia simbolista. Todavia, através desta análise das três trajetórias, foi possível apontar determinadas peculiaridades de sua biografia que o levaram para uma ascensão política.

No segundo capítulo, intitulado “O príncipe dos poetas”, pretendeu-se localizar as poesias de Álvaro Maia durante o período de 1910 e 1920 a fim de situá-lo dentro do campo intelectual. A principal angústia refletida pela poesia alvareana da década de 1910 era a necessidade de posicionar-se apenas como um poeta que se dedicaria única e exclusivamente à carreira literária ou transformaria sua obra em um instrumento de engajamento social, ou seja, se Álvaro Maia faria uma poesia “pura” ou através dela ele conseguiria sua inserção nos estames do poder.

Suas poesias possuíam como temática principal a exaltação ao passado e a promessa de um futuro melhor, elemento este que era convertido da temática de seus versos para a principal retórica de seus discursos; desta forma, através destas temáticas e a partir da popularidade adquirida graças à imprensa, foi-se formando o estereótipo do líder poeta. Fazendo uma poesia com características simbolistas, tendo um forte apego ao misticismo, aparece também em sua obra uma temática voltada para o regionalismo. Através de uma valorização do caboclo e principalmente do seringueiro, foi possível observar como essas características dos seus poemas demonstravam elementos que foram por ele reconvertidos para um capital político posterior.

Ainda, neste mesmo capítulo, foi feita uma comparação com a poesia de Raimundo Monteiro e de Maranhão Sobrinho; partindo-se do pressuposto de que a obra reflete a relação entre o público e o autor, assim como a relação do autor com o espaço social mais abrangente, foi possível observar que, somente em Álvaro Maia, encontramos uma poesia se transformando em um instrumento de engajamento social e político que influenciou decisivamente em sua ascensão ao poder.

No terceiro capítulo, intitulado “O poeta e a política”, foi possível perceber que, nos discursos proferidos durante a década de 1920, encontram-se elementos que lhe possibilitaram criar uma ideologia política de mudança, garantindo-lhe tornar um candidato viável dentro cenário político da época, visto que o Brasil se encontrava numa crise com a República Oligárquica, e o Amazonas sentia a crise financeira e política com a queda do preço da borracha.

A década de 1920 foi fundamental para a construção de Álvaro Maia como um líder político. A valorização da borracha que foi um dos temas principais de Álvaro Maia aparecia em sua obra literária, tanto quanto em seus discursos, como uma de suas principais propostas políticas; em seus discursos, ele criticava a passividade com que o Governo Central tratava a segunda maior fonte de renda do país.

Todavia, foi através de seus posicionamentos e da retórica de seus discursos que Álvaro Maia conseguiu atingir o nível suficiente de consagração política. Foi através da sua capacidade de obedecer aos ditames do jogo político e os meios de manutenção de posições estratégicas no espaço de tomadas de posições que ele se tornou o porta-voz de um determinado setor da sociedade; contudo, pelo carisma obtido como príncipe dos poetas, garantiu-lhe admiração por parte das classes mais populares.

Álvaro Maia, ao ser investido de uma aura mística, utilizava-se das mesmas divagações religiosas presentes em suas poesias na retórica de seus discursos políticos. Entretanto, é possível perceber que, em seus discursos, o tom crítico aparecia de modo a não atingir diretamente determinados grupos ou pessoas; a sutileza nos discursos de Álvaro Maia garantiu-lhe o título de homem ponderado e sempre lembrado em situações de crise; esse processo foi possível de ser observado em sua participação no levante de 1924, onde se mostrou solidário ao motim, mas evitou ter uma participação mais direta, visto que fazia parte dos grupos políticos interessados no remanejamento do poder no Estado.

Capítulo 1

A formação de uma liderança

Durante o período da República Velha, surge no Amazonas um líder intelectual que se destacou no seio da sociedade graças ao nível de credibilidade por ele adquirido, tornando-se assim o porta-voz das questões culturais e, por consequência, das questões políticas do estado do Amazonas. Álvaro Maia aparece, portanto, como um importante líder intelectual e político. Professor do Ginásio Amazonense Dom Pedro II, sua contribuição como poeta laureado no estado do Amazonas garantiu-lhe a inserção no cenário político da época e um relevante destaque nos momentos de crise, tais como aqueles da Revolução de 1924. Foi, no decorrer desse período, que ele adquiriu certo tipo de influência e que o levou ao patamar de um líder intelectual (MONTEIRO, 1996), passando a ser reconhecido por uma espécie de “nobreza espiritual”. Esse processo deu-se por meio de uma dedicação à instrução harmoniosa do indivíduo pleno, isto é, Álvaro Maia acreditava que o ensino deveria servir como elo entre a humanidade e a alma, portanto tal processo deveria se desvincular das coisas cotidianas.

Além de professor, era um poeta que exaltava essa vocação para uma educação pura, intitulado-se uma espécie de sacerdote dessa doutrina. Ele acreditava que o Estado deveria apoiar esse ideal sem exercer influência sobre as matérias ensinadas; assim, a formação dos alunos assentava-se no espírito desta cultura filosófica. Como professor do Ginásio Amazonense, Álvaro Maia foi um dos professores que preparou e influenciou certa elite intelectual do Amazonas.

Segundo Monteiro (1996), as instituições republicanas estavam corroídas por uma política que favorecia a poucos em detrimento da miséria da grande maioria da população. Álvaro Maia, entretanto, partia do pressuposto de que a administração pública deveria estar ligada a uma espécie de dedicação “espiritual” ao povo, tal como afirmava em seu principal discurso “Canção de Fé e Esperança” (1923), e, a partir deste pressuposto, ele acreditava que as ideias poderiam, assim, ser postas em prática em benefício da população. Essa ideologia por ele assumida ratificava seu comportamento em se considerar um dos representantes legítimos de um conhecimento puro. Essa postura intelectual é semelhante a outras tradições, tal como aquela estudada por Fritz Ringer ao abordar os acadêmicos alemães:

O puro saber, contemplação absolutamente desinteressada do saber e da verdade, é a principal vocação do homem. Serve melhor a

humanidade quem cultiva ao máximo seu próprio espírito; pois o mundo não tem propósito e realidade em si mesmo, nenhum sentido fora do trabalho criativo da mente e do espírito humano. Comparado a esse trabalho, tudo mais é insignificante: os conhecimentos práticos da vida cotidiana, os detalhes da organização social e os acidentes da hierarquia e da posição social (RINGER, 2000, p. 35).

Contudo, Álvaro Maia passa a adquirir notoriedade em função de sua própria atividade como intelectual. É um equívoco pensá-lo como um representante ou porta-voz político de um grupo social específico. Apesar de ser oriundo de uma camada social abastada, é um engano acreditar que ele possuía alguma forma individual de proselitismo graças ao seu vínculo a setores sociais ou partidos políticos, mas, de modo geral, ele era dotado de um treinamento que lhe permitia encarar os problemas sociais de modo global (sobre as implicações de abordagem de uma sociologia dos intelectuais ver MANNHEIM, 2001).

Foi durante a Revolução de 1924, em Manaus, que Álvaro Maia adquiriu o reconhecimento de líder intelectual por parte de seus alunos, pois, como todo intelectual deste período, ele estava intimamente ligado a uma ação politicamente direcionada que não era isenta de valor, ou seja, aferrava-se em críticas contra o governo nos principais jornais da época, preletava em discursos, sempre com uma retórica opositora ao poder vigente (MONTEIRO, 1996).

O posicionamento político dos intelectuais, nesse momento, foi crucial para a compreensão do cenário de crise que se configurava durante os primeiros anos da República Velha. No caso de Álvaro Maia, seu posicionamento em relação ao cenário sóciopolítico do Amazonas pode ser deslindado a partir do seu engajamento político efetivo durante a década de 1920. Em seus discursos, ele fazia fortes críticas aos representantes políticos no poder, demonstrando um caráter ativo diante das discussões políticas da época; neste sentido, sua retórica ultrapassava as fronteiras restritas aos ambientes escolares e literários.

Álvaro Maia adotou uma postura política mais progressista no decorrer dos anos 1920 e 1930 com relação ao sistema político vigente, sistema que já se encontrava em colapso devido a uma política de favorecimentos e desvio de dinheiro da máquina pública (MONTEIRO, 1996). Fundamentado em argumentos teóricos mais complexos sobre a sociedade, e devido a sua própria condição de intelectual, assumia uma posição equilibrada acerca dos problemas da época, isto é, apesar de tecer duras críticas ao governo, ele não fazia um tipo de oposição que o colocasse em uma situação perigosa

diante dos que estavam no poder. Atentando para o processo de industrialização e democratização como inevitáveis, ele acreditava que alguns processos em curso estavam ligados às necessidades e às vantagens da mudança socioeconômica.

Como intelectual, Álvaro Maia possuía a capacidade de adotar perspectivas diferenciadas quanto aos diversos problemas políticos do momento, daí a sua empatia junto a variados setores da sociedade. A retórica principal do seu discurso consistia em valorizar a vontade popular, e as decisões ligadas a um futuro próximo deveriam depender da população, segundo ele; sendo assim, o discurso delegava uma espécie de autoridade ao “povo” e, neste sentido, ocorria uma relação de proximidade entre o intelectual e a sua gente.

Essa proximidade estava relacionada a uma ligação com as classes populares tais como operários, professoras, entre outros. Com relação às professoras, Álvaro Maia lhes delegava a função de educar as novas gerações no sentido de moldar seu caráter para construir um estado livre de uma degeneração moral que já estava enraizada em sua geração, como a corrupção política, por exemplo. Nesse sentido, Álvaro Maia construiu uma relação de empatia com o povo, demonstrando uma relação de igualdade em seus discursos iniciais (MAIA, 1969).

Ao observar a trajetória de Álvaro Maia, é possível perceber que é exatamente essa empatia que o diferencia, dando-lhe um caráter ambíguo de intelectual e homem político. Contudo, ao observar a vida de Álvaro Maia, é interessante salientar que, apesar de sua relevância na sociedade em função da sua carreira durante a década de 1920, sua notoriedade provinha, acima de tudo, do fato de ele ser um poeta e de sua poesia possuir grande força junto ao público.

O intelectual e/ou literato em seu processo de criação não está restrito ao seu círculo social. O seu imaginário, o qual não tem necessariamente um vínculo explícito com uma realidade mais terra a terra, também está ativo na confecção de enredos e personagens. Com base nessa perspectiva, a obra literária expressa as visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais (cf. LEPENIES, 1996). Essas visões de mundo são constituídas pela vivência histórica desses grupos, formada pela ação dos indivíduos que são construtores dessa experiência. São elas que compõem a prática social dos sujeitos e de seus grupos sociais. Nesse caso, ao analisar os diversos pontos de vista de Álvaro Maia explicitados em forma de poemas, é possível observar a forma como se deram as condições de produção e a situação sócio-histórica desse autor.

É um equívoco pensar Álvaro Maia a partir da ideia do intelectual "desenraizado", pois tal argumento indica a ausência de interesses de classe (MANNHEIM, 2001). Contudo, não se trata de afirmar que sua produção poética/literária respondia exclusivamente a interesses de classe; entretanto, coloca-o em uma situação ambígua na qual ele, como intelectual, posicionava-se entre os estratos sociais e, ao mesmo tempo, fazia poemas que expressavam suas visões de mundo.

Outra característica que demonstrava esse duplo caráter de Álvaro Maia era o fato de possuir um carisma que o colocava em uma posição messiânica. Álvaro Maia soube manejar tal legitimação no sentido de transformar o poeta místico no político messiânico que encarnou os ideais de mudança que o cenário nacional ansiava. O título de místico atribuído a Álvaro Maia provinha da percepção de que sua poesia revelava um caráter de espiritualidade totalmente desprendida das coisas materiais, ratificando, assim, essa ideia de que o poeta é uma espécie de profeta messiânico portador de uma mensagem salvífica que responde bem aos anseios de mudança do período.

O poder carismático de Álvaro Maia dependia de suas qualidades como indivíduo; nesse caso, a força do poeta estava no fato de que em seu discurso ele conseguia atrair um público que ia além dos alunos do Ginásio Amazonense Dom Pedro II. Esse processo ocorre devido ao seu próprio posicionamento; sua participação ia além dos círculos culturais ou das instituições educacionais e, assim, seu nome passou a ser reconhecido como símbolo de mudança contra os velhos grupos oligárquicos que vinham se revezando no poder do estado.

A sua Canção de Fé e Esperança, que não foi ainda suficiente lida nas entrelinhas e melhor interpretada, visava especulativamente, em estilo indireto, duas coisas instauradas no conteúdo histórico: transmitir vitalidade a gerações, prometendo-lhes a solução para o sofrimento (MONTEIRO, 1996, p. 35).

Contudo, não é possível fazer nenhum tipo de consideração em relação a Álvaro Maia como intelectual sem fazer referência, evidentemente, ao poeta e sua obra. Ao observarmos a relação entre o poeta e sua obra, é possível identificarmos oscilações nas tomadas de posição estética de Álvaro Maia, e que tais tomadas de posição correspondem às metamorfoses do artista também no âmbito do campo político. Esta demonstração explicita as condições sociais de possibilidade de emergência do literato, o que invalida uma teoria romântica do artista/intelectual como "gênio" que produziria unicamente em função de sua inspiração.

É interessante observar que a análise sociológica da produção poética de Álvaro Maia não pode ser reduzida a uma análise textual e nem situá-la simplesmente ao seu contexto. Ao fazer esse tipo de análise, fundamentamo-nos na ideia de que a obra revela a estrutura do espaço social na qual se inserem tanto os personagens da obra quanto o próprio autor. A partir desta lógica, a relação entre sua obra poética e o mundo social pretende caracterizar a primeira como uma reverberação direta das características sociais do seu autor, refletindo de igual modo as demandas de um público específico. É neste sentido que a trajetória de Álvaro Maia torna-se adequada para entender a relação entre o poeta e seu público, assim como suas tomadas de posição política; entretanto, deve-se tomar a precaução de não tratar sua biografia como uma série de posições sucessivas, ou seja, onde as condições foram se impondo ao poeta sem que ele tivesse oportunidade de escolha, mas deve-se pensá-la como uma trajetória que sofre diversas transformações no interior do campo social específico. Portanto, é possível compreender os estados sucessivos do campo social onde o agente está inserido, assim como os outros agentes envolvidos no mesmo campo, isto é, como suas decisões ao longo da vida possibilitaram torná-lo um poeta laureado em âmbito local (cf. BOURDIEU, 1996b).

A situação da produção simbólica nesse período, no Brasil, revela muito das estratégias utilizadas pelo poeta no interior do campo literário. O campo de produção de bens simbólicos encontrava-se totalmente subordinado ao campo político, ou seja, não existia ainda uma autonomia relativa do campo literário, por exemplo, e que acabava por sofrer profundas interferências do campo político. Nesse sentido, as conquistas de independência em relação às instâncias de poder travadas pelo poeta com o exterior do campo são tão decisivas para a estruturação desses espaços sociais quanto as suas conquistas de posição em relação às dependências internas do próprio campo. Suas propriedades específicas tais como suas características herdadas de sua condição social (oriundo de uma família abastada) permitem uma análise sociológica mais consistente. Como salienta Bourdieu:

Em suma, as estratégias dos agentes e das instituições que estão comprometidos nas lutas literárias ou artísticas não se definem na confrontação pura com possíveis puros; dependem da posição que esses agentes ocupam na estrutura do campo, ou seja, na estrutura da distribuição do capital específico, do reconhecimento, institucionalizado ou não, que lhes é concedido por seus pares-concorrentes e pelo grande público e que orienta sua percepção dos possíveis oferecidos pelo campo e sua “escolha” dos que se esforçarão por atualizar e produzir (BOURDIEU, 1996a, p.235).

O que está em jogo é o monopólio de uma violência simbólica específica; no caso do campo de produção simbólica no Brasil, é possível observar esse processo de modo bem claro, pois durante as décadas de 1920 e 1930 o campo cultural ainda não tinha atingido um grau mínimo de autonomia; assim, a imprensa que, neste momento reverbera os interesses das elites dirigentes, exerce grande influência na produção intelectual. Essas lutas costumam escorregar para toda sorte de clientelismo interno e de laços de privilégio entre os agentes e as instâncias exteriores de poder; Álvaro Maia necessita submeter-se a essas instâncias para tornar-se um autor reconhecido. Conforme salienta Bourdieu:

O que se produz no campo é cada vez mais dependente da história específica do campo, e cada vez mais difícil de deduzir ou prever a partir do conhecimento do estado do mundo social (situação econômica, política, etc.) no momento considerado. A autonomia relativa do campo sempre se realiza melhor nas obras que devem suas propriedades formais e seu valor apenas à estrutura, ou seja, à história do campo, desqualificando as interpretações que, por um “curto-circuito”, julgam-se no direito de passar diretamente do que passa no mundo ao que passa no campo (BOURDIEU, 1996b, p.70).

Álvaro Maia dominava esses determinantes que tomam a forma de relações e interações sutis, invisíveis ou dissimuladas que não deixam de ser reais, ou seja, ele inteirava-se desse jogo e por meio desta condição sabia definir as estratégias e tomadas de posição para impor sua permanência no campo e obter reconhecimento (BOURDIEU, 1996a). Ou seja, em se tratando de arte e literatura, as determinações exercidas por suas leis de funcionamento são ao mesmo tempo, simbólicas e materiais e o artista tem plena consciência da lógica do funcionamento deste jogo.

Nesse sentido, é interessante salientar a relação entre as mudanças que ocorreram dentro da estrutura do campo de produção de bens simbólicos e as mudanças externas. Esse processo não se dá de modo simultâneo no interior do campo literário, ao contrário, ocorre de modo independente, ou seja, a produção intelectual, como no caso dos poemas de Álvaro Maia que, durante a década de 1920, necessitava ser submetida aos ditames da imprensa na medida em que a própria produção simbólica deste período estava ligada a esses veículos de informação.

1.1. A formação da elite intelectual brasileira e a situação de Álvaro Maia

A atuação dos intelectuais durante os primeiros anos da República não se limitou apenas ao mundo das letras. É, no contexto histórico da Primeira República, com todas as contradições sociais e políticas, que os intelectuais passam a intervir ativamente não apenas na vida cultural do país, mas também em sua situação sociopolítica. Após muitas tentativas de se organizarem como uma categoria social relevante, é durante este período que os intelectuais passam a se organizar efetivamente quando da criação da Academia Brasileira de Letras em 1896 (BROCA, 2005).

A Academia Brasileira de Letras erigia-se como um ponto de referência necessário à vida cultural, conhecendo, nas primeiras décadas, sua época de maior prestígio e influência. A ela, ligava-se também boa parte do poder constituído, o que lhe concedia o status de representante oficial da literatura brasileira: os autores que a ela se vinculavam estabeleciam fortes laços com o ambiente político-administrativo da República podendo, inclusive, desempenhar papéis burocráticos ligados à máquina do poder republicano. Essa relação pressupunha uma reciprocidade entre os intelectuais ligados à Academia: ao mesmo tempo em que desempenhavam, seja de modo tácito, seja manifestamente, o papel de defensores do poder político vigente, disseminava-se, assim, a ideologia da autopreservação por meio da diferenciação/hierarquização das atividades literárias. Como ressalta Brito Broca ao analisar a finalidade da criação da Academia Brasileira de Letras:

A sociedade teria por fim primordial dos homens de letras do Brasil, para a defesa direta dos respectivos interesses profissionais, econômicos, morais e sociais, quer em juízo quer fora dele. Nesse sentido, deveria facilitar aos sócios a publicação de trabalhos literários e artísticos, e, futuramente, até de utensílios e material que aproveitasse a instrução profissional dos mesmos; realizar cursos, congressos, conferências e festas de arte; influir junto aos poderes da República para que fossem votadas e aplicadas leis de interesse literário e artístico [...] (BROCA, 2005, p. 93).

É certo que, após a segunda década do século XX, a atração pela “imortalidade” e sua contrapartida institucional, a Academia Brasileira de Letras, começou a declinar, causando mal-estar entre os autores que estavam empenhados em criar uma literatura de destaque na cultura brasileira. Em 1917, aqueles que, anos mais tarde, se agrupariam em torno do Movimento Modernista já tinham despertado para o interesse de se forjar uma consciência rigidamente “antiacadêmica” (BROCA, 2005). Já nos primeiros anos da década de 1920, Amadeu Amaral apontava para este declínio e, em 1918, Humberto de Campos já sentia, entre a geração de “imortais” (da qual ele mesmo participou intensamente) e a modernista, diferenças substanciais. Ao mesmo

tempo, Afrânio Peixoto confessava já não se sentir à vontade neste ambiente, excessivamente modificado pela nova realidade social e cultural por que passava o país. E, finalmente, o declínio de uma Academia já em ruínas viria a ser vaticinada por um de seus mais importantes representantes, Graça Aranha que, ao proferir um discurso em 1924, proclamava sua eminente e definitiva derrocada.

Nesse contexto, é possível perceber que os literatos aparecem como uma parcela significativa da elite intelectual brasileira. Em suas obras, existiam duras críticas acerca de como entendiam as condições políticas, culturais, sociais, econômicas e espaciais do Brasil daquele momento histórico. Isso representa para a literatura do final do século XIX e início do século XX uma fonte rica de análise para a identificação das visões de mundo desses escritores (LEPENIES, 1996), o que, por extensão, significa a expressão das ideologias dos grupos de intelectuais que cada um dos literatos buscava “dar voz” a partir de seus textos e discursos artísticos.

O período de 1900 a 1930 é marcado por uma multiplicidade de manifestações literárias. Convivem desde os poetas parnasianos, tais como Olavo Bilac, e simbolistas como Alphonsus Guimarães, que continuavam a produzir, até escritores que começavam a desenvolver uma literatura mais engajada no regionalismo, além daqueles mais preocupados com uma literatura política como Oliveira Viana, e outros, ainda com propostas inovadoras (BROCA, 2005).

Contudo, é possível estabelecer uma significativa distinção entre escritores que compõem o campo intelectual do início do século. Dentre estes, escritores como Amadeu Amaral, Martins Fontes (neoparnasianos) e prosadores acadêmicos como Rui Barbosa e Coelho Neto, Monteiro Lobato, Graça Aranha e Lima Barreto em cuja retórica encontramos participação social, ironia e crítica. Na obra de escritores como Alphonsus de Guimarães, Augusto dos Anjos e Lima Barreto destacam-se inúmeras preocupações políticas e sociais.

Neste contexto, Álvaro Maia, assim como muitos intelectuais das primeiras décadas da República Velha, demonstrava profundo descontentamento com os dirigentes oligárquicos; em sua produção poética e em seus discursos proferidos durante a década de 1920, é possível perceber de modo explícito uma valorização da cultura do Amazonas e uma incitação para que a sociedade se posicionasse de modo mais enfático perante o processo político. Ele mostrava um profundo interesse com a formação da identidade nacional e das instituições; em sua perspectiva, a identidade já se configurava de modo latente através das maneiras de ser do povo amazonense, de sua

solidariedade e pelo seu folclore. Daí a temática de suas poesias em sua trajetória inicial estarem sempre relacionadas com a questão da identidade amazônica.

Para Álvaro Maia essa tarefa devia ser feita de “cima para baixo”, ou seja, pelas elites dirigentes e, nesse contexto, ele próprio encarava a política como uma missão na medida em que era sua tarefa forjar a nação tanto política quanto culturalmente. Para tanto, exigiu para si o status de elite dirigente em defesa da ideia de agir “de cima” para dar forma à nação.

É neste contexto que observamos a atuação de Álvaro Maia durante a década de 1920 como um crítico ferrenho dos dirigentes oligárquicos por não conseguirem solucionar a crise da borracha; sua crítica consistia em incitar o povo a reagir contra a política coronelista que não mostrava mais a capacidade de dar respostas no sentido da recuperação para o preço da borracha, e que até então caía vertiginosamente; entretanto, como filho de seringalista, é possível observar o caráter dubio do posicionamento político de Álvaro Maia, apesar de profundo defensor de mudanças na ordem política vigente; tais mudanças não deviam necessariamente mudar a estrutura social (MONTEIRO, 1996).

Álvaro Maia fundamentava seus poemas em um suporte ideológico de perfil nacionalista, ideologia esta que só servia para fazê-lo obter o reconhecimento por parte dos setores politicamente ativos a partir da sua posição de origem e de suas estratégias de reconversão de um capital intelectual em capital político. Como salienta Pécaut ao tratar dos intelectuais e a política no Brasil deste período:

Seria igualmente plausível detectar, na origem de cada engajamento, alguma concepção de “interesse”, mas este não poderia ser reduzido à busca de um emprego público sem prejuízo de se esquecer da variedade dos tipos de interesse e das estratégias para consegui-los. Essa complexidade não é surpreendente, pois decorre da inexistência de uma justaposição entre um campo intelectual regido por suas próprias modalidades institucionais de legitimação, e um campo político igualmente submetido a outras modalidades de legitimação (PÉCAUT, 1990, p. 89).

Assim, a mobilização de Álvaro Maia não foi determinada apenas pela sua proximidade com as elites dirigentes. Ele detinha, acima de tudo, um saber socialmente valorizado, pois tanto Álvaro Maia quanto outros intelectuais brasileiros da década de 1920 reivindicavam uma ciência do social; esta era, sem dúvida, uma estratégia para se fazer ouvir pelos detentores do poder na medida em que só acreditavam em uma administração fundamentada na ciência dos homens e da natureza.

De igual modo, suas convicções políticas não podem ser reduzidas apenas aos interesses de acesso ao aparato burocrático do estado. Esses intelectuais estavam realmente desgostosos com a República, não pela ruína da influência da oligarquia, mas por sua permissividade com que essa influência se prolongou no quadro das transições regionais; viam-se, ainda segundo Pécaut, contra o processo de “oligarquização” das instituições sociais:

Aspirando à organização da nação pelo poder, reagiram contra a “oligarquização” das instituições. E sua politização não foi um pretexto para promover interesses próprios, mas, antes de tudo, expressa sua conversão à ação política (PÉCAUT, 1990, p. 21).

Álvaro Maia se encontrava horrorizado com um regime que, sob o pretexto de uma “política dos governadores”, mantinha-se envolto em acordos políticos entre oligarquias e o esbanjamento de fortunas nacionais (MONTEIRO, 1996). Neste sentido, o poeta constatou que a República era incapaz de constituir a nação e viu-se obrigado a se engajar, transformando sua produção literária em um instrumento de combate social e político a serviço da nacionalidade. Nesse sentido, ele começa a se perceber porta-voz de um novo projeto de Estado e passa a encarar a política como uma missão.

Ele fazia parte do grupo de intelectuais que se adequava ao novo projeto político que se configurava no plano nacional (PÉCAUT, 1990). Preocupado com a elaboração da cultura amazonense, ele não pretendia, portanto, negligenciar o problema político, pois simplesmente aferrava-se à ideia de que a verdadeira essência do político era conduzir a uma identidade cultural.

Álvaro Maia era, acima de tudo, um realista, e esse pressuposto serviria para seu fundamento político que defendia que a identidade cultural do Amazonas (tema principal de seus poemas) mesclava-se com o imperativo nacional (ARAÚJO, 1969). Neste sentido, o realismo apresenta uma ambivalência insuperável na medida em que revela um hiato imputado à realidade que só poderia ser reabsorvido pela construção de uma imagem de uma nação construída. Nesse contexto, a figura do poeta se torna fundamental para a construção desse projeto. Segundo Pécaut:

O realista e o teórico consistiam numa mesma pessoa. Sob essas duas manifestações, o intelectual perseguia o mesmo objetivo: buscar uma definição do fenômeno político que escapasse às concepções comuns da política (PÉCAUT, 1990, p. 49).

Essa ambivalência com relação à realidade encontra-se em todas as suas propostas de construção que também se colocam sob o signo do realismo. Assim, ele defendia que as instituições a serem criadas deveriam valer apenas por sua adequação à

realidade, cabendo-lhe a tradução em termos políticos de suas unidades pré-políticas. É neste sentido que, como intelectual, acreditava não ser possível abster-se de incluir um conteúdo político à sua missão. Assim, Álvaro Maia aparece como o advogado da realidade junto aos governantes, ao mesmo tempo em que aparece como um porta-voz legitimado junto à sociedade, como é possível observar esse fato na sua atuação junto ao governo quando da ocorrência do motim ginasiano em 1930¹. Contudo, seu engajamento não se reduzia em exaltar o “caráter do Estado” ou contribuir para a construção de novas instituições adequadas a esse realismo. Sua atuação também se expressou através de sua filiação a partidos políticos. Entretanto, esse processo é fruto de seu descontentamento com inúmeros desmandos por parte das elites dirigentes quanto à atuação dos intelectuais junto à sociedade, bem como a acentuação de um profundo sentimento de crise.

Ao analisar Álvaro Maia, percebe-se que ele aparece inserido nesse duplo projeto na medida em que, ao longo de sua trajetória, exerceu diversos cargos públicos. Porém, durante sua trajetória inicial, sua atuação política aparece mais adequada ao papel de “conselheiro” diante de um cenário político em crise. Esse engajamento por meio da negação das instituições oligárquicas fez com que ele proclamasse uma espécie de “ideologia da nação” em detrimento dos interesses fragmentados da sociedade civil, o que acabou por desembocar em uma revalorização da democracia.

A obra poética e os discursos de Álvaro Maia defendiam esse idealismo da reconstrução da nação, tal como no discurso “Canção de Fé e Esperança” pronunciado em 1923; no entanto, é possível perceber a relação entre o autor e seu contexto. Como foi mencionado anteriormente, Álvaro Maia era oriundo de uma família abastada, e ao longo de sua trajetória inicial exerceu inúmeros cargos públicos. Contudo, isso não significa afirmar que sua obra respondia apenas aos interesses de uma determinada camada social dirigente, mas sua produção poética e intelectual reflete os anseios de renovação das instituições que exerciam o trabalho de dominação.

Durante o período da República Velha, não havia um campo intelectual autônomo, portanto, a relação com as instâncias políticas, bem como os mecanismos de consagração intelectual estavam intimamente ligados à imprensa que, nesse período, exercia o papel de instância de consagração. A imprensa constituía a principal instância

¹ Revolta armada realizada pelos alunos do Ginásio Amazonense D. Pedro II, quando Álvaro Maia aparece como a fonte de inspiração e um dos principais intermediadores junto ao governo no sentido de garantir o término da rebelião sem maiores prejuízos para os alunos envolvidos (cf. MONTEIRO, 1996).

de produção cultural, fornecendo as maiores gratificações e as melhores posições para os intelectuais durante esse período.

Ao se fazer um estudo da trajetória inicial de Álvaro Maia no decorrer desse período, é possível compreender as modalidades com que a produção literária contribuiu para os mecanismos de dominação no espaço mais abrangente. Dessa forma, nesse período se encontram as condições que possibilitaram o processo de autonomização do campo intelectual e literário. De igual modo, essa análise se faz importante para captar alguns dos determinantes sociais da atividade intelectual que passam despercebidos em um campo intelectual mais autônomo, encobrendo, assim, as condições sociais que permitem a produção e a recepção das obras.

É interessante observar a trajetória de Álvaro Maia no sentido de entender quais as condições que o levaram a seguir uma carreira intelectual, pois, devido a uma condição financeira confortável, ele tinha a possibilidade de inserir-se mais facilmente nas mais diversas oportunidades no seio das classes dirigentes; contudo, na medida em que escolhe uma carreira de literato, tende a bloquear o acesso às carreiras preenchidas nas posições dominantes no âmbito das frações dirigentes (MICELI, 2001). Nesse sentido, Álvaro Maia tende a enquadrar-se nesse perfil: oriundo de uma família endinheirada, em função da comercialização da borracha (seu pai era seringalista), tem o seu patrimônio ameaçado quando a crise começa a derrubar o preço do látex da seringueira; isso demonstra o quanto interessante se torna a análise sociológica de um membro da classe dirigente que se viu forçado a trilhar uma carreira literária e uma posterior carreira política.

Embora a principal forma de inserção nos quadros dirigentes ocorresse através da imprensa ou do funcionalismo público, a carreira dominante para a qual se encaminham as esperanças dos intelectuais da República Velha são os quadros políticos. Os postos conquistados no campo político não divergiam com a carreira intelectual, ao contrário, se configuravam como uma instância importante de produção ideológica no campo intelectual (MICELI, 2001). Contudo, o êxito dos intelectuais desse período deu-se devido ao desenvolvimento da imprensa, das instituições políticas e organizações políticas (partidos). A ascensão de Álvaro Maia ao poder só se deu por meio de uma rede de relações sociais ligadas à oligarquia dirigente. Ele se configurou como o porta-voz ideal para defender as elites dirigentes que, por conseguinte, também eram os donos dos jornais que serviam como instrumento de divulgação dos interesses desses grupos. Segundo salienta Miceli:

O controle dos jornais constituía um dos principais m6veis da luta em que estavam envolvidas as diversas facç6es oligárquicas. Um jornal era forçosamente o porta-voz de grupos oligárquicos, seja daqueles que estavam no poder (a “situaç6o”), seja dos que estavam momentaneamente excluídos do poder (MICELI, 2001, p.55).

As instâncias de consagraç6o no campo intelectual também se modificaram graças à expans6o da imprensa; a relaç6o entre o autor e o grande público está, nesse momento, atrelada aos empreendimentos intelectuais coletivos (a imprensa) que tende, ao mesmo tempo, a convergir como a principal instância de consagraç6o para os escritores. A figura do poeta também foi sendo construída dentro do ambiente intelectual daquele momento, e isso na medida em que a vida literária ainda estava fortemente ligada à vida jornalística (MICELI, 2001). É em funç6o do papel que vinha desempenhando a imprensa ao longo desse período que os posicionamentos de Álvaro Maia ganhavam certa importância, e que eram reforçados pelo processo de transmiss6o das notícias divulgadas e que mantinha um contato permanente com o público.

Entretanto, os jornais não serviam apenas como fonte de cooptaç6o dos intelectuais para a vida política. Segundo Pinheiro (2001), sob o signo da modernizaç6o, os dirigentes políticos locais controlavam a cidade através da exclus6o social com o argumento de mantê-la moderna e elegante aos moldes do estilo *Belle Époque*. Foram justamente os jornais que se colocaram de forma crítica frente a estas mudanç6as.

Para os intelectuais, em sua grande maioria oriundos de famílias abastadas, a atuaç6o em jornais se configurava como uma estratégia de recriaç6o de uma cultura refinada, visto que muitos destes regressavam dos grandes centros culturais (Paris, Rio de Janeiro) com o intuito de dar prosseguimento aos negócios de suas famílias, em sua maioria ligada à extraç6o de borracha. Segundo Pinheiro:

Assim, a atuaç6o no magistério, a participaç6o na vida literária, na imprensa local e na militância da política partidária, foram alternativas nada desprezíveis para quem se via entre a lembrança do cosmopolitismo dos grandes centros culturais e a possibilidade do isolamento bucólico dos seringais no sertão amazônico (PINHEIRO, 2001, p. 98).

Foi através da imprensa local que a intelectualidade do Amazonas do início do século XX passou a ganhar notoriedade e respeito no interior da sociedade local. Foi nos jornais que começaram a aparecer as poesias de Thaumaturgo Vaz ou as crônicas de

Péricles de Moraes. Nesse contexto, começa a se construir no Amazonas uma ambiência literária que ganha notoriedade no estado do Amazonas, mas que ainda luta pela tão sonhada projeção nacional. Segundo Pinheiro (2001), um dos nomes de destaque da literatura amazonense em âmbito nacional foi Raimundo Monteiro (sua trajetória será analisada posteriormente).

Contudo, parte desta elite intelectual, que também atuou na imprensa local, não era de origem amazonense. Dentre estes, podemos destacar João Leda, Maranhão Sobrinho, Nunes Pereira. Do mesmo modo, é possível destacar alguns casos de amazonenses que se projetaram no nível mais restrito de seu estado e que acabaram conseguindo penetrar, via imprensa, em âmbito nacional, tais como Raimundo Moraes, Arthur César Ferreira Reis, Agnello Bittencourt e o próprio Álvaro Maia.

Os jornais, também, se configuravam como o espaço onde estes grupos se concentravam, consolidando “igrejinhas” que acabaram desenvolvendo certo nível de animosidade entre si; segundo Broca (2005), é no espaço do jornal que os intelectuais irão manifestar suas opiniões desde os mais nobres assuntos da alma até as mais mesquinhas implicâncias. Os principais motivos das discordâncias entre eles eram as concepções literárias, as opções político-partidárias, passando a motivos mais banais como: a admiração por autores destacados, chegando a intrigas pessoais.

No entanto, não é no ambiente dos “diários” que será possível encontrar as oposições mais pragmáticas destas “igrejinhas”; nos grandes diários, as contradições se apresentavam de modo mais claro no plano político-ideológico, isto é, divergências por opções políticas. Estas oposições não se davam de modo explícito, visto que estes jornais já se configuravam como verdadeiras empresas e, para tanto, impunham maior obediência aos seus colaboradores com respeito às normas editoriais. Foram, portanto, nas pequenas folhas que a liberdade de expressão possibilitou-lhes manifestar toda sorte de animosidade para com seus “adversários” (PINHEIRO, 2001).

Como já fora mencionado anteriormente, as elites dirigentes no Brasil eram, também, as detentoras dos veículos de comunicação em massa (jornais) que, por conseguinte, manejavam em favor dos interesses desses grupos, tais como o lançamento de candidaturas de seus representantes no cenário político, ou seja, a imprensa era usada como meio de manobra entre as oligarquias e o poder político. Jornais como *Jornal do Comércio*, entre outros, também eram as principais instâncias de consagração para os interessados em criar uma carreira de sucesso no mundo das letras; neste sentido, Álvaro Maia via-se envolvido em tais atividades que, nesse momento, era o principal

veículo de publicação de sua produção literária. Como se tratava do principal mecanismo para uma possível ascensão política, fica fácil compreender o fato de ele se engajar com as facções políticas desses jornais.

Segundo Miceli (1979), a arregimentação dos intelectuais pela grande imprensa no período da República Velha tinha como principal motivo, no plano ideológico, a Primeira Grande Guerra, e no plano interno, uma possível regeneração moral e pública que a nova geração oligárquica queria dar ao poder público, ou seja, seus objetivos eram o de visualizar estratégias diferentes para as alianças de classes que melhor conduzissem ao remanejamento do pacto oligárquico.

O engajamento de Álvaro Maia se deu sob diversos aspectos, através do envolvimento com os grupos dirigentes, não só pela adesão às suas facções partidárias, mas também pela sua colaboração na administração pública, na imprensa e, posteriormente, na década de 1930, através de sua nomeação para o cargo de Interventor do Estado, seguido de diversos mandatos políticos até sua morte. Entretanto, apesar de seu comprometimento com as tarefas políticas e ideológicas ligadas às oligarquias dirigentes, ele travava lutas constantes no campo intelectual com o intuito de alcançar uma legitimação e de impor um estilo.

Com o período de crise das oligarquias, e com o surgimento de organizações políticas que pretendiam substituir os antigos grupos dirigentes no controle do estado, surge a dificuldade de inserir-se nos estamentos do funcionalismo público; contudo, Álvaro Maia soube manejar sua rede de relações ao longo de sua trajetória no sentido de não sofrer com a escassez do mercado de postos públicos. Como nos lembra Miceli:

Na impossibilidade de se saber ao certo, no início dos anos 30, a amplitude considerável a que chegaria o mercado de postos públicos na década seguinte, as ameaças de “desclassificação” social e profissional com que se defrontavam os detentores de títulos universitários (mormente os que haviam cursado os chamados estabelecimentos “livres”) desencadearam a concorrência ideológica entre os intelectuais e favoreceram a adesão de muitos deles aos empreendimentos de “salvação” política que então surgiram (MICELI, 1979, p. 40).

O fato de o poeta ter sido cooptado pelo poder público, vindo a exercer as mais diversas funções, possibilitou-lhe alcançar postos elevados na esfera burocrática, assim como se constituiu de um trunfo indispensável para o seu êxito junto a outras instâncias do campo intelectual. O resultado social desse tipo de colaboração transparece, sobretudo, no reconhecimento recebido, pois, apesar de não possuírem muita relevância no sentido monetário, eram de imenso valor simbólico (MICELI, 1979), tais

como o título de “príncipe dos poetas amazonenses” conferido pela revista *Redenção* em 1925.

O ingresso nos aparatos de poder se converteu na modalidade preferencial de cooptação dos intelectuais, passando a ser considerada como um trunfo indispensável para o êxito junto às demais instâncias intelectuais, inclusive nas instituições cuja sobrevivência não dependia necessariamente dos favores e concessões do poder público.

Entretanto, o fator primordial de diferenciação da elite intelectual consistia na forma de investimento da sua atividade, isto é, sua produção se sujeitava às demandas postas pelos encargos da convocação política, convertendo assim suas obras em paradigmas do pensamento político nacional e os transformando em modelos de excelência social deste período. A elite brasileira se estribava numa atuação política e cultural, desdobrando-se nas mais variadas tarefas político-ideológicas; Álvaro Maia, neste contexto, circulava com facilidade no Palácio do Governo do Estado assim como se articulava com outras facções oligárquicas interessadas no remanejamento dos grupos então no poder (MONTEIRO, 1996). Nesse sentido, ele acaba se tornando um candidato viável para, simultaneamente, encarnar os ideais de mudança e preservar os interesses das oligarquias locais perante o quadro nacional em drástica mudança.

Esse processo reflete uma condição de ambiguidade na qual o poeta se encontrava como dependente material e institucionalmente do poder público, interferindo, assim, em suas estratégias no campo da produção cultural. Tal condição o colocava em uma situação de segurança contra as oscilações de prestígio, imunes às sanções do mercado que definem o volume de ganho de ambos os lados (MICELI, 1979).

Entretanto, cria-se o questionamento de qual seria de fato a real intenção de Álvaro Maia ao se inserir no poder: devemos considerá-lo um escritor-funcionário ou funcionário-escritor? A produção intelectual de um escritor-funcionário público buscava minimizar o peso desse processo de cooptação, investindo em uma produção fundada em alibis nacionalistas. Nesse contexto, o intelectual se apropria da função de porta-voz da sociedade e prontamente capaz de atestar os verdadeiros laços de nacionalidade, vendo-se como o responsável pela gestão cultural da nação. Assim, pode manter uma postura de “neutralidade” devido a sua origem social e sua rede de relações sociais, e que lhe possibilitou manter a salvo muitas de suas obras das interferências políticas.

Segundo Miceli (1979), em sua análise sobre os intelectuais do Brasil e as classes dirigentes no período de transição da República Velha e o Estado Novo, o

funcionário-escritor era originário de estados periféricos que iniciam sua trajetória intelectual junto aos antigos anatólios da República Velha e, por conseguinte, possuem pouca mobilidade horizontal no interior da máquina administrativa; só lhes restavam, portanto, a aquisição de novos postos que surgiam no interior do aparelho do Estado; eles tiveram que sujeitar suas obras aos ditames da política nacional.

Álvaro Maia, entretanto, cria uma espécie de ideologia política fundada em mudanças e na exaltação das origens amazônicas a partir da valorização do elemento nativo, o caboclo amazônico; e insinua um retorno ao passado e à valorização da Amazônia, e isso em função das mudanças sofridas pelo estado durante esse período que de fato não trouxeram melhorias para a vida dos amazonenses. É nesse contexto que é possível afirmar que sua obra está fundamentada na concepção de “cultura brasileira” e, como portador dessa concepção, passa a manipular as queixas e louvores destinados aos estamentos burocráticos, que são os verdadeiros mecenas desta concepção. Segundo Miceli:

Dando sequência à postura inaugurada pelos modernistas, esses intelectuais cooptados se autodefinem como porta-vozes do conjunto da sociedade, passando a empregar como crivos de avaliação de suas obras os indicadores capazes de atestar a voltagem de seus laços com as primícias da nacionalidade (MICELI, 1979, p. 159).

Contudo, por mais que o poder público não tenha chegado a monopolizar por completo o controle do mercado de produção dos bens simbólicos, este se configurou como o concessionário “mor” dos padrões de legitimidade intelectual. Ao se fazer um balanço dos anos de 1920 a 1930, é possível constatar que intelectuais de todos os matizes foram cooptados para o poder público, desde militantes da esquerda até praticantes de novas especialidades (MICELI, 1979).

Entretanto, não se pode reduzir a obra poética de Álvaro Maia apenas aos subsídios que o estado lhe conferia; não se devem esquecer as ligações com a sua origem, e a rede de relações que lhe possibilitou o ingresso nas fileiras do poder; esses fatores são primordiais para se fazer uma diferenciação entre um escritor-funcionário e o um funcionário-escritor.

1.2. A trajetória de um intelectual engajado

Do início da República até o golpe de 1937, é um período marcado pelo fim da dominação dos proprietários rurais ligados à produção e exportação agrícola, com destaque para a produção de café. A partir da década de 1920, surge, no cenário

nacional, um conjunto de fatores de ordem social e política que contribuiu decisivamente para o declínio e derrocada da República Velha. O agravamento da crise econômica, a eclosão de revoltas e levantes militares, o crescimento das camadas sociais urbanas, além do acirramento dos conflitos políticos devido à progressiva divisão das oligarquias dominantes, formam o conjunto de fatores que eclodem com a Revolução de 1930.

Camadas sociais urbanas, principalmente a pequena burguesia (classe média em ascensão devido ao desenvolvimento industrial), passaram a reivindicar participação nas decisões governamentais e reformas das instituições políticas. Surgem então exigências de mudanças no sistema eleitoral de modo a acabar com a fraude, a corrupção e o coronelismo. Surgem pressões, também, por mudanças na política econômica ao reivindicar-se maior investimento e incentivo público ao setor industrial e o fim da política de apoio exclusivo ao café.

A política dos governadores firmada pelo presidente Campos Salles consistiu num acordo tácito entre as oligarquias cafeeiras paulista e mineira com o intuito de estabelecer a hegemonia na política nacional em defesa dos seus interesses. Por meio de acordos entre o Partido Republicano Paulista (PRP) e o Partido Republicano Mineiro (PRM), os dois estados indicavam um nome de consenso como candidato ao governo federal e elegeram praticamente todos os presidentes da República. A aliança entre São Paulo e Minas Gerais ficou conhecida como a política do "café-com-leite". Contra a hegemonia política paulista e mineira, insurgiram-se as oligarquias das regiões Sul e Nordeste. No final da década de 1920, as pressões e conspirações das oligarquias dissidentes ampliaram-se. Mas foi o rompimento da aliança entre São Paulo e Minas Gerais que provocou o movimento revolucionário que solapou a República Velha.

Diante deste cenário, no Amazonas, a decadência da economia da borracha observada nas primeiras décadas do século XX desencadeou movimentos de ordem política na região. Em relação à esfera cultural, a borracha foi de relevância para o desenvolvimento dos povos amazônicos. Esses prenúncios de prosperidade econômica atraíram uma gama de agentes sociais de diversas regiões do país, em especial os nordestinos, atraídos pela possibilidade de riqueza propiciada pela borracha.

Assim, em seu período áureo, as cidades de Manaus e Belém passaram a ser o cenário da *Belle Époque*, com todos os sinais de civilização possíveis de ser mobilizados, enquanto os mais desvalidos embrenhavam-se pela selva, explorando a floresta, abrindo estradas para a coleta de látex de seringueiras, alargando as fronteiras

do Brasil, desempenhando na Amazônia a façanha dos primeiros bandeirantes. No período da Segunda Guerra Mundial, o Amazonas tentou reviver esse período áureo da borracha com a reativação dos seringais nativos, trazendo para a floresta uma nova leva de nordestinos em busca de melhores condições de vida, os “soldados da borracha”; esse curto período de aparente prosperidade só foi possível graças ao acordo de Washington, no qual se criou o Banco de Crédito da Borracha destinado a comprar a produção gumífera reservada aos esforços de guerra. O novo surto da borracha só se deu pelo fato de os seringais localizados no Oriente se encontrarem sob o domínio de forças contrárias aos Aliados, e estes, por seu turno, viram-se obrigados a socorrer a *hévea* produzida no Brasil.

Entretanto, enquanto as classes mais pobres abriam caminhos no interior da floresta, nas primeiras estradas de seringueiras, a elite alargava os horizontes do saber criando instituições culturais tais como a Escola Universitária Livre de Manaus, em 1909, e, nove anos mais tarde, a Academia Amazonense de Letras, além do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas. Tal agitação cultural, mergulhada em um surto criativo de amplos movimentos culturais, acontece como uma espécie de reação ao processo de declínio econômico. Esse processo reflete o fato de que a condição econômica não deve ser tomada como fator determinante para a compreensão dos desdobramentos culturais, e isso na medida em que não é correto estabelecer uma conexão direta entre obra e determinadas camadas sociais, como se a obra apenas reverberasse reclamos de um grupo social específico; o contexto abrangente do espaço social no qual os diferentes campos sociais encontram-se inseridos, principalmente em contextos de mudança, traz sim implicações para a configuração da relação de forças no âmbito dos campos sociais. Esse processo se reflete, por sua vez, na relação da obra com o público, pois é esse jogo de forças dentro do campo que definirá o público para o qual será destinada a obra.

É neste contexto que a riqueza da borracha exerceu enorme força de atração para a Amazônia, onde inúmeros intelectuais se radicaram. Muitos desses intelectuais enraizaram-se ao constituírem família, começando assim a formar uma *intelligentsia* amazonense que tinha como principal finalidade criar um mundo novo, estudando e revelando essa região para o “mundo civilizado”, isto é, esse grupo de intelectuais pretendia estabelecer um elo entre a Amazônia e a Europa por meio da cultura; do mesmo modo, que o estado do Amazonas sofreu o efeito inverso, onde vários intelectuais migraram para grandes centros do país.

Segundo Pécaut (1990), em sua análise sobre a relação entre os intelectuais e a política no Brasil, afirma que aqueles tomaram para si a importante tarefa de engajamento político que deveria ser realizada de “cima para baixo”, ou seja, pela elite dirigente; os intelectuais tomam para si como uma forma de missão primordial essa representação na medida em que é sua tarefa forjar a nação política e culturalmente. O Amazonas agregou muitos imigrantes, atraídos pela borracha; neste contexto, tais lideranças intelectuais começaram a dominar o terreno social e político do estado.

Álvaro Maia, do mesmo modo como outros intelectuais desse período, foi cooptado para essa missão e se autodefiniu como um porta-voz legítimo desse conjunto da sociedade ante o poder do Estado, passando a usar sua obra como um crivo avaliativo para perceber sua relação com os elementos que exprimem uma cultura nacional. Segundo Miceli:

Vendo-se a si próprios como responsáveis pela gestão do espólio cultural da nação, se dispõe a assumir o trabalho de conservação, difusão e manipulação dessa herança, aferrando-se à celebração de autores e obras que possam ser de alguma utilidade para o êxito dessa empreitada (MICELI, 1979, p. 159).

Entretanto, convém atentar para algumas passagens da vida de Álvaro Maia que refletem a forma como a sua trajetória explicita elementos a partir dos quais se possa identificar uma determinada visão de mundo, bem como sua posição no âmbito de um campo de produção cultural específico; evita-se, dessa forma, que se perceba sua obra como um todo autônomo, e isso na medida em que sua posição no interior do campo tende a se alterar e a se reelaborar ao longo de sua trajetória.

Álvaro Maia nasceu em 19 de fevereiro de 1883 no seringal da família, o seringal do “Goiabal”, na cidade de Humaitá. Além de seus pais Fausto Ferreira Maia e Josefina Botelho Maia, outros personagens foram marcantes na sua formação, bem como na orientação de lances decisivos de sua repentina afirmação como liderança intelectual e posteriormente política. Os irmãos Antônio e Raimundo sempre estiveram envolvidos com o funcionalismo público e com a política local. Antônio Botelho Maia foi prefeito de Manaus e deputado pelo estado do Amazonas; esse fato propiciou ao seu irmão construir uma importante rede de relações com as classes dirigentes do estado.

Ao observar a relação de parentesco de Álvaro Maia, é possível perceber o modo como isso contribuiu consideravelmente para o estabelecimento de sua carreira; contudo, isto não significa afirmar que sua obra sirva apenas para representar determinados “interesses”; esses elementos são fundamentais para desmistificar que o

intelectual corresponde, ou pretende corresponder, seja aos interesses de uma classe dominante, seja aos interesses gerais da sociedade, mas é inegável atentar para o fato de que essa rede permitiu-lhe se manter envolto em atividades políticas e ideológicas nas quais estavam incumbidos os integrantes do estado-maior intelectual das classes dirigentes do Amazonas.

Nesse sentido, observar e comparar as trajetórias de Raimundo Monteiro e de Maranhão Sobrinho, dois outros poetas contemporâneos de Álvaro Maia, serve como parâmetro para avaliar a sua trajetória no sentido de compreender o modo como determinadas condições sociais possibilitaram a construção de uma carreira literária e observar, a partir destes dois poetas, que elementos possibilitaram somente a Álvaro Maia seguir uma carreira política.

Raimundo Monteiro, também nascido em Humaitá em 1882, filho de comerciantes e proprietário de glebas na região do rio Madeira, fez seus estudos ainda na propriedade de seu pai em Humaitá, cidade que surgiu de uma povoação fundada pelo Coronel Monteiro, pai de Raimundo; posteriormente doou a área necessária para a construção da cidade. No momento próprio, mandou seu filho estudar na Europa, onde se demorou alguns anos na Inglaterra, França, Espanha e Portugal com o intuito de estudar as línguas, costumes e literaturas.

No plano intelectual, as estratégias de consagração de Raimundo Monteiro em muito podem ser relacionadas com as tomadas de decisões no sentido de levarem à sua consolidação como poeta na cidade de Paris, centro de referência estética e cultural do período; no entanto, tais estratégias tornaram-se possíveis graças à sua condição financeira; no decorrer desse período, Raimundo Monteiro buscou fazer uma “arte pela arte” propriamente dita. Em seu retorno ao Brasil, dirigiu-se ao rio Madeira com o intuito de ajudar seu pai com as atividades comerciais, e que então sofria com as consequências da queda do preço da borracha; entretanto, tais atividades não se adequavam ao seu investimento inicial em uma carreira intelectual. Por esse motivo, seguiu para Manaus e posteriormente para o Rio de Janeiro, onde pode se dedicar às suas atividades literárias.

Ao retornar a Manaus, devido à falência financeira de sua família, concorreu a uma vaga em um concurso para tabelião e foi preferido; nesse momento, o poeta encontra-se em uma situação de constrangimento ao submeter-se às estratégias de consagração do campo intelectual no Brasil e que então estavam ligadas ao funcionalismo público, pois este se configurava como um dos trunfos indispensáveis

para tal consagração. A função de tabelião fez com que ele fosse obrigado a fixar-se em Manaus, onde estabeleceu família com Úrsula Botelho Monteiro, com quem teve cinco filhos. No cartório, Raimundo Monteiro trabalhou até seu falecimento em 1932.

Álvaro Maia, entretanto, era adepto de uma ideologia nacionalista. Em sua trajetória inicial o poeta buscava uma valorização da região amazônica e, nesse sentido, suas estratégias no interior do campo intelectual, assim como suas tomadas de decisão, estavam voltadas para uma possível consagração em âmbito local; e assim buscou construir sua imagem como poeta. Em Raimundo Monteiro, encontramos as principais estratégias de reprodução das classes dirigentes no sentido de evitar os efeitos do declínio social e econômico, onde orientavam seus filhos para as posições dirigentes ligadas ao trabalho intelectual e político, mantendo-se, assim, distantes da gestão dos negócios familiares.

O surto de riqueza da borracha atraiu inúmeros intelectuais para o Amazonas. Atraído por esses prenúncios de riqueza, vem para Manaus Maranhão Sobrinho. José Américo Augusto Olímpio Cavalcanti dos Albuquerque Maranhão Sobrinho nasceu em Barra da Corda, no Maranhão, em 1879. Como poeta foi um dos fundadores da Oficina dos Novos e da Academia Maranhense de Letras. No início do século XX, levado por uma atração que o Amazonas exercia, dirigiu-se para Manaus, onde teve sua fase de maior inspiração poética. Nesse sentido, Maranhão Sobrinho procurou fazer um tipo de poesia de vanguarda e, por isso, mais arriscada. Seguindo a trajetória de muitos poetas simbolistas negros, faleceu de tuberculose aos 36 anos, no mesmo dia de seu aniversário, em 25 de dezembro de 1915. Acompanhando a trajetória comum dos “parentes pobres” (cf. a terminologia utilizada por MICELI, 1979), Maranhão Sobrinho buscava na literatura uma legitimação não conseguida em outras instâncias; entretanto, por sua natureza boêmia, recusou-se a depender de algum tipo de oportunidade para ser cooptado pelo serviço público, como nos casos de Álvaro Maia e Raimundo Monteiro.

Em seu período de formação, Álvaro Maia sempre esteve ligado às instâncias de formação da produção cultural e ideológica da época. Segundo a análise de Miceli (1979) acerca dos intelectuais no Brasil, até meados da República Velha, a Faculdade de Direito constituiu-se como a intermediária na importação e difusão intelectual europeia; nesse sentido, agrega as principais funções políticas e culturais. Junto à Faculdade de Direito, estava agregado o movimento editorial das principais revistas e jornais literários da época. Servia, também, como o celeiro que supria a demanda de funcionários treinados para assumirem os postos parlamentares e os principais cargos

administrativos, além de contribuir de forma primordial com os demais estamentos burocráticos.

Álvaro Maia realizou seus estudos primários e secundários em Manaus, este último no Ginásio Amazonense Pedro II. A partir de 1913, frequentou durante dois anos a Faculdade de Direito do Ceará, transferindo-se em seguida para o Rio de Janeiro, Distrito Federal, onde concluiu seus estudos superiores em 1917 pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, graduando-se bacharel em direito.

Como já mencionado anteriormente, as principais instâncias de formação e produção ideológica e cultural estavam ligadas à grande imprensa. Assim, o êxito das carreiras intelectuais dependia das estratégias ligadas às burocracias intelectuais, ou seja, nisso aparece a grande imprensa, as instituições políticas (Assembleias locais e nacionais) e organizações partidárias (os partidos políticos). Segundo Miceli:

A possibilidade de ocuparem essas novas posições dependeu não dos títulos e diplomas que por acaso tivessem, mas muito mais do capital de relações que lograram mobilizar. Na ausência de uma definição estrita da atividade intelectual como tal, bem como das “vias” que a ela conduzam, a posição em falso em relação à oligarquia constituiu decerto o trunfo mais seguro para que pudessem se inserir nesse mercado em expansão. (MICELI, 2001, p. 53)

Álvaro Maia iniciou suas atividades jornalísticas em publicações estudantis como a revista *Aura*. Ainda como estudante secundarista, começou a trabalhar no Jornal do Comércio, colaborando ainda no jornal *O Libertador*, todos de circulação local. No Ceará, onde começou seus estudos de Direito, foi um dos redatores do jornal estudantil *O Vaticano*, onde aparece com o codinome Alberto Maia e foi um dos colaboradores do jornal *Radical*. De volta a Manaus, em 1917, após a conclusão de seus estudos no Rio de Janeiro, Álvaro Maia funda junto com Caetano Estelita o jornal *A Imprensa*, cuja direção estava sob o comando do doutor Alfredo da Mata.

No início do século XX, o jornalismo tornara-se um ofício compatível com a atividade de escritor. Nesse sentido, é interessante observar o vínculo do poeta com o cenário nacional e as atividades jornalísticas. Em 1921, durante sua permanência no Rio de Janeiro, trabalhou na *Gazeta de Notícias*. Nos primeiros meses de 1926, foi nomeado pelo governo de Efigênio de Sales para o cargo de Diretor da Imprensa Oficial. A partir da II Guerra Mundial passou a colaborar de forma permanente para os Diários Associados por escolha pessoal de Assis Chateaubriand que, anos depois, publicaria um artigo como prefácio, *Na vanguarda da retaguarda* de Álvaro Maia; é assim que seus artigos passaram a ser divulgados e citados nesta corporação jornalística.

O jornal, no Brasil, aparece durante este período como de fundamental importância para a atuação dos intelectuais; para muitos deles os jornais serviam como uma fonte de renda, daí o fato de se submeterem a simples atividade de redação, sem nenhum cunho literário; servia também para criar um ambiente favorável para suas atividades de escritor. Em 1900, os jornais deram prosseguimento a essa intensa participação de escritores em seus quadros, entretanto, tal participação não se dava em função de um prestígio especificamente literário, ao contrário, são as notícias mundanas tais como as sessões policiais, ou sessões femininas, que lhes ampliaram as possibilidades de trabalho; segundo nos informa Brito Broca com relação à atuação dos literatos na imprensa:

Entre as inovações de nossa imprensa no início do século XX, com relação à literatura, podemos distinguir as seguintes: a decadência do folhetim que evolui para a crônica de uma coluna focalizando apenas um assunto, e daí para a reportagem; o emprego mais generalizado da entrevista, muito pouco utilizada até 1900; a crítica literária em caráter mais regular e permanente (BROCA, 2005, p. 209).

Segundo Pinheiro (2001), a emergência do jornal no Amazonas aparece como uma estratégia utilizada pela elite letrada que se utilizava de novas linguagens – o humor, a charge e a caricatura – para manifestar sua real opinião com relação ao sistema político vigente, mas também como uma forma de mediação entre uma pequena parcela da população instruída e a grande parcela com pouquíssima ou nenhuma instrução.

No Amazonas, como no resto do país, a imprensa também propiciou uma grande abertura para a participação de muitos intelectuais. Em Manaus, as revistas *Redenção* e *Equador* atrelavam notícias mundanas a poemas da elite intelectual amazonense. No Amazonas, a participação de “imortais” no exercício da profissão fazia parte de uma tradição que se estendia por todo o país (BROCA, 1996). Nesse sentido, é nos jornais que encontramos uma das principais instâncias de consagração para os interessados em criar uma carreira de sucesso no mundo das letras, onde aparece como uma espécie de centro de cooptação de intelectuais, fossem escritores consagrados, fossem jovens promissores que teriam destacada participação no estado-maior intelectual dos grupos dirigentes. Daí o engajamento desses intelectuais com as facções políticas desses jornais. Segundo o depoimento de Genesino Braga a respeito de Álvaro Maia:

Mas, poeta, romancista, conferencista, professor, político, parlamentar, chefe de Estado, o que, entretanto, em Álvaro Maia mais se fazia pronunciar era o jornalista. Foi através do artigo de jornal, durante toda a sua vida que ele dera impulso expansivo às suas ideias,

nas múltiplas atividades que exercera. [...] E foi como jornalista que ele revelou a sua vocação à causa pública, o seu ideal do bem comum, para obter, como recíproca, a compreensão íntima e instintiva de seus contemporâneos (BRAGA, 1969, p. 55).

A ligação de Álvaro Maia com a imprensa garantiu-lhe destaque em âmbito nacional, graças a sua participação nos *Diários Associados*. Esse fato refuta a ideia de que o poeta só se destacou literária/politicamente em nível local. Graças a sua amizade com Assis Chateaubriand e de sua atuação naquela corporação jornalística, Álvaro Maia manteve contato com a elite intelectual brasileira que se concentrava na então capital do país, Rio de Janeiro.

No entanto, segundo as palavras de Genesino Braga (1969), foi a atividade de jornalista que permitiu a Álvaro Maia alcançar, de fato, a consagração política, devido à própria lógica de circulação da imprensa que garantia uma velocidade para a exposição de suas ideias. Entretanto, não se deve deixar de levar em conta o fato de que, durante este período da República Velha, o controle dos jornais constituía-se em um importante móvel de luta na qual estavam envolvidas as facções oligárquicas; nesse sentido, o jornal aparece como um meio de vocalização dessas facções e para aqueles que estavam envolvidos nesse processo, ou seja, os diferentes intelectuais que acabavam por converter-se em representantes de tais facções.

Dentro de um determinado contexto do campo político, os distintos agentes se distinguem de acordo com o seu capital político, o qual, por seu turno, pode ser expresso e mensurado pelo usufruto de um capital simbólico de outros campos sociais, como, por exemplo, o capital intelectual que, ao ser reconvertido para o meio político, já desfruta de certa notoriedade. Ao converter-se um determinado capital simbólico em capital político, quando, por exemplo, da aquisição de um mandato político, abre-se a possibilidade de uma carreira política na medida em que o capital simbólico inicial fica subtraído pelo capital político conquistado. A aquisição desse capital político delegado a um determinado agente político dá-se através de uma espécie de *investidura*, como se fosse uma espécie de iniciação, e que marca a transmissão de um capital político. Essa *investidura* é feita, inicialmente, pela instituição à qual o agente social pertence, nesse caso, representado pelo contexto da República Velha no Brasil, a imprensa.

A imprensa converte-se em um poderoso instrumento de visibilidade e mostra-se como uma fonte potencial de formação de capital político, ou seja, a presença na imprensa não só pode gerar um determinado acúmulo de capital político, mas também

acaba por conferir maior visibilidade ao político ou à facção política que tal jornal representa, garantindo seu sucesso ou o seu fracasso.

Álvaro Maia também atuou como conferencista, fato que lhe rendeu uma grande notoriedade no estado e lhe possibilitou dialogar com intelectuais de destaque nacional tais como: Olavo Bilac, João do Rio, Félix Pacheco, João Lage, entre outros. As conferências, além de proporcionar maior visibilidade, garantiam um retorno financeiro. Dentre os principais conferencistas do estado, podemos destacar, além do próprio Álvaro Maia, Hemetério Cabrinha, que se consagrou como o “orador das massas” ao proferir discursos para agremiações operárias. Entretanto, tais conferências renderam a Álvaro Maia a possibilidade de estabelecer laços de intimidade com figuras nacionais; o “príncipe dos poetas” era famoso por promover almoços dominicais para as principais personalidades da literatura, fazendo-lhes toda a “corte” aos ilustres convidados (cf. PINHEIRO, 2001).

No entanto, foi através de sua dedicação às letras que Álvaro Maia conseguiu acumular capital simbólico e reconvertê-lo em capital político. Sua atuação como intelectual se divide em várias facetas, desde poeta, romancista, conferencista até professor; durante seu período de formação escreveu e elaborou seus versos sempre publicando nos jornais onde trabalhou; seus primeiros livros só aparecem em 1943, aos 50 anos de idade, quando já tinha se tornado um político consagrado.

Álvaro Maia teve sua estreia no mundo das letras ao publicar o soneto “Cabelos Negros” em o *Curumin*², jornal estudantil, em 1904. O poema demonstra um desejo do poeta em alcançar uma posição e sua própria inserção no mundo das letras, visto que, ainda muito jovem (então com 21 anos), ele simplesmente pretendia buscar sua própria legitimação como poeta.

Louca tormenta são os seus cabelos,
Cabelos negros como nunca vi!
Mágico poema de fatais anelos
Há nessas tranças, como nunca li!

Cabelos crespos, revoltoso oceano,
Cabelos negros como a tempestade!
Cabelos castos de infinito arcano,
Que me consolam nesta soledade!

Cabelos magos que me seduzem tanto,
Cabelos negros que beijar quisera,

² BATISTA, 1969, p. 124.

Cabelos plenos de magia e encanto
Cabelos lindos como a primavera!

Formosos laços de sonhado enleio,
Cabelos negros da mulher que eu amo,
- vagas olentes sobre um puro seio,
Por elas morro e, suspirando, chamo!

Nesse poema, a linguagem ficcional acaba por revelar os anseios do autor por uma legitimação como poeta. A figura da mulher por quem ele está apaixonado e anseia conquistar deve ser considerada como a própria necessidade do autor de se legitimar no interior do campo literário. Em sua trajetória inicial, Álvaro Maia ainda buscava uma legitimação entre seus pares como um verdadeiro poeta e, ao analisar seus poemas deste período, encontramos elementos que justificam a ideia de que a partir do discurso literário é possível produzir uma espécie de “efeito do real” (cf. BOURDIEU, 1996a).

Ao analisar sua obra durante este período, será possível perceber os instrumentos simbólicos e ideológicos imbricados na sua produção poética e que posteriormente foram por ele manejados no sentido de lhe garantir subsídios para se tornar uma referência de mudança no cenário político. A ideia dos *cabelos negros* aparece como uma espécie de justificção para a estratégia por ele adotada no sentido de construir uma imagem que pudesse diferenciá-lo dos outros poetas; nesse sentido, vem se construindo a figura do poeta que, posteriormente, ficaria conhecido com certa aura de místico. Em seu poema de estreia ele está preocupado com a sua própria legitimação entre seus pares, daí é possível perceber por meio destes elementos o processo de “envelhecimento social” pelo qual Álvaro Maia necessita passar, quando demonstrará que, apesar da pouca idade, ele precisa provar que já possui maturidade suficiente para ser considerado um poeta a fim de obter sua aceitação e legitimação no interior do campo literário.

Em 1918, figurou como um dos trinta fundadores da Academia Amazonense de Letras, tendo escolhido como patrono Maranhão Sobrinho, há pouco falecido. A escolha do patrono foi manejada com muito senso de oportunidade pelo poeta no sentido de se relacionar com a sua própria intenção de construir uma aura de poeta “puro”, tentando escapar, dessa forma, da ideia de que sua inserção no mundo das letras servia apenas como uma estratégia para uma possível inserção no campo político.

Foi eleito “príncipe dos poetas amazonenses”, título conferido pela revista *Redempção*, em 1925, tendo como concorrentes nomes de prestígio como Jonas da

Silva, Raimundo Monteiro, dentre outros. Esse concurso ressalta o valor que o público já tinha lhe conferido; para seu público, Álvaro Maia era o poeta “místico”, característica dada em função da conotação teológica que suas poesias transmitiam. Os temas sempre ligados à questão religiosa demonstravam uma mensagem salvífica que estava totalmente desvinculada das coisas materiais; nesse sentido, Álvaro Maia soube manejar essa legitimação no sentido de transformar o poeta/profeta no político messiânico que encarnou os ideais de mudança que o cenário nacional ansiava.

Os poemas alvarianos dão-nos palavras fraternas, místicas, cheias de pregação humana. Palavras luminosas, musicais, dirigidas a Deus. Sua poesia é um escrínio de bênçãos, um retalho da alma, um grandioso apostolado de fé, de canção e de esperança. Os sonetos ficam em nossa memória, repetem-se baixinho no silêncio de nossas horas de recorrência aos astros (SOUZA, 1969, p. 91).

O seu primeiro livro, na *Vanguarda da Retaguarda*, só foi publicado em 1943. O livro é uma reunião de crônicas aparecidas durante a campanha da produção da borracha. O prefácio foi escrito por Assis Chateaubriand sob o título “O Mujik da Steppe Verde da Amazônia”. Em 1956, publica *Gente dos seringais*, onde apresenta um mapa da região amazônica que serve de cenário para as suas narrativas. Em 1958, foram três volumes: um de poemas, *Buzina dos Paranás*, livro que é uma compilação de seus poemas, *Nas Barras do Pretório*, livro no qual Álvaro Maia pretende fazer uma espécie de “defesa” de sua atuação como político. E, no mesmo ano, publica no Rio de Janeiro o romance *Beiradão*, retratando o período de conquista do rio Madeira e seus afluentes que serviam de pano de fundo para dramas e tragédias.

Banco de canoa, publicado em 1963, retratava cenas de rios e seringais da Amazônia. Esse livro propiciou ao autor uma guinada em sua produção literária, convertendo seu estilo. Neste livro, a habitual solenidade, herança do simbolismo, muito próprio de sua juventude, passa a ser substituída por uma postura coloquial de períodos curtos e incorpora termos tópicos, sem desprezar os neologismos telúricos (cf. FARIAS, 2007).

Seguindo esse novo estilo, foi lançada em 1966 a coletânea de pequenas histórias intitulada *Defumadores e porongas*. Por fim, aos 64 anos, poucos meses antes de sua morte, Álvaro Maia lança o livro *Tenda de Emaús*, livro sobre suas divagações espirituais; nesse livro, o “místico” demonstra toda a sua elevação espiritual.

Ao observar a atuação intelectual de Álvaro Maia, é possível perceber um comprometimento com diversas tarefas políticas e ideológicas; entretanto, tal relação

reflete a própria necessidade do poeta de se manter no interior do campo literário num período em que ocorriam muitas lutas no sentido de impor os princípios e modelos estéticos que pretendiam fazer uma mudança de paradigma das artes – o modernismo.

No Amazonas, durante a década de 1920, eclode o movimento nativista denominado de glebarismo, sob a liderança de um grupo de jovens; tinha como fonte de inspiração o próprio Álvaro Maia, com o intuito de comemorar o centenário de adesão do Amazonas à Independência. Entretanto, o real motivo desse movimento era o de mobilizar a *intelligentsia* amazonense para assumir de modo mais incisivo o destino de seu povo. Segundo Elson Farias (2007), o movimento glebarista apresentou fortes indícios de ser uma repercussão no extremo Norte do movimento paulista de 1922.

No interior do movimento de 1922, atuavam muitas tendências e, dentre elas, surgiram fortes correntes nativistas como os grupos Anta e Verde-Amarelo. Em São Paulo o movimento se caracterizava, inicialmente, pela predominante preocupação com a estética. No Amazonas, por seu turno, tal preocupação centrava-se em uma conotação de natureza política (FARIAS, 2007). O principal registro deste movimento também serviu de fio condutor para a ascensão política de Álvaro Maia; foi o discurso “Canção de Fé e Esperança”, pronunciado no Teatro Amazonas, em 1923, tornando-se o documento mais importante do episódio glebarista no Amazonas.

Sua Canção de Fé e Esperança embalava, então, o espírito da juventude amazonense, como o Hino da Vitória de uma revolução que arrancara a boa terra da inércia em que a detinham governantes ultrapassados, menos por falta de merecimentos próprios, de valor individual e de merecimentos intelectuais, do que pela ação do tempo, que é inelutável e não se compadece com a cristalização improgressiva de moldes administrativos envelhecidos (BARROSO, 1969, p. 107).

Esse discurso transformou-se numa espécie de ideário de vida, constantemente lembrado por lideranças intelectuais como um programa de ação que orientaria a vida política, e que posteriormente voltou às mãos dos amazonenses por um longo período. Durante o período republicano, o glebarismo foi o movimento de maior relevância para a vida política do Amazonas.

A vida de Álvaro Maia adquiriu certa relevância na sociedade em função da sua carreira como professor durante a década de 1920 no Ginásio Amazonense Pedro II; entretanto, sua notoriedade provinha acima de tudo do fato de ele ser um poeta, equacionando, assim, o dilema em termos de engajamento político. Nesse sentido, a análise do seu caso torna-se fecunda no sentido de permitir evidenciar que, nesse

momento de sua vida, a docência serviu como um móvel central de luta no campo intelectual da época, na medida em que permitiu aferir o valor socialmente atribuído aos postos propriamente dos intelectuais e os estados da concorrência em relação às posições cobiçadas.

Quando Álvaro Maia resolveu ingressar na carreira docente, já havia se firmado como jornalista, poeta, prosador e membro renomado da Academia Amazonense de Letras. Álvaro Maia foi nomeado pelo interventor Alfredo Sá para a função de professor interino do Ginásio Amazonense Dom Pedro II, em 1925, assumindo diversas cadeiras nesta instituição. Ensinou, efetivamente, até 1930. Nesse período, ainda lecionou no Colégio Dom Bosco, onde tentou continuar a dirigir as classes em 1931, já interventor federal, verificando, logo no início do ano, a falta de tempo. Entre 1931 e 1933, enquanto esteve no Rio de Janeiro, voltou ao magistério em colégios particulares, tendo atuado ainda como inspetor de ensino.

Rapidamente Álvaro Maia tornou-se uma liderança intelectual que defendia doutrinas nacionalistas, criticando o governo por ter arruinado, através de sua influência permissiva, o quadro das transições regionais. Essas doutrinas não ficavam apenas permeando as lutas por posição entre os docentes. Ultrapassaram esse limite, chegando até as organizações estudantis. Nesse contexto, o Ginásio Amazonense Dom Pedro II se constituía para o Amazonas com a mesma relevância que, no Rio de Janeiro, a Faculdade de Direito a detinha, ou seja, como uma das principais instâncias de recrutamento e formação do futuro quadro de políticos e intelectuais das classes dirigentes da oligarquia.

Álvaro Maia passa a representar o papel de uma figura de relevância entre os estudantes do Ginásio Amazonense Dom Pedro II. De tal maneira adquiriu liderança e carisma entre as elites que passou a ser o intérprete ideal de seus anseios, tornando sua presença indispensável nos principais eventos sociais, ou seja, foi através de sua atuação como professor que Álvaro Maia recebe a delegação de ser o porta-voz das elites oligárquicas.

A admiração e fascínio que Álvaro Maia exercia sobre seus alunos rendeu-lhe capital simbólico suficiente para uma reconversão em capital político. Seu estereótipo de “místico”, sua linguagem e sua vestimenta reforçavam essa percepção, facilitando certa adesão dos seus alunos e admiradores. Tal admiração deu-se devido ao próprio posicionamento político de Álvaro Maia; sua participação ia além dos círculos culturais

ou instituições educacionais e, assim, seu nome passou a ser reconhecido como símbolo de mudança.

Ao se fazer uma análise sociológica de discursos, é necessária a proposição de outra forma de metodologia; no entanto, no caso específico dos discursos de Álvaro Maia pronunciados durante este período, é possível fazer uma reconversão para uma análise sociológica de obras literárias, pois se trata de discursos com conotação poética, viabilizando uma possível alteração do caráter da análise.

Em seu discurso “Canção de Fé e Esperança”, Álvaro Maia desfraldou a bandeira da rebeldia em que os jovens seriam os herdeiros do compromisso para com o estado e a nação, isto é, delegava aos seus jovens alunos a função de se rebelarem contra as elites titubeantes e a proclamarem uma revolução contra o sistema político decadente.

Aos moços amazonenses – homens em botão e mulheres em manhã – cabe arquitetar a obra ressurgente, em qualquer profissão que tentarem, mas principalmente no trabalho de ensinar crianças – de formar almas e modelar caracteres. Cabe às professoras que vão exercer seu magistério em meio selvagem, desbordante de beleza e tremendo de ferocidade: muitas desconhecem, no descuido do altruísmo, o papel preponderante que desempenham, lutando, como guerreiras sem munição, num Estado em que o problema da instrução, executando Manaus e alguns pontos do interior, é uma tristíssima, dolorosíssima incógnita, devido à escassez de verbas (MATA, 1969, p. 63).

O fascínio que Álvaro Maia exercia sobre seus alunos ia além dos bancos escolares. Sua fama e prestígio se destacavam além de outros grandes nomes da intelectualidade amazonense deste período. Segundo Monteiro (1996), os professores Agnello Bittencourt e Álvaro Maia destacavam-se como os principais motivos de admiração entre os alunos. Agnello Bittencourt apresentava características de sua personalidade que propiciavam essa comparação com Álvaro Maia. Aquele sempre cortês demonstrava uma postura impecável e sempre trajava roupas escuras. Por outro lado, Álvaro Maia, mais comunicativo, sendo cortejado pelos alunos com maior frequência do que outros professores do Ginásio Amazonense Dom Pedro II, um assédio que vinha inclusive por parte das mulheres. O “velho Agnello”, como era conhecido dentre os alunos, causava um profundo respeito, a despeito das anedotas apregoadas pelo alunado em sua ausência. Contudo, Álvaro Maia exercia uma espécie de fascínio sobre seus alunos, estabelecia de fato um elo de amizade e confiança com seus alunos tanto em sala de aula quanto em conversas informais pelos corredores; era contra os tradicionais castigos regimentais ou repreensões públicas. Este foi um dos

fatores que o levaram a servir de fonte de inspiração para suas ações que culminaram com o motim que se deflagrou em 1930 no Ginásio Amazonense Dom Pedro II.



Figura 1: Foto de Álvaro Maia, conhecido por sua cabeleira farta.
Fonte: Baze, 1998.

Álvaro Maia estabeleceu um perfil que, de acordo com os padrões da época, atendia às demandas do público, conseqüentemente, de um potencial eleitorado. Trajando sempre ternos de cor branca, construía assim um perfil próprio de poeta e místico, com cabelos fartos e uma oratória desenvolta; foi se criando, assim, a figura do poeta com ares messiânicos que aparecia como a única resposta viável para encarnar as mudanças de que o estado necessitava. Ele, por sua vez, via a política como uma “missão” que lhe foi incumbida pela sociedade amazonense e que deveria cumprir essa missão com o maior afincamento possível.

Sempre de branco, alegre continuamente, cabelos fartos e poeta (ou místico?) na maneira de servir-se da cátedra para influenciar, ele se tornaria nosso ídolo, elemento a um só tempo perigoso e aceito como líder, se houvesse condições e oportunidade. E, no entanto as condições e oportunidades surgiram mas ele era avesso, sempre fora, à violência e não se prestaria a insuflá-la, aceitando o respaldo da política de 1930. E foi a política que o desviou da religião a que se votara o moço idealista, o teórico da célebre *Canção de Fé e Esperança* (MONTEIRO, 1996, p. 162).

Através desse perfil construído por Álvaro Maia, seu discurso passou a refletir uma retórica que evidenciava pontos que demonstram algum tipo de identificação com seu público/eleitor, exercendo, dessa forma, uma espécie de “violência simbólica” sobre

seus receptores. É nesse sentido que Álvaro Maia se configurava como um representante ideal para esse projeto de remanejamento do pacto oligárquico.

Segundo Miceli (1979), essa condição de ambiguidade na qual os intelectuais de um modo geral se encontravam como dependentes material e institucionalmente do poder público, tornou-se estratégia no campo da produção cultural. Assim, situam-se na condição de dependentes do estado, em que, ao mesmo tempo em que anseiam por libertar-se da condição de produtores de uma obra engajada, cedem aos encantos de justificações idealistas.

Entretanto, dentro deste projeto político ideológico, é possível perceber que Álvaro Maia só ascendeu ao poder contando com uma rede de apoio que se espraiava pelas classes dirigentes. Nesse caso, o poeta aparece vinculado a diversas áreas e atuava como porta voz dos setores oligárquicos, mantendo e reproduzindo políticas protecionistas e garantindo, dessa forma, os interesses de seus “protetores”. Assim, submetendo-se a estratégias comuns deste período, Álvaro Maia envolveu-se em inúmeras atividades ligadas ao funcionalismo público, fato que possibilitou a ampliação de sua rede de relações.

Foi secretário do monsenhor Raimundo Oliveira do superintendente do território federal de Guaporé (atual Rondônia), entre 1920 e 1921. No ano de 1922, participou da comissão de propaganda e organização do centenário de independência do estado do Pará, então chefiada pelo cunhado Djalma Cavalcante. No mesmo ano, tornou-se relator da Comissão de Saneamento Rural do Amazonas, função que exerceu até a eclosão da revolta de 1924 no 27º Batalhão de Caçadores, em solidariedade ao levante de guarnições paulistas contra o governo de Arthur Bernardes.

Logo após esse período, Álvaro Maia inicia suas atividades políticas em uma organização partidária, o recém-criado Partido Revisionista, sem prejudicar suas atividades na Comissão de Saneamento Rural; foi, então, nomeado Secretário da Prefeitura Municipal de Manaus na gestão de Jessé Francisco de Araújo Lima. Na Associação Comercial do Amazonas, foi assessor jurídico até 1930.



Figura 2: A relação de proximidade com as classes rebaixadas.
Fonte: Baze, 1998.

Como intelectual, Álvaro Maia era um reformador do pensamento político da região; toda a sua obra, e, em especial, sua produção literária inicial, estava fundada em uma espécie de nativismo que tinha como elementos principais a paisagem e o homem da Amazônia. Nesse sentido, usou a defesa e valorização do caboclo como um elemento importante para lhe trazer relevância política. Outra estratégia muito bem manejada por ele era sua capacidade de adquirir a admiração das classes menos favorecidas; apesar de oriundo de família abastada, Álvaro Maia tinha facilidade em dialogar com setores sociais mais rebaixados, na medida em que buscava elementos com os quais poderia identificar-se. Como salienta Farias:

Ele conhecia muito bem a sua gente. Desde muito jovem, exercício de funções político-administrativas ou parlamentares [...], mas nunca esqueceu as suas origens. Todo ano reservava alguns dias para ir a casa de sua mãe, no sítio do Goiabal, lugar onde nasceu, plantado às margens do Madeira, e ali se reunia com os caboclos, tirava o paletó e gravata, vestia uma roupa de brim, que é a indumentária própria dos pescadores amazonenses, enrolava as pernas das calças e, de pés descalços, embarcava na canoa para viver a vida que o viu crescer (FARIAS, 2007, p. 165).

A partir desta imagem construída, Álvaro Maia foi nomeado em 1930 para o cargo de interventor por Juarez Távora, chefe da revolução no Norte e Nordeste. Cargo que ocupou até o início de agosto de 1931, quando pediu sua exoneração por divergências políticas. Uma das características mais importantes da habilidade política de Álvaro Maia era o fato de saber o momento certo de se afastar dos embates políticos

e ressurgir em outro momento mais oportuno. Após sua exoneração do cargo de interventor, permaneceu no Rio de Janeiro exercendo outras atividades.

Retorna em 1932 para Manaus quando ocorre a convocação de eleições para a formação de uma Assembleia Constituinte, em que ajuda a fundar a União Cívica Amazonense (UCA). No pleito realizado em 1933, a UCA elege, além de Álvaro Maia, mais três deputados, tomando posse no final do mesmo ano. Em 1934, foi eleito deputado federal pelo Partido Popular (PP); entretanto, não chegou a assumir o cargo, pois em 1935 foi eleito Senador da República e logo em seguida nomeado novamente governador do Amazonas. Optou por este último cargo que tomou posse em fevereiro de 1936. Getúlio Vargas o nomeia Interventor Federal em 1937, mantendo-se no cargo até 1945.

Integrando o Partido Social desde sua fundação, foi eleito Senador federal em 1945; durante este mandato, foi presidente da Comissão de Diplomacia da Câmara e fez parte da delegação do Brasil na ONU, em Paris, em 1948; nessa ocasião discursou sobre o tema o genocídio. Em 1950, foi eleito governador do estado pela coligação do Partido Social Democrata (PSD) com o Partido Democrata Cristão (PDC). Entretanto, Álvaro Maia deixa a chefia do governo antes do término do mandato para se candidatar novamente ao Senado em 1954. Derrotado, transfere-se de Manaus para o Rio de Janeiro, onde abre um escritório de advocacia junto com o Dr. Paulo Marinho.

Em 1958, foi nomeado presidente da Caixa Econômica Federal. Após duas derrotas em eleições em 1958 e 1962, foi mais uma vez eleito Senador da República pela legenda da Aliança Renovadora Nacional (Arena), iniciando o mandato em 1967; nessa ocasião, precisou se licenciar da presidência da Academia Amazonense de Letras, cargo que vinha exercendo desde 1966. Casado com Amalises Cavalcante Maia, com quem teve duas filhas, faleceu em maio de 1969 durante seu mandato como senador.

Capítulo 2

O príncipe dos poetas

A linguagem alvareana mescla elementos da realidade amazônica (a floresta, os rios, o caboclo, o seringueiro) com elementos comuns ao simbolismo. Portanto, é possível perceber que a obra poética de Álvaro Maia além de estar envolta por um manto de engajamento social e político, apresenta características simbolistas.

Embora os poemas de Álvaro Maia apresentem conotação mística ligada à religiosidade, vale ressaltar que estamos interessados especificamente em sua produção poética em inícios da sua trajetória. Assim, sua obra, apesar das conotações alegóricas e estilísticas, reflete também o retrato fiel do seu tempo e tece inúmeras críticas à atuação política do estado.

Através dessa aproximação de sua obra com a realidade do estado, o poeta pode transmitir aos seus leitores de forma direta uma nova concepção sobre a política e demonstrar seus próprios sentimentos sobre os eventos que o circundavam, tais como a brusca queda do preço da borracha em 1910.

Segundo Sevcenko (1983), os textos literários do início da República Velha estavam se modificando; para além de mudanças de escolas literárias, ocorria uma mudança nos valores éticos e sociais tanto no âmbito das instituições sociais quanto no comportamento dos literatos que, no início do século, se converteram em homens de ação que faziam uma literatura engajada. Estes homens possuíam certa predisposição para a liderança e a gerência político-social, como o próprio Álvaro Maia. Nesse sentido, a obra literária passou a ser uma espécie de termômetro dessa mudança de concepção pela qual a sociedade estava passando.

Os temas constantes na obra alvareana estão relacionados ao homem e à paisagem amazônica (cf. BRITO, 2001). Aparece também como tema fatos concernentes à realidade social do Amazonas como a crise da borracha e o trabalho do seringueiro. Esses temas se refletem de tal forma em sua obra que se torna impossível dissociá-los ou tratá-los de forma isolada, pois podemos correr o risco de comprometer a compreensão da produção de Álvaro Maia.

Dentre os personagens mais frequentes em seus textos, aparecem: o seringueiro, o caboclo, o índio, o estrangeiro, nordestinos, personagens do povo, tais como, o padre, trabalhadores; o coronel de barranco (o dono do seringal). No romance

Beiradão (1953), por exemplo, Álvaro Maia constrói personagens típicos do seringal para relatar o apogeu e a crise da borracha.

Os poemas alvareanos, no entanto, apresentam esses personagens de forma mais genérica; apesar de sua obra poética estar assentada em um gênero simbolista, em que a linguagem figurada prevalece, os personagens se apresentam como tipos ideais; *seringueiro* que aparece no poema *A Buzina*³ (1926), a *índia brava*, no poema *Narcisa*⁴ (1925).

Os ambientes em que Álvaro Maia apresenta seus personagens são também diversos dentro da paisagem amazônica. Suas descrições envolvem os rios da Amazônia, palafitas, seringais e diversos espaços que compõem o cenário amazônico. No poema *Jangada de cedros* (1927), Álvaro Maia refere-se “*as maternas águas do Madeira*”, tratando do próprio rio Madeira; segundo Rosa Mendonça de Brito, o cenário aparece para o poeta como:

Selva, rios e canoas compõem o cenário em que habita o homem amazônico. Nele encontramos o amazônida Álvaro Maia a exaltar as grandezas da terra e de seus habitantes, procurando retratar com fidelidade aquela realidade (BRITO, 2001, p. 21).

A obra alvareana passa a possuir um caráter extremamente complexo; no período de 1910 e 1920, em sua trajetória inicial, já é possível observar suas publicações como uma espécie de instrumento complexo no qual atuava como um veículo de arte, reflexão, conhecimento, inquietação, crítica social e política. No entanto, é possível perceber também que sua obra está fundada em uma mensagem mística que exprimia sonhos e esperanças, levando-se em conta que, durante este período, seus poemas, contos e crônicas eram publicadas somente em revistas e jornais; a velocidade de circulação destes veículos de comunicação e a situação política e econômica faziam com que aqueles não aparecessem apenas como uma espécie de distração, mas se reconvertiam em uma importante estratégia para a ascensão de um líder. Nesse contexto, sua obra literária, especialmente sua produção poética, passa a se converter em um importante instrumento de concepção social, sem se desvencilhar, todavia, da temática comum ao simbolismo – amor perdido. Entretanto, essa temática funde-se com a realidade e perde seu tradicional significado (aquele relacionado à perda da mulher amada e idealizada) e passa a se referir ao próprio estado do Amazonas e a

³ BAZE, 1998.

⁴ Ibid.

perda do antigo amor no qual sua população e, principalmente, seus governantes, já não conseguem nutrir pela sua terra mater.

2.1. A construção da uma identidade poética e política

O estado do Amazonas tinha vivido, ao longo de duas décadas, um crescimento vertiginoso e uma derrocada ainda mais rápida. E o ano de 1910 exprimiu de modo muito evidente este processo. A região norte, principalmente Belém e Manaus, desfrutaram de toda riqueza e desenvolvimento provenientes do lucro obtido através do comércio da borracha, detonando uma rápida transformação destas então vilas em cidades. O período áureo da *hévea* contribuiu para a modernidade de Manaus, atípica para a época, mas também para que a cidade alcançasse um forte surto de prosperidade econômica.

Os poemas de Álvaro Maia, ao longo da década de 1910, exprimem claramente o processo histórico em curso no qual ele estava inserido, pondo, assim, sua obra poética em uma dupla situação: uma espécie de registro de um período cuja situação financeira do estado é de prosperidade e desenvolvimento e, ao mesmo tempo, em que o poeta começa a expressar seus anseios e projetos como uma alternativa para o contexto social e político da época. Nesse diapasão, a construção de sua própria imagem de intelectual vai ganhando contornos mais claros ao tentar se inserir no campo intelectual e apostar que suas tomadas de posição lhe garantam o sucesso intelectual e político.

Durante a década de 1910, Álvaro Maia, ainda um estudante, exprime em seus poemas muito de seus dilemas; se seria apenas um poeta e se se dedicaria única e exclusivamente à carreira literária, ou faria como muitos dos intelectuais desse período que ingressavam nos aparatos de poder, processo este que se converteu na modalidade preferencial de cooptação dos intelectuais do período como uma estratégia para colocá-los numa situação de segurança contra as oscilações de prestígio, imunes assim às sanções do mercado (MICELI, 1979).

No poema *Alma Vagabunda*⁵(1911), o poeta faz inúmeras divagações sobre sua condição de intelectual; os temas iniciais de Álvaro Maia refletem um literato começando a se inserir no mundo das letras e precisando se encontrar. Assim uma temática constante em sua obra, comum ao longo desse período, são as suas próprias

⁵ MAIA, 1911, s/p..

angústias no âmbito do espaço social mais abrangente e a necessidade de tomar determinadas posições em função do fato de saber precisar se “definir” em sua vida como intelectual.

Já viste por acaso um cemitério
Cheio de ossos das fúnebres caveiras
De mausoléus de todas as maneiras
Que nos dão um pavor triste e funéreo?

Quando o relógio lugrube as primeiras
Pancadas vae batendo em tom sidereo,
Á meia-noite- a hora do mysterio,
Soltam gritos as aves agoureiras

Nesse momento geme a ventania
E ergue-se uma visão
Toda envolta por tétricos horrores

É a imagem terrível de minh'alma
Que passa pelo mundo sem ter calma,
Mergulhada no pântano das dores?

O autor questiona o motivo de tanta angústia. Neste soneto, é possível perceber o modo como o autor via o processo de definição de sua vida intelectual e a sua indecisão entre produzir uma obra poética sem cunho social ou mais comprometida com a sociedade. Segundo Bourdieu (1996a), existem determinantes incorporados sob a forma de relações e interações sutis no interior do campo intelectual; Álvaro Maia inteirava-se desse jogo e, por meio desta condição e no período da década de 1910, começava a definir suas estratégias e suas tomadas de posição para impor sua permanência no campo e obter reconhecimento.

A relação com a morte e com a perda reflete um sentimento de perda de uma posição mais pura. Assim nos versos 5 e 6: “quando o relógio lugrube as primeiras pancadas/vae batendo em tom sidereo”, a temporalidade a que o autor se refere está relacionada ao fato de qual era o momento de se posicionar no campo intelectual; “o príncipe dos poetas” sempre buscou construir uma imagem que inspirava confiança. Pois matinha certo cuidado em acumular o crédito e evitar o descrédito pessoal, buscando, para tal, a preservação da sua imagem através de certa prudência em suas atitudes nos momentos certos e de precaução em momentos de crise; isso é possível de perceber mais claramente quando do seu posicionamento na Revolução de 1924 e no motim ginasiano de 1930 (cf. SANTOS, 1996; MONTEIRO, 1996)

Entretanto, o soneto apresenta outro ponto importante quanto à condição de um intelectual começando a se inserir na vida política, pois tanto a retórica de seus discursos como a de sua obra poética apresenta elementos que denotam um caráter de “mudança”, elementos que podem ser considerados como os mais importantes para sua ascensão política futura ocorrida na década de 1930.

No Amazonas, durante o período áureo da borracha, a situação política não era coesa, daí o fato de todos os governadores da Primeira República serem de fora do estado (SANTOS, 1996). Nesse sentido, o poeta usava sua arte através da temática empregada para criticar os grupos oligárquicos no poder, pois estes apenas estavam preocupados com seus interesses pessoais e não garantiam uma política de proteção econômica para a borracha, principal fonte da renda do estado durante esse período.

No verso 12, “É a imagem terrível de minh’ alma”, que imagem terrível é essa? A partir da década de 1910, o estado passou a sofrer com a queda do preço da borracha, neste sentido, este verso desvela que, além da linguagem ficcional, o autor se utilizava da linguagem poética para tecer críticas ao seu contexto social. Para o autor, o Amazonas constrói nesse momento uma máscara em relação a real situação política do estado, visto que a corrupção cada vez mais crescente só demonstrava que os políticos no poder governavam apenas para os donos e comerciantes dos seringais, a grande maioria da população vivia em estado de extrema pobreza.

A obra poética alvareana pretende posicionar-se diante do mundo social como uma reverberação direta das características sociais do seu autor, refletindo de igual modo as demandas de um público específico (BOURDIEU, 1996 a). Nesse sentido, é possível observá-la como uma forma de manifestação artística condutora de diversos aspectos sociais da realidade que visa retratar. No entanto, para que ela exista e seja dotada de certa função, é necessário que haja uma troca de valores entre o autor e seu público. Dessa forma, certos elementos advindos de enredos, no caso da obra alvareana (os rios, os seringueiros, os índios) cumprem uma função social: criar um espaço de interação de valores sócio-históricos entre os sujeitos aí envolvidos (poeta e seu público/eleitor); a literatura só existe por meio desse intercâmbio social.

Sabe-se que, através da análise sociológica, pode-se observar o posicionamento do autor no interior do campo. O soneto *Poesia*⁶ (1926), apesar de ser datado da década de 1920, ainda reflete as angústias do autor em relação à função social de sua obra no

⁶ Idem, 1926, s/p.

interior do campo literário; embora já estivesse envolto em diversas tarefas políticas e sociais o autor ainda estava diante de uma situação de conflito, pois, em sua trajetória inicial, ele precisava se autodefinir, e diante disto surgia o dilema: fazer arte pela arte?

Meu coração é cedo! Não te afundes
Na dor de sonhos fúneros, inscriptos
De eterno anseio por eternos mythos,
Em trêdos ais e longos de profundis...

Busca os céus, onde fuljam róseos ritos,
Róseos mysterios em que te aprofundes,
E destróe o pavor de que te infundes,
Provendo culpas aos teus proprios gritos...

Deixa, um instante a solidão! A vida
É transformismo, é ascese indefinida,
É doirar de volúpia as sombras frias...

Ó machina de dynamos de sangue,
Arranca e suga de meu corpo exangre
Beijos novos por novas energias

Essa inquietação por um posicionamento, que não o leva a fazer uma obra voltada para interesses, angustiava o poeta. Nos versos 5 e 6: “Busca aos céus, onde fuljam róseos ritos,/ róseos mistérios em que te aprofundes”, os céus que o autor procura referem-se ao modo como ele percebe a questão de fazer uma poesia pura, tal qual como ansiavam os poetas simbolista, isto é, o que o autor anseia são as tomadas posições mais puras, ou seja, ele queria fazer uma literatura livre de interesses, onde não necessitasse obedecer a interesses políticos ou econômicos, no entanto, ele percebe, que durante sua vida, acabou se envolvendo em diversas tarefas políticas e, conseqüentemente, escrevia uma literatura totalmente engajada.

O autor se vê diante de uma posição nobre a ser tomada, ou seja, os eternos mitos de uma poesia totalmente envolta em uma esfera sagrada e imune às interferências externas; o soneto analisado acima revela um grande dilema do poeta em relação a essa necessidade de se posicionar; nesse momento do jogo ele ainda aposta em uma consagração desvinculada de tarefas político-ideológicas; no entanto, talvez uma consagração em âmbito nacional, como ocorreu no caso de Raimundo Monteiro, não chegou e ele teve de se submeter aos estabelecimentos de dominação do período.

O soneto alvareano resistia às interferências da modernidade sobre a poética pura. Assim, essa máquina a que ele se refere é a imprensa: “Ó machina de dynamos de sangue/Arranca e suga de meu corpo exangre”, nos versos 12 e 13, observa-se que para

Álvaro Maia a imprensa serve para retirar do poeta essa virtuosidade, devido aos ditames de um sistema maior. Nesse sentido, não se pode esquecer que as instâncias de consagração neste período estavam vinculadas à grande imprensa e, portanto, não era possível uma prática da “arte pela arte” propriamente dita; assim, a poesia necessita se submeter e “servir” a determinadas condições, enquanto o campo intelectual ainda não se encontra relativamente autônomo para proporcionar tais condições a um artista.

A temática política era encontrada, também, nas primeiras publicações de Álvaro Maia durante a década de 1910; no texto *Soneto*⁷ (1911), um soneto crítico, o autor tece suas primeiras oposições aos ditames dos grupos oligárquicos no poder e, graças à imprensa, que garantia velocidade de informação e a liberdade dos pasquins onde ele podia se expressar de forma mais desinibida (PINHEIRO, 2001), o poeta começava a construir sua identidade como líder intelectual e político.

Despeço-me de ti como o proscrito
Que da risonha pátria desterrado
Parte para cumprir seu negro fado
noutra pátria de fel e granito

Onde somente echôe o triste grito
De qualquer animal desnaturado,
E donde não divise o desgraçado
Nem passar uma nuvem no infinito.

Adeus! Em um desanimo profundo
Vae fenecendo toda a minha vida
Desde o momento desta despedida

De mim agora fuge toda calma
E é tão triste a saudade de minha' alma
como é entrestecido o próprio mundo

Este soneto revela de modo mais claro as intenções do autor; não se trata da perda da mulher amada (principal tema da poesia simbolista), mas refere-se à saudade de sua terra, com um forte tom bucólico ele trabalha com uma visão do passado melhor que o presente em que ele se encontrava. Durante esse período, o jovem Álvaro Maia fazia seus estudos fora do Amazonas e deixava a sua terra para quem ele sempre enleva termos amorosos; o poeta sempre manteve uma retórica tanto em sua obra literária quanto em seus discursos que valorizava a Amazônia, isto estava ligado ao regionalismo, uma característica comum à sua obra e que foi posteriormente manejada

⁷ Idem, 1912, s/p.

para se reconverter em um trunfo político, onde o poeta, por tanto amar seu estado, teve a missão de ingressar na política.

Carente de uma substância mais efetiva, a literatura, contudo era inegável a forma cultural por excelência do período para a qual convergiam todos os esforços de redefinição dos valores sociais pelo processo de transformação histórica. O prestígio ímpar da literatura a transformava num instrumento particularmente de propaganda intelectual (SEVCENKO, 1995, p.227).

Todavia o soneto apresenta elementos que identificam certo tom crítico do autor com relação ao seu contexto sócio-histórico; nos versos 5 e 6: “Onde somente echôe o triste grito/de qualquer animal desnaturado”, o autor dá a entender a sua decepção, pois acredita que, apesar de aparente estabilidade financeira do estado, não existe uma coesão política; tal falta de coesão permite que o estado não receba uma política de incentivo necessária para a economia gumífera; assim Álvaro Maia vai fundamentar suas críticas contra essa falta de coesão política.

Ele afirma que já perdeu a calma, o tom do verso mudou o pessimismo e deu lugar à preocupação com relação à situação política do estado e teme pelo futuro, pois, tal postura começava a refletir a profunda crise da borracha na região. Foi, na década de 1910, que começou o colapso no preço da borracha devido às limitações de expansão da produção da borracha nativa e também à produção em larga escala desenvolvida da Ásia.

Neste poema, o saudosismo aparece na linguagem alvareana como um lamento de um período em que passou de prosperidade e desenvolvimento; e como filho de seringalista, não lhes atribui a culpa pela falta de incentivo para uma agricultura em larga escala, ao contrário, deposita a culpa nos políticos corruptos que estavam preocupados com seus próprios interesses e não deram a devida assistência à política econômica (SANTOS, 1996).

2.2- A realidade Amazônica nos poemas de Álvaro Maia

Com o surgimento da borracha produzida em série na Ásia, Manaus começou a experimentar um aparente declínio graças à utilização de métodos de produção ineficientes e causais. O estado passou a sentir o peso desta crise, assim como não recebeu a mesma assistência do Governo Central como ocorreu com a crise do café.

Em Manaus, a prosperidade havia cedido lugar ao pânico, quando o histórico ano de 1910 chegou ao fim. Cessaram as atividades

frenéticas tão características de uma cidade em expansão. As docas e os armazéns iriam deteriorar-se mais tarde; bancos fechariam; comerciantes estrangeiros mudar-se-iam para outras plagas; o Teatro Amazonas ficaria entregue ao abandono (BURNS, 1966, p. 37).

Neste contexto, os poemas de Álvaro Maia exprimem uma nostalgia deste período áureo e observa certa paralisia das cidades do Amazonas, principalmente da capital Manaus, pois, mesmo sendo parte da República Velha, guardam integralmente as características do período colonial brasileiro, tais como a dependência político-econômica de outros estados. O poeta critica e se contrapõe à passividade da elite oligárquica dominante, aludindo sempre a uma mudança que virá da união do povo; o poeta acredita que através da exaltação das riquezas amazônicas começará a reação contra esses grupos corruptos no poder; neste sentido, sua poesia está carregada de realismo e de certo engajamento social.

O soneto *Estéril*⁸ (1920) reflete, também, outro ponto importante quanto à condição de um intelectual começando a se inserir na vida política e, como já foi dito anteriormente, tanto a retórica de seus discursos como a de sua obra poética apresentam elementos que denotam um caráter de “mudança”, elemento este que pode ser considerado como o mais importante para sua ascensão política futura, e isso na medida em que o sistema político vigente se encontrava em colapso.

Falena doidejando em fútil meio bobo,
Traí minha beleza e pratiquei um crime...
Pousei de riso em riso e não amei, -vendi-me!
Fiz à própria existência um lancinante roubo...

Estéril, sem tremer ao maternal arroubo,
Para matar a angústia imensa, - dividi-me
Entre a dor da lembrança e a mágoa que me oprime,
Sentindo roer-me o ovário um famulento lobo...

Os nervos, na prisão da carne em fúria, bolem...
E meu corpo, que é céu, contém o horror do inferno,
E minh'alma, que é luz, rola em pleno negrume...

Tranquei a alva corola aos remígios do pólen,
Fugi ao sol nupcial e procurei o inverno...
Morro sem ver o amor! Morro sem ter perfume!

Para além da linguagem poética com forte conotação simbolista, tal soneto revela um incômodo por parte de Álvaro Maia com relação à situação econômica de seu estado. O poema dá a entender que se trata de uma borboleta procurando um pouso

⁸ Idem, 1920, p. 55.

seguro, no entanto esse tema fictício apresenta elementos reais que são oportunamente manejados pelo autor com o intuito de apresentar críticas à situação econômica e política do Amazonas. No entender do poeta, o estado do Amazonas estava estéril, pois, sob aquelas condições não tinha capacidade de produzir riquezas; durante o período de prosperidade (apogeu) o estado não produziu condições para sua sobrevivência sem a borracha; os caboclos do interior e os nordestinos que migraram no período áureo só se dedicaram a cultura, trabalhavam com a castanha de maneira esporádica quando as condições do mercado permitiam, isto é, sua principal fonte de renda era a borracha (SANTOS, 1996).

Quando o autor fala no verso 3, “Pousei de riso em riso e não amei, - vendi-me!”, mostra um poeta perdido; no entanto, esse verso reflete o que ele sente com relação ao seu estado, a impossibilidade de vislumbrar outra forma de mudar a história política e econômica do estado se não for pela união da população. Neste poema de lamento, observam-se os posicionamentos reais do poeta, seu lamento diante da passividade dos políticos locais com relação ao mau aproveitamento dos lucros do mercado gumífero. Segundo Álvaro Maia, a frágil borboleta é comparada à frágil política interna, sem coesão e sem o apoio federal, não soube se valer da “política dos Governadores” de Campos Sales, sobre a qual foi montada a principal engrenagem de funcionamento do federalismo republicano (SANTOS, 1996).

O que o autor não conseguiu encontrar? Se o soneto apresenta elementos que estão sujeitos a um conjunto de forças de atração e repulsão exercidas pelo campo do poder, assim pode-se compreender que, apesar de se tratar de um tema ficcional, também está relacionado com a própria situação em que Álvaro Maia se encontra dentro de seu contexto histórico-social.

No soneto *Cárcere Virgem*⁹ (1925) aborda uma das questões mais comuns da poesia simbolista- a perda da mulher amada. Todavia, a temática da mulher amada que se encontra presa revela que o autor utilizou da temática ficcional para transformar sua literatura em um instrumento crítico de engajamento social, deste modo, essa amada não se trata de fato de uma mulher; o autor usa a figura da mulher amada para representar o sentimento que nutre pelo estado do Amazonas.

Em teu corpo de nubil se anniquila,
Estrangulado por um cancro interno,
O sol germinador que, em sonho terno,

⁹ BAZE, 1998, p. 69.

Te incendeia de auroras e pupilla...

Vês o tempo correr, carne intranquilla,
sem o sanguento céu do amor materno,
e sentes nos tendões rugir o inferno,
emquanto marchas para a extrema argilla...

Ainda podes combater a idade,
Ó fonte que desejas ser bebida...
Cede ao Amor... E, á sombra que te invade,

Surgirão, no esplendor de nova vida,
Forças occultas pela virgindade,
Grandes beijos sem portas de sahida...

Os versos 1 e 2 demonstram o modo como o autor enxerga o estado, que neste período se encontrava aprisionado por um câncer, isto é, uma doença incurável: a corrupção na qual o estado sucumbia. Segundo Santos (1996), os grupos ligados às elites agroexportadoras que se mantinham no poder aferravam-se simplesmente na busca de seus interesses pessoais; neste sentido, não houve no Amazonas uma liderança política dotada de certa consistência para barrar esse processo, sendo necessária a constante intervenção do governo Federal. Tais facções limitavam-se a acusações mútuas sobre corrupção administrativa.

O autor se entristece ao perceber que essa corrupção não começou naquele período. Quando ele trabalha com a linha do tempo serve para afirmar que aquilo que o aflige, já o angústia há muito tempo, fazendo críticas à política manauara com qual, há anos, o estado se confrontava com tal dilema, ele deixa transparecer em sua voz poética a voz do político. Desta forma, o autor também critica o descaso que o estado passava em relação ao tratamento dado pela capital do Brasil; no início da República Velha, a capital do país, Rio de Janeiro, não prestava assistência aos estados da região Norte; tal situação, portanto, fazia com que o estado se encontrasse em completo descaso. Conforme salienta Santos:

Apesar de a borracha ter chegado a ser o segundo produto de exportação do Brasil em princípios do século atual, o polo de decisão política permaneceu no sudeste com os cafeicultores. A debilidade do grupo comercial do Amazonas, não possuindo representatividade política em nível nacional, caracterizou o seu comportamento na Primeira República (SANTOS, 1996, p. 25).

Quando o autor diz nos versos 9 e 11: “Ainda podes combater a idade” e “Cede ao Amor... E, á sombra que te invade”, observa-se, neste trecho, uma das características principais do líder poeta: a exaltação ao passado e a promessa de um futuro melhor,

elemento este que era convertido da temática de seus versos para a principal retórica de seus discursos. Neste contexto, para Álvaro Maia, seu amado Amazonas pode combater tal doença tão longa, ou seja, a solução para o problema da corrupção no estado se encontra em seu próprio interior, isto é, o próprio estado deveria reagir e eliminar tal mazela. A solução, segundo ele, é o “Amor”; quando o autor emprega esta palavra com a letra inicial maiúscula, significa que é uma palavra que possui importância; neste sentido, o amor ao qual ele se refere é o sentimento de valorização do povo pela sua terra. A mesma retórica presente nos poemas de Álvaro Maia é observada em seus discursos, ratificando o poder do povo na solução dos problemas do Amazonas.

Nos versos 12 ao 14: “Surgirão, no esplendor de nova vida,/forças ocultas pela virgindade,/grandes beijos sem portas de saída...”, continua uma promessa de renovo, mas de que se trata essa nova vida? Vale lembrar que este soneto é datado de 1925, um ano após a rebelião de 1924, apoiada por Álvaro Maia. A nova vida, portanto, a que ele se refere seria o surgimento de uma nova liderança para o povo amazonense, visto que, durante este período as facções dos Rego Monteiro e os Nery se revezavam no poder, reproduzindo uma política cristalizada em velhas práticas que só prejudicavam o povo em detrimento destes pequenos grupos, isto é, uma política para poucos. Quando o autor retoma a referência feminina para falar da força oculta na virgindade, ele está se referindo ao poder que o próprio povo não conhece; Álvaro Maia encara o Amazonas como uma terra virgem que ainda não foi aproveitada de modo adequado e que somente a força de seu povo reverterá tal situação de pobreza em que se encontrava.

Quando o poeta fala dos grandes beijos sem porta de saída, exprime uma indignação sentida em momento de percepção que vai além do sentimental e pessoal, mudando a voz do poeta pela voz do cidadão, ele se refere ao fato de que não virá uma solução de fora do estado para a corrupção da política e da extrema pobreza da população amazonense. Em suas publicações em revistas deste período, ele manifestava sua verdadeira opinião quanto à intervenção federal, segundo Álvaro, a intervenção federal, através da nomeação de políticos de fora não era a solução para os problemas políticos do Amazonas era necessário que delegasse certo poder à população (MAIA, 1925).

Como já foi mencionado anteriormente, dada a falta de coesão política no Estado, a grande maioria dos governadores da Primeira República era oriunda de outros estados da nação, vindos por meio de indicação do Governo Central (cf. SANTOS,

1996). Desta forma, para Álvaro Maia, a única saída seria que o estado interviesse na luta, isto é, que o estado começasse a reagir pondo em prática a sua vontade de mudança através da indicação para o governo do estado de um amazonense, que conheceria e teria vivenciado a real situação pela qual passava.

Em outro soneto de Álvaro Maia, intitulado *Narcisa*¹⁰ (1925), o autor fala de um amor platônico e idealizado, representado por sua amada *Narcisa*, mostrando toda luta por ele travada para não perdê-la. O soneto, por ser de característica simbolista, tem um forte apego ao misticismo, uma das marcas principais do “príncipe dos poetas” nas primeiras décadas da Primeira República; aparece, também, uma temática voltada para o regionalismo. Através de uma valorização do elemento nativo, o mesmo demonstra elementos que foram por ele reconvertidos para um capital político posterior.

Quando, alva e loura vital me dava,
minha Mãe, entre a selva e o céu nevoento,
também me dava o trom do oceano ao vento,
das galeras valsando na onda em lava...

Mas minha vida em fumo se apagava:
Germinara e cahira em sofrimento...
E tive a salvação, tive o tormento
nos seios de Narcisa, uma índia brava...

Dessas correntes em meu sangue, sinto
Galeões em rota por um mundo extinto,
Tribus em lucta pela mesma terra,

E, ora em doçuras, ora em rebeldias
Labios christãos ciciando Ave-Marias,
Rudes almas pagãs medindo a guerra...

O poeta fala do amor que o deixa dividido, através do contraste entre o amor que pode ser tão sagrado quanto o amor maternal (verso 2), também se torna seu principal tormento. Neste sentido, que ele faz uma alusão à sua terra natal- o Amazonas; a palavra *Mãe* posta em letra maiúscula demonstra uma grande importância para o autor, ou seja, a mãe terra, o Amazonas, é muito importante para Álvaro Maia e, neste momento, dividi-o entre dedicar-se apenas a sua carreira de poeta ou adentrar de forma definitiva nos estames do poder, ou seja, nesta parte, Álvaro Maia deixa entrever as suas angústias no âmbito do espaço social mais abrangente, assim como os possíveis posicionamentos em função da necessidade de uma “definição” em sua vida como intelectual e político.

¹⁰ BAZE, 1998, p. 68.

E longe desse amor, sua vida se apagava, ou seja, longe de sua terra ele estava perdido, sem um sentido para a sua vida. Em seus poemas deste período a causa do Amazonas aparece com muita intensidade, seja através de símbolos, muito comum na poesia simbolista, ou de forma explícita. E nos versos 7 e 8: “E tive a salvação, tive o tormento/nos seios de Narcisa, uma índia brava...”, o autor encontra sua salvação no retorno para sua terra amada, sua Narcisa, a índia brava. A índia brava é o próprio povo por quem ele declama seu amor e que possui certa inocência e rudeza.

E nos versos de 9 ao 11: “Dessas correntes em meu sangue, sinto/galeões em rota por um mundo extinto,/tribus em luta pela mesma terra”, o autor reconhece que, também pertence a esta terra e a este povo, que o mesmo sentimento de amor por este estado corre em suas veias. Conclamando ao povo a lutar pelo Amazonas, para livrá-lo desta corrupção moral e política, assim como pela luta contra a extrema pobreza pela qual seu povo passava. A temática regionalista que aparece através do uso do elemento nativo: índia brava, tribus, tem uma aproximação com as ideias políticas do autor, através deste regionalismo se aproximava da população em geral, saindo da esfera isolada dos intelectuais.

Segundo Burns (1966), o Amazonas, apesar de ter passado por um grande desenvolvimento e modernização graças às riquezas oriundas do período áureo da borracha, em muito se assemelhava com outros estados da região Norte. A produção agrícola se concentrava principalmente na extração da borracha e, assim, praticamente todos os gêneros alimentícios eram importados, daí o fato de que neste período o preço dos produtos e serviços no estado do Amazonas ser superior a cidades como Nova York. O Amazonas, mesmo em seu período de apogeu, sofria cada vez mais com a crescente pobreza e a subnutrição entre as classes menos favorecidas.

Quando o autor fala nos versos 14 e 15: “Labios cristãos ciciando Ave-Marias/Rudes almas pagãs medindo a guerra...” com um forte apego ao misticismo e à religiosidade, o poeta místico deixa transparecer em seus versos sua intencionalidade política, conclamando o povo para uma guerra santa (como uma espécie de missão divina) para se manifestar e retirar o povo desta prisão na qual ele se encontra – a miséria.

No soneto *A um fraco*¹¹ (1925), o místico Álvaro Maia revela toda a sua espiritualidade quando busca, por meio destes elementos religiosos, transformá-lo em

¹¹ BAZE, 1998, p. 70.

uma mensagem salvífica. Mas salvar quem? Durante este período, o líder político estava começando a se legitimar e seus poemas serviram como um forte instrumento para este processo. Neste sentido, faz uma alusão messiânica a uma possível solução para o sofrimento de sua amada terra através da ascensão de um redentor que possa trazer a salvação para seu povo. O próprio título refere-se a alguém que está fraco, referindo-se ao que titubeia, tentando sobreviver diante de um cenário de fome e miséria; é justamente a este povo fraco que Álvaro Maia procura consolar através desta mensagem messiânica.

Soffres? – Somente o Amor, que transfigura e eleva,
accenderá manhãs em teu genio sombrio...
Amor é procreação, ou estéril desvario,
e, quando fere, exalta, e, quando humilha, eleva...

-Achas o mundo o inferno?-Adão, vae domar Eva!
Ateia a labareda a esse peito já frio,
E, em seios limpos, colla os labios, como um rio
Em dois montes iguaes, cantando ao sol e á treva...

Lança a bocca faminta á violência dos húmus...
Suga, pela volúpia o sangue, - alma da veia...
E , dando á vida o odor dos fructos de áureos sumos,

Mudas os haustos pagãos num soberbo evangelho...
Sê divino, e produz! Sê robusto, e semeia!
Verás que fostes um deus, quando ficares velho!

Quando autor pergunta quem está sofrendo (verso 1), ele se refere ao povo e qual o motivo de seu choro, visto que somente o “Amor” poderá resolver tal sofrimento. Em muitos de seus poemas a palavra amor está simbolizada como um sinal de personificação através da letra maiúscula; esse amor é sempre focado como a única solução para o sofrimento de seu povo, visto que ele não acreditava que os líderes que governavam o estado não nutriam um sentimento verdadeiro de amor por este povo, daí o pouco interesse pela sua real situação; para o poeta, somente um líder que amasse este povo e esta terra poderia compreendê-la e governá-la de modo justo. O líder, que neste momento faz alusão a ele próprio, possui este sentimento e passará por situações difíceis, podendo, como ele afirma, ferir-se ou ser humilhado, mas será recompensado pela exaltação e elevação.

Segundo Santos (1996), a produção intelectual de Álvaro Maia durante a década de 1920 estava ligada a um projeto político fundamentado em sua “missão salvadora”, daí o fato usar uma conotação que acentua a glória passada do estado e conchamar a construção de uma glória futura. Neste período, além de suas publicações

em jornal e conferências proferidas, Álvaro Maia se envolvia em ações políticas ligadas ao nacionalismo.

Em 1924, Álvaro Maia se integrou a grupos civis que prestigiaram o Movimento Tenentista, em São Paulo. Os militares da guarnição de Manaus logo aderiram em apoio aos rebeldes de São Paulo e, dentre os grupos civis que apoiaram os militares, encontramos Álvaro Maia que acreditava que a Rebelião de 1924 possuía um caráter “salvador e redentor” para o Amazonas; suas críticas se exprimiam nos jornais tais como: *Jornal do Povo* e *A Liberdade*; neste, o poeta, além de declarar seu apoio ao Movimento, fazia forte oposição aos antigos e tradicionais métodos políticos da família Rego Monteiro¹².

No verso 5, ele diz: “– Achas o mundo um inferno? – Adão vai domar Eva!”, o autor novamente questiona a falta de esperança do seu público/eleitor. Quando o autor estabelece a relação com as personagens Bíblicas de Adão e Eva, refere-se à falta de domínio de Adão sobre a sua esposa, que se relaciona à falta de domínio do povo sobre sua terra. A poesia simbolista possui um forte apego religioso, nota-se tal característica em “A um fraco” através de termos bíblicos com Adão, inferno e Eva e da mensagem de redenção que envolve o poema. Assim, esse poema acentua a ideologia política dele voltada para a redenção, onde através deste líder que surgirá vai reacender a vida para esse povo que já está quase morrendo, trazendo-lhe assim uma solução tanto para os períodos de crise, quanto garantia nos períodos de estabilidade. Este messias vai trazer aos famintos um alimento novo, isto é, mais uma vez o poeta garante que há uma solução para os problemas de seu povo, aonde esse novo líder messiânico virá tirando esse sangue velho, tirando esses políticos velhos e trazendo um algo novo para a política local.

Assim, o autor finaliza seu poema afirmando: “Mudas os haustos pagãos num soberbo evangelho” (verso 12), é interessante observar o modo como o próprio autor se vê; para Álvaro Maia, não se trata de mais um intelectual a se envolver na política, ele não se considera como pertencente a este grupo de políticos, que para ele são pagãos. Para Álvaro Maia, sua missão como poeta místico é de adentrar essa política suja a fim de salvá-la e redimi-la e somente com a mudança dessa velha elite oligárquica (como já

¹² Segundo Monteiro (1996), durante os primeiros anos da República Velha, no Amazonas, duas famílias se revezavam no poder: a família Rego Monteiro e a família Nery. No período a Rebelião de 1924, o grupo político Rego Monteiro se tornou marca predominante no desenrolar do movimento.

foi mencionado, ele era forte opositor da família Rego Monteiro) será possível a redenção destes velhos políticos que cometem suas práticas corruptas.

Álvaro Maia revela como conseguia construir uma retórica ligada à mudança, e como ele próprio se encaixava neste perfil; assim, seu público/eleitor passou a encará-lo como político messiânico, um salvador que viria para deter a corrupção e melhorar a vida do povo amazonense.

No poema “*Sobre as águas barrentas...*”¹³ (1925), Álvaro Maia discorre elogios sobre esta terra banhada por um rio de águas turvas (rio Madeira) que ele homenageia. No entanto, a temática local aparece nos poemas alvareanos com o propósito de aproximar o poeta de seu público; assim, revela uma enorme identificação com seus ideais políticos presentes em seus discursos e publicações. Desta forma, revela novamente sua temática constante: redenção para seu estado e seu povo e valoriza o povo amazonense para a constituição do Estado. Assim, essa grande leva de pessoas que passa a consumir a literatura dos jornais e revistas, passa também a identificar-se com o poeta. É em função do papel que vinha desempenhando a imprensa ao longo desse período que os posicionamentos de Álvaro Maia ganhavam certa importância, porque eram reforçados pela dinâmica da transmissão das notícias divulgadas e, assim, mantinha um contato permanente com o público.

[...]

Longas praias sem termo, onde alvejam gaivotas,
Bosques em cores aberto e rio aberto em notas,
Arvores de São João, samahumeiras em prece,
Doces recordações que nunca a fronte esquece,
Heis de embutir um dia, entre a lembrança rude,
Na prata da velhice o ouro da juventude...

Sois romance, a voz, que nos vêm, de repente,
A uma valsa, a um perfume, a uma vista, em que a gente
Ouve, abraça, recorda a trindade bem dita
-a mãe, a noiva, a irmã, em doçura infinita.

Vivei, entrae em mim! Quero, tempos afora,
Sentir-vos a vibrar, como vos sinto agora,
Onde me surja a magua, onde me leve o sonho,
Imagens maternas de meu berço risonho!

Mais distante, à distancia onde a caudal não dorme,
Deslisa um batelão vagaroso e disforme...
Hercules semi-nús luctam, batendo a voga,
E a espuma, em revulsão sob os remos que afoga,
Confunde a queixa humana ao rumor das fadigas

¹³ BAZE, 1998, p. 64-67.

Da embarcação que lembra as galeras antigas...

-Homens, ó meus irmãos, ó parias que ahi dentro ides,
Em dolentes canções para a dor de outras lides,
Que buscais e quereis nesse destino obscuro,
Despidos de ambição, cegos para o futuro?

Nada! Mas, na floresta onde as hordas selvagens
Viam palcos de guerra ao verdor das ramagens,
Traçais a nova estrada, ergueis o mundo novo,
Por onde há de rolar em marcha um grande povo...

Os dias, que passais em conquistas e arrojios,
Viverão dentro de nós, cantarão nos rebojos,
Como o sangue brutal destas barrentas veias,
Como o suave dulçor destas fulvas areias...
[...]

Quando o autor descreve o cenário campestre, é possível observar certo tom bucólico em sua poesia; todavia, ainda no mesmo trecho, existe o contraste de uma beleza rural no qual o poeta, com um tom de saudosismo, constata que já não existe mais. Assim aparece em sua literatura a fuga do presente, ratificando o descontentamento com o momento em que o autor vivia. A partir da década de 1910, o estado do Amazonas começou a sentir os efeitos da queda do preço da borracha, portanto, este poema, que foi publicado em 1925, já é datado de um período no qual o Estado sofria sérias crises financeiras e políticas.

Dos versos 43 ao 45 o poeta afirma: “Doces recordações que nunca a fronte esquece,/Heis de embutir um dia, entre a lembrança rude,/Na prata da velhice o ouro da juventude...”; ele demonstra uma melancolia com um período de conforto em que ele vivia, vale ressaltar que a riqueza de sua família era originária dos seringais. A prosperidade oriunda da borracha, uma fonte de riquezas para o estado durante um longo período, tinha se findado; neste sentido, a riqueza da borracha que era única do Amazonas agora se encontra em outros países.

Mais adiante ele continua sua retrospectiva, no entanto, percebe-se que não se trata apenas das memórias do poeta, mas transparece um tom crítico que foi por ele manejado com intuito de construir sua ideologia política; ele passa a exaltar um tempo de prosperidade em que ele e o povo de seu estado vivenciaram. Assim, a contraposição entre a trindade bendita (Pai, Filho e Espírito Santo) e a mãe, a mulher e a irmã revelam o tom de importância que essas memórias possuem para o autor, é um tempo que se perdeu, novamente a exaltação do passado parece como uma das marcas principais do autor, que foi largamente utilizada por ele em seus discursos.

Nos versos 55 e 56 do poema: “Deslisa um batelão vagaroso e disforme.../Hercules semi-nús luctam, batendo a voga,”; Álvaro Maia traça a história de lutas dos habitantes do Amazonas que, nos mais longínquos lugares, esses bravos heróis se aventuram buscando sua sobrevivência, tendo como principal algoz as condições inóspitas do meio em que vivem; neste momento do poema o autor refere-se especialmente ao seringueiro que ele os considera como o herói grego Hércules que era invencível. Para o poeta, que era oriundo de família abastada, a causa da crise não estava na falta de investimentos tecnológicos por parte dos comerciantes, mas no descaso político e as condições adversas nas quais os seringueiros extraíam a borracha. Neste contexto, o poeta cria uma relação de proximidade com as camadas mais populares; apesar de oriundo das elites, sua obra contempla os mais desvalidos, e é desta forma que Álvaro Maia passa a ser destacar como um líder intelectual.

Os versos 60 e 61, lê-se: “homens, ó meus irmão, ó parias que ahi dentro ides,/em dolentes canções para a dor de outras lides”; os mesmos revelam uma mudança no tom, agora se aferrando em críticas de forma direta à atual situação dos seringueiros; o poeta lamenta como essa crise retirava a única possibilidade de renda para os seringueiros. No Amazonas, durante o período do ciclo da borracha, não houve investimentos para a produção de outras monoculturas, neste sentido, não havia outra estratégia para sobrevivência destes trabalhadores que outrora vinham de várias partes do país, em especial do Nordeste.

Neste poema, Álvaro Maia transpõe para seus versos uma das suas principais estratégias para uma possível ascensão política: a incitação do povo a uma reação contra essa condição, segundo o poeta, somente os próprios seringueiros poderiam reivindicar uma mudança para sua situação financeira, como ele diz nos versos 65 e 66: “Viam palcos de guerra ao verdor das ramagens,/ Traçais a nova estrada, ergueis o mundo novo,”. Entretanto, essa valorização dada pelo poeta lhe coloca em uma posição de destaque, isso confirma a ideia de que o intelectual está entre os estratos sociais (MANNHEIM, 2001). Ao incitar o povo a erguer um mundo novo ele fala da realidade política do Estado, e a guerra a ser travada é justamente a de retirar do poder os velhos grupos oligárquicos que nada fazem pela população. Essa convocação é a única forma de levar o Amazonas a uma nova realidade social, política e econômica. A poesia alvareana está sedimentada em uma mensagem messiânica, ou seja, de que um futuro melhor ainda está por vir, mesclando temas ligados ao regionalismo e ao nacionalismo, isto tornava sua obra poética repleta de engajamento social.

O projeto político de Álvaro gestado na conjuntura dos anos vinte, embasado na defesa do “paraíso verde” teve como idéias centrais o regionalismo, o nacionalismo, a centralização política e os “imperialismos estaduais”. Este ideário o aproximou também do tenentismo (SANTOS, 1996, p. 55).

Nos versos 68 e 69 lê-se “Os dias, que passais em conquistas e arrojados,/viverão dentro em nós”; vê-se novamente uma mudança no tom dos versos, o futuro é para o autor glorioso, esse idealismo reforça a ideia de restauração de um passado de riquezas e acaba se encaixando na conotação política do autor, pois este afirma que essa luta trará as conquistas necessárias que o povo tanto espera; somente através de uma reação do povo será possível o descanso para sua vida sofrida, ou seja, ele fala como se através dessa reação o povo enfim chegará a sua terra prometida. O autor finaliza este poema falando de recompensa como um prêmio a ser recebido por aqueles que idealizarem e realizarem as mudanças necessárias para o benefício do Estado, ou seja, quem estiver disposto a mudar a realidade do Amazonas terá sua recompensa no novo mundo que ele fala no poema. Neste contexto, ele baseava suas ideias em um lamento de um passado de glória e a reação popular para a construção de um futuro melhor, fazendo novamente uma alusão à Bíblia Sagrada; Álvaro Maia acreditava num “paraíso” que seria o próprio Amazonas em uma boa situação econômica, moral e política.

No poema *A Buzina*¹⁴ (1926), o autor faz uma homenagem aos seringueiros, as poesias simbolistas de Álvaro Maia estão repletas de temas amazônicos, característica comum a uma literatura regionalista; é muito comum encontrarmos nos poemas alvareanos a floresta, os rios e em especial a figura do seringueiro. Para o poeta, os seringueiros são apresentados em sua produção poética e em seus discursos como heróis da floresta que devem ser cultuados; os desbravadores da região; e, neste momento, esses bravos heróis foram vencidos não pela falta de investimento dos seringalistas, ou seja, a exploração do homem pelo homem, mas pelo determinismo geográfico e pela falta de apoio dos governantes corruptos do estado e o descaso do Governo Central (SANTOS, 1996).

[...]
Rias ao vento... Mais um dia,
Cahiste negua e, agreste avena,
Vinhas sem luz, vinhas tão fria,
Vinhas tão só de causar pena...
O seringueiro que remava,
Semeando espumas pelo rio,

¹⁴ BAZE, 1998, p. 77-78.

o seringueiro, que passava,
erguendo os remos te acudiu.

Hoje, em seu lábio agradecida,
Agitas no ar sonoras azas,
E, pela voz, levas a vida
Aos entes bons, que estão nas casas...

Levas o som de cornamusa,
Quando o luar jorra e o rio é branco,
À que o namora, alva e confusa,
Das ingaseiras do barranco...

A noiva ideal quase desmaia,
Quando percebe as tuas notas,
Lembrando beijos sobre a praia
E gritos longos de gaivotas...

Bambu perdido nos relentos,
Narciso immoto á beira d'agua,
Bebeste a rir todos os ventos,
Toda a verdura estuando em magua...

Agora tens, nesses descantes
em que a saudade vive accesa,
a dor das mattas soluçantes,
as grandes forças da tristeza...

Clarim das selvas, em teu canto
Rola o rumor das outras éras,
-anceios mortos num quebranto,
Clamores de índios e de feras...

Um aspecto interessante da obra poética alvareana deste período é o fato de que sempre apresenta um tom melancólico de saudosismo de um período que passou e lamento diante do presente que vivia; todavia, é possível observar a mesma intensidade de exaltação com um passado distante com um futuro próximo. É neste sentido que Álvaro Maia reconverte essa temática poética e transfere-a para a retórica de seus discursos.

Assim, como nos versos 17 e 18, ele diz: “Rias ao vento... Mais um dia,/Cahiste negua e, agreste avena,”, o poeta constata que a alegria de outrora foi substituída por um lamento. Todavia, é possível perceber um idealismo maior nestes versos, pois o lamento do poeta pela sua amada (o Amazonas) que se encontrava em uma posição confortável financeiramente (período aureo da borracha), como um próspero e importante estado, de uma forma repentina mergulhou em uma profunda crise que o colocou em uma situação de extrema pobreza.

É neste contexto que o autor continua: “o seringueiro, que passava,/erguendo os remos te acudiu”, a personagem do seringueiro aparece com grande frequência nos poemas do autor, especificamente nas publicações da década de 1920, quando ele se encontrava em processo de legitimação como um líder político. Apesar da crise econômica que o estado vem sofrendo durante a década de 1920, a extração da borracha representava uma importante fonte de renda, e muitos ainda migravam para o Amazonas em busca de melhores condições de vida graças à borracha. É neste sentido que o poeta vê, na borracha, através do seringueiro, uma forma de recuperação para a situação financeira do estado. No trecho seguinte as palavras “agradecida” e “vida”, denotam esse sentimento de valorização por parte do autor da personagem do seringueiro.

Mais adiante o poema volta a apresentar um ar melancólico, relatando o sofrimento que suas lembranças lhe trazem nos versos 32 ao 34: “A noiva ideal quase desmaia,/Quando percebe as tuas notas,/ Lembrando beijos sobre a praia”; Álvaro Maia aqui afirma que sente saudades de um determinado período; é fácil observar que se trata de um período em que viveu no Amazonas, visto que os discursos do poeta retratavam o mesmo sentimento de lamento; a prosperidade trouxera muitos benefícios para o estado, inclusive para seu interior; segundo o autor não era apenas a capital Manaus que se beneficiava com as divisas oriundas da extração da borracha; esse apogeu beneficiava, de certa forma, até as camadas mais baixas da população.

O poema faz um relato, mesmo que de forma indireta, da influência da prosperidade na modernização do estado; segundo Burns (1996), Manaus desfrutava de todo apogeu da borracha e não se diferenciava em nada de muitas cidades européias; contudo, as cidades do interior não desfrutaram dos mesmos benefícios de desenvolvimento e modernização, sendo pequenas e miseráveis, daí o fato de durante este período um grande aumento da migração para a capital, não apenas de nordestinos, mas de amazonenses do interior, contrastando, assim, as suntuosas residências com inúmeros cortiços insalubres.

É interessante observar o posicionamento do poeta oriundo de família rica de seringalistas, com o processo de derrocada do preço da borracha; para este poeta, suas críticas sempre estavam relacionadas aos políticos, ao ambiente, porém nunca ao empresário da borracha. “O extrativismo para Álvaro Maia, apesar de ser considerada uma “profissão destrutiva”, era visto como natural às sociedades em “desbravamentos” (SANTOS, 1996, p. 64). Contudo, essa estratégia de Álvaro Maia de enaltecer o povo

estava relacionada com a proximidade que ele, como intelectual, pretendia manter com todas as classes.

Nos versos 44 e 45: “Clarim das selvas, em teu canto/rola o rumor das outras eras”, que buzina ou clarim era esse que ecoava um período melhor? Como ele põe o seringueiro como personagem principal de sua poesia, a buzina subtende que seja a própria hévea, pois o autor afirma que anteriormente o estado estava em uma situação de conforto graças a extração do látex que permitia a um estado tão isolado tornar-se significativo dentre outras metrópoles e que agora só está na lembrança.

Na poema *Jangada dos Cedros*¹⁵ (1927), o autor novamente trabalha com temas amazônicos, com uma linguagem repleta de simbolismo; que revela elementos com capacidade de reverter uma retórica ligada ao misticismo e a religiosidade em um posterior conteúdo político.

[...]
Cedro! Não soffres o ultimo trabalho,
O derradeiro sommo...
Foi pouco esse agasalho,
Que déste a quem passava no abandono...
Breve, em canoa, o seringueiro estóico
Virá levar-te para a embocadura
De igarapé ou lago,
Cantando endeixas do torrão heroico...

E aguradará, com um affago,
Que a jangada appareça na corrente
E pare da ingazeira á sombra escura...
Então, exposto as maresias,
Aos cedros rente,
Irás para longe
Da humosa selva dos primeiros dias...
E longe ainda
Ainda bem longe,
Dentilhões de ferro transformado,
Embalará infante recém-nado,
Em dia lindo, em noite linda...

Ou mastro no penol de um transatlantico,
Levantará, nos vagalhões do Atlantico,
a bandeira da Pátria, envolta em trovas...
Ante flavor da flammula flammante,
-folhagem verde-flava flammejante
Lembrarás amazônicos recantos...
E, na áurea juventude de um renovo,
Tu julgarás o mastro um galho novo,
Reverdecendo em folhas novas
E remalhando em novos cantos...

¹⁵ BAZE, 1998, p. 79-81.

Onde vás assim? Porque abandonas
A terra em flôr de yaras e de máguas,
Ó jangada de cedros do Amazonas?
Onde a levais, bebendo os horizontes,
Na successão da aguas,
Seringueiros-titans de brônzeas fronte?
Entre ribas azues e grandes aguas
E com a saudade a uivar nos horizontes,
A jangada de cedros, no Amazonas,
Vae para longe,
Muito longe...
[...]

Quem irá sofrer o último trabalho (verso 19)? Quando o autor se refere ao cedro, que é uma madeira nobre, símbolo de prosperidade, faz uma comparação com o estado do Amazonas, pois este, apesar de toda a sua nobreza, passou por um período de grande abandono por parte daqueles que o governavam. Deste modo, o autor se questiona sobre o porquê que um estado tão gigantesco com uma floresta tão nobre pode se encontrar em tal nível de abandono.

Nos versos 39 ao 41: “Ou mastro no penol de um transatlantico,/Levantará, nos vagalhões do Atlantico,/a bandeira da Pátria, envolta em trovas...”, note-se a exaltação do poeta a esta madeira tão nobre, e note-se como é possível fazer uma comparação com o Amazonas que, graças a seu período de apogeu, se tornou destaque não apenas no Brasil, mas entre outras nações.

Nos versos 49 e 50, este trecho ele continua tratando da questão do abandono: “Onde vás assim? Porque abandonas/A terra em flôr de yaras e de máguas,” como uma terra tão nobre repleta de belezas; nestes versos ele faz referência à figura mitológica da *Yara* (a sereia da Amazônia) como uma conotação da beleza feminina, isto é, o estado reflete um encanto para as outras regiões tal qual um homem se atrai pela figura da sereia encantadora. Aparece o seringueiro, novamente, fazendo alusão à mitologia grega através dos *titans* como bravos lutadores.

Entretanto, não foi somente o seringueiro que garantiu o desbravamento da região; o índio e o caboclo vão possuir papel fundamental na obra alvareana, como foi mencionado anteriormente. Ao se referir aos índios e caboclos, Álvaro Maia faz uma alusão aos heróis do Olímpo, relacionando-os com o símbolo de força. Para o poeta, foi justamente o caboclo que adquiriu conhecimento dos indígenas para elaborar diversas formas de trabalho adaptadas à natureza inóspita da região, neste sentido; os caboclos foram os primeiro desbravadores e os seringueiros (nordestinos) foram os derradeiros.

Os retirantes nordestinos, logo após a chegada ao seringal, eram “brabos” porque não conheciam a extração do látex, as técnicas de produção e a vida nas florestas. Quando aprendiam a fazer o corte na seringueira, passavam a ser “mansos” (SANTOS, 1996, p. 64).

No entanto, segundo o poeta, foram, então, estes seringueiros, em sua grande maioria retirantes nordestinos, que organizaram as primeiras tentativas de expansão; graças a sua grande facilidade de adaptar-se, rejeitavam e incorporavam hábitos nativos, assim como suas crenças e o conhecimento dos primeiros habitantes da região para conseguirem extrair a *hevea*.

Em “Seringueiros-titans de brônzeas fronte?”, verso 54, observa-se a valorização da personagem do seringueiro; neste verso, é possível observar a crítica da situação de abandono destes trabalhadores. O sofrimento causado pela crise da borracha foi sentido, em especial pelas classes mais pobres da sociedade, devido à falta de condições para a sua sobrevivência, ou seja, com a queda do preço, não era preciso tanta mão de obra para a extração da borracha; estes trabalhadores ficaram sem outra opção para garantir seu sustento, daí estes seringueiros, os *bravos titans* de que ele fala ficaram esquecidos nesta terra tão nobre.

2.3- Raimundo Monteiro e Maranhão Sobrinho e as razões do êxito político de Álvaro Maia

Segundo Broca (2005), o movimento Simbolista surge em contraposição ao movimento Parnasiano, fazendo um “culto à poesia” e elevando, assim, o poeta à condição de um ser superior; deste modo, lutavam contra o fato de que a poesia poderia ser comercializada; segundo os representantes deste movimento, os parnasianistas encaravam de modo muito material a obra poética.

A poesia parnasiana é uma espécie de arte por encomenda, isto é, os poetas parnasianos eram capazes de fazer sonetos por encomenda a fim de receberem algum tipo de vantagem econômica. Para os simbolistas, esta postura diante da arte era de extrema vulgaridade, pois põe de lado a superioridade da poesia e já não lhes prestava tal culto.

Os simbolistas não se opunham de maneira irrestrita à vida terrena, isto é, não se consideravam à margem da vida burguesa, concordavam em exercer cargos públicos, lecionar, atuar na magistratura, no entanto, a sua luta pela sobrevivência não deveria necessariamente empenhar para tais tarefas sua própria condição de poeta. Neste

sentido, muitos poetas simbolistas acabavam se recusando a exercer a cargos públicos ou outras atividades terrenas, chegando a passar por sérias dificuldades financeiras, visto que se sentiam preteridos em suas justas aspirações quando se viam em determinados cargos. Neste sentido, Broca (2005) divide o movimento Simbolista em dois grupos: no primeiro grupo aqueles que bebiam de onde saíram os principais destaques do movimento, dentre os quais figuram: Alphonso Guimarães, B. Lopes; no Amazonas podemos citar Maranhão Sobrinho que morreu de forma trágica; e aqueles que não bebiam como Graça Aranha, Cruz e Sousa e, no estado do Amazonas, destacamos Raimundo Monteiro e o próprio Álvaro Maia como pertencentes ao grupo dos simbolistas abstêmios.

Para o Simbolismo, a poesia estava elevada a uma categorial espiritual, acima de toda a pequenez mundana, daí o fato de se considerarem pertencentes a uma nobreza moral e espiritual. Deste modo, muitos grupos se isolavam em círculos fechados que levavam a sério rituais de iniciação.

Essa aristocracia impunha até certo ponto aos poetas uma ética à parte, diferente de outros mortais. Reconduziam eles a poesia para o terreno da iniciação de que o parnasianismo a retirara, quando admitira implicitamente que com trabalho, paciência e buril, qualquer pessoa poderia ser mais ou menos um poeta (BROCA, 2005, p. 184).

Álvaro Maia procurava manter essa imagem de pertencente a uma nobreza espiritual e moral; para isto, dentre um de seus investimentos para criar tal aura mística, escolhe como patrono na Academia Amazonense de Letras: Maranhão Sobrinho, cuja biografia reflete com exatidão as principais características de um típico pertencente do Movimento, um boêmio que morre pobre e doente. Raimundo Monteiro, assim como Álvaro Maia, pertencia ao grupo dos simbolistas que mantinham uma vida tranquila, evitava que sua imagem estivesse relacionada a situações constrangedoras; para este poeta, estar relacionado a escândalos e bebedeiras não condiz com alguém nobre de espírito.

Da perspectiva destes círculos letrados, nenhum dos registros, pronunciamentos e posicionamentos assumidos pelo jovem Álvaro Maia soava de todo como novidade. A geração intelectual à qual o poeta pertencia buscava adquirir essa qualidade mística, de um senhor de uma arte cujos poderes só ele domina, que consiste em penetrar os mistérios da existência humana (BROCA, 2005). Diante deste contexto, é possível perceber, dentre seus investimentos com relação a sua imagem, uma

semelhança com o movimento ao qual ele pertencia, pois uma das formas deste grupo se diferenciar da vulgaridade era através da indumentária.

Álvaro Maia, sempre vestido de branco e com uma vasta cabeleira (MONTEIRO, 1996) construía uma imagem de poeta extravagante. Contudo, segundo Broca (1996), a extravagância nos trajes não se limitava apenas aos círculos dos simbolistas; muitos poetas, escritores e outros artistas de igual modo investiam em suas indumentárias nas primeiras décadas do século XX. Assim, entre algumas das excentricidades dos simbolistas, estava a forma como os poetas deste movimento publicavam suas obras; neste sentido o próprio Álvaro Maia, também publicava algumas suas poesias de modo inusitado.

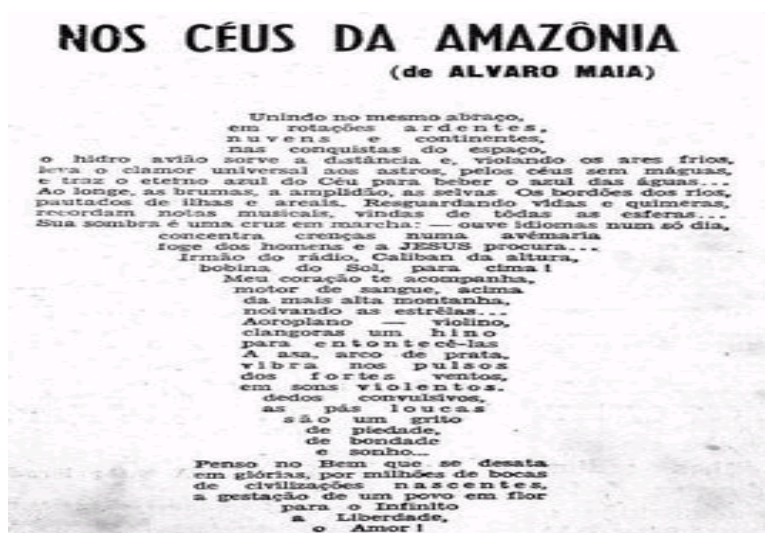


Figura 03: Poema de Álvaro Maia que exaltava o progresso, através do hidroavião foi escrito e publicado no formato de um avião.
Fonte: Revista Sintonia, Manaus, 1942.

Com relação à linguagem, segundo Mario Ypiranga Monteiro (1996), era sempre refinada e servia como motivo de admiração por parte dos alunos do Ginásio Amazonense Dom Pedro II. No entanto, como característica comum aos poetas simbolistas, Álvaro Maia destacava-se pela sua oratória, fazendo com que este fato se tornasse um importante trunfo para os seus discursos posteriores, vale ressaltar que seu principal discurso “Canção de Fé e Esperança” (1923) possui linguagem poética.

Entretanto, ao fazer uma análise comparativa com a obra poética de outros dois representantes deste movimento no estado do Amazonas, Raimundo Monteiro e Maranhão Sobrinho, é possível compreender de que modo a obra de Álvaro Maia foi reconvertida por ele de forma que lhe garantisse destaque no campo político. Do mesmo

modo, ao observar a biografia dos três poetas, percebemos que somente Álvaro Maia empreendeu esforços para se consagrar na carreira política, ainda em seus anos iniciais.

Raimundo Monteiro foi um dos principais representantes da poesia simbolista no Brasil. Seu nome é citado como um dos grandes expoentes deste movimento no Amazonas; graças ao período em que viveu em Paris, o poeta teve contato com os principais nomes deste movimento, sendo que isto lhe garantiu uma enorme credibilidade no seu retorno ao país.

A cidade de Paris, neste período, configurou-se como o centro de referência artística e literária; assim, todo aquele que pretendia investir na carreira artística ou literária deveria seguir as tendências da cidade das luzes. Segundo Broca (2005), os seguidores do movimento simbolista faziam uso do idioma francês como um sinal de distinção entre a linguagem poética dos simbolistas do resto da população; para eles, esse idioma possuía a sutileza necessária que a poesia simbolista requeria.

Neste contexto, aparece Raimundo Monteiro como um típico representante deste tipo ideal de intelectual e poeta; viveu em Paris, posteriormente passou uma temporada no Rio de Janeiro que, durante este período, era considerada como a capital da efervescência cultural no país e o berço do simbolismo no Brasil.

Assim, o poeta aparece como importante exemplo de importação de padrões estéticos e de gostos típicos das classes dirigentes dos primeiros anos da República Velha; no caso de Raimundo Monteiro, sua família estava ligada à produção e comercialização da borracha no Amazonas. O livre acesso do poeta à elite intelectual parisiense, devido à condição financeira de sua família, lhe rendeu trunfos que foram por ele manipulados no sentido de construir uma consagração no país, pois apesar de pertencer a uma região considerada marginal, o Norte, seu nome adquiriu relevância no cenário nacional graças a essa primeira temporada na Europa, onde aprendeu esse modelo estético e passou a produzir uma poesia simbolista.

Deste modo, os investimentos feitos por Raimundo Monteiro garantiram-lhe a credibilidade para uma consagração no campo das letras. Assim, suas jogadas nos primeiros anos permitiram-lhe construir uma aura de que o poeta produzia “arte pela arte” (BOURDIEU, 1996 a); no entanto, ao se observar, com mais atenção, o caso de Raimundo Monteiro, compreendemos que ele só conseguiu construir essa aura de poeta absoluto na medida em que uma série de fatores sociais externos propiciou tal condição.

Quando a família de Raimundo Monteiro o envia para Paris e outras grandes cidades da Europa, o jovem estudante constrói um espaço social, repleto de intelectuais,

participação em saraus da elite intelectual parisiense, até frequentou um bordel de uma famosa prostituta, lugares que efetivamente influenciaram no seu posicionamento no interior do campo e lhe garantiram o laureamento.

Ao regressar para o Brasil a pedido de seu pai para cuidar dos negócios da família, Raimundo Monteiro faz um novo investimento com o propósito de consagrar-se no campo das letras e viaja para o Rio de Janeiro, onde convive com as principais “igrejinhas do movimento Simbolista” (BROCA, 2005).

Contudo, no Brasil durante este período, não existe a possibilidade da prática de uma “arte pela arte” propriamente dita (BOURDIEU, 1996a); assim, a poesia necessita submeter-se e “servir” a determinadas condições enquanto o campo intelectual ainda não se encontra relativamente autônomo para proporcionar tais condições a um artista (MICELI, 1979).

Com a crise financeira de sua família, Raimundo Monteiro retorna para o Amazonas e pleiteia uma vaga em um cartório, apesar de suas tentativas de produzir uma arte relativamente pura, Raimundo Monteiro, ao final, não conseguiu se desvencilhar da trajetória da maioria dos intelectuais deste período. Enquanto tinha condições financeiras, soube se posicionar no sentido de garantir trunfos que lhe garantiram certa notoriedade, inclusive em âmbito nacional. Contudo, quando a família dele faliu, não lhe restou alternativa senão retornar para o Amazonas, onde sua família ainda possuía prestígio suficiente para que ele pudesse pleitear uma vaga no funcionalismo público.

Pertencendo quase sempre a famílias de proprietários rurais que se arruinaram, os romancistas e seus heróis não têm outra possibilidade senão a de sobreviverem às custas de empregos no serviço público, na imprensa, e demais ofícios que se “prestam às divagações do espírito” (MICELI, 1979, p. 93).

Álvaro Maia, no entanto, traçou outras estratégias para obter uma consagração no interior do campo intelectual. O príncipe dos poetas, também oriundo de uma família abastada, ingressou no mundo das letras como uma estratégia de reprodução das classes dirigentes. O poeta, por não ser o primogênito da família Maia, tinha como vocação natural a procura por posições dirigentes ligadas ao trabalho intelectual ou político (MICELI, 1979); sendo assim, permaneciam distantes das posições diretamente envolvidas com a gestão dos negócios familiares: a extração e comercialização da borracha.

Ao contrário de Raimundo Monteiro, Álvaro Maia nunca encarou a permanência no estado do Amazonas como a estagnação de sua carreira intelectual. Para Raimundo Monteiro permanecer em sua terra natal, significava a estagnação ou mesmo fim de sua carreira no campo das letras; durante o período em que viveu no estado, publica o livro *Horas Lentas* (1930) no qual o poeta se lamenta de como o tempo passa mais lentamente no Vale Amazônico.

Do mesmo modo, desde muito jovem, Álvaro Maia sempre esteve envolvido com cargos públicos, simultaneamente às suas atividades como intelectual. No entanto, Álvaro Maia soube manejar suas estratégias com o objetivo de garantir sua consagração intelectual, em especial no estado do Amazonas. Apesar de ter permanecido durante o período de estudante, primeiro no Ceará, na Faculdade de Direito, e, posteriormente, no estado do Rio de Janeiro onde concluiu seus estudos e teve contato com vários intelectuais também atuou em jornais durante sua estada no Ceará. Os contatos estabelecidos no Rio de Janeiro possibilitaram ao poeta estreitar laços com grandes nomes da literatura nacional como Olavo Bilac, João do Rio, entre outros (PINHEIRO, 2001).

Muitos de seus poemas publicados nos jornais *Cá e Lá* e *Aura* durante a década de 1910 coincidem com o período em que o poeta estudava fora do estado; isto reflete que, apesar de sua distância, Álvaro Maia se preocupava em garantir sua ligação com a vida intelectual do Amazonas e, assim, construir o seu processo de laureamento intelectual, isto é, as decisões do poeta estavam ligadas a uma consagração especialmente em âmbito local; posteriormente, nas décadas de 1920 e 1930, tal atitude influenciou decididamente para sua formação como líder intelectual e político.

A temática da poesia alvareana, em comparação com a poesia de Raimundo Monteiro, reflete muito das estratégias tomadas por esses dois poetas no interior do campo intelectual e no espaço social mais abrangente; o primeiro, com vistas a uma consagração intelectual e política, e o segundo apenas para uma consagração intelectual. A poesia de Raimundo Monteiro reflete as angústias do poeta ao precisar sair de Paris, e, posteriormente, do Rio de Janeiro, para fixar residência em Manaus dada a decadência financeira de sua família. Já a poesia de Álvaro Maia, com forte apelo regionalista, apresenta grande engajamento social até mesmo nas suas primeiras publicações, enquanto ainda era um estudante de Direito.

No poema de Raimundo Monteiro, “*Elegia Pagan*”¹⁶, como um dos principais representantes do simbolismo no estado, foca a melancolia e a saudade do ser amado; no entanto, ao fazer uma análise da trajetória do autor, é possível perceber que ele fala justamente sobre seus lamentos por não viver mais nas cidades que tanto o seduziam; era livre, sem obrigações, vivia da mesada do pai. Este poema reflete a extrema dificuldade do poeta ao chegar à vida adulta; para ele, a juventude é uma extensão da infância quando não precisava se preocupar com as obrigações morais e financeiras.

Aroma do vergel... Recordação da tua
Belleza excepcional – na aura do occaso vem...
Aspiro-o com volúpia...É teu corpo esse aroma!
Teu ventre tuas mãos, teu collo e tua coma
Eram como um rosal...Ainda me lembro bem:
__Tu perfumavas o ar, quando ficavas nua!

Sensual, o espelho, á noite, á luz da veladora,
Reflectia a nudez das tuas formas- tal ,
Maravilhadamente, a lua evocadora,
Cultuando-a, reproduz o azebre do atascal!

Eu te olhava, pasmado! Eu te olhava... Flammantes,
Ardiam, refulgindo, os teus buces de sol
__Nimbus da perfeição do teu corpo de estatua!
Que era eterna, pensava, essa beleza fatua...
Essa gloria fallaz dos olhos, - arrebol,
Aphoteóse, ambição, delírio dos amantes!
Costumavas alçar os braços de Aphrodita
Num gesto de cansaço e de espreguiçamento
E ficavas, assim, tentadora e bonita,
E eu te queria mais nesse langue momento...

Para a esthesia, para a nevrose do artista,
Nesse langue momento, eras a Perfeição
__Plasmavas esculputral do estheta!
Ah! Como eu te adorava, em êxtase de poeta,
Fito no espelho o olhar – com amor e admiração_

¹⁶ MONTEIRO, 1925, s/p.

Sem o mínimo ardor pela doce conquista...

A alcova rescendia a roseiras floradas...

As cortinas, o leito, a mobília, o roupão,

O corpinho, o espartilho, a camisa, as rendadas

Anaguas de cambraia e a tua encarnação!

Ah! Morreste, amorosa infeliz... Vão amores,

Esqueceram-te breve os amores banaes!

E a aura do occaso guarda o teu cheiro...E eu relembro

Quando, alegre, a cidade as estações thermaes

Percorria e a montanha enfeitada de flores...

Quando o poeta afirma nos versos 1 e 2: “Aroma do vergel... Recordação da tua/ Belleza excepcional – na aura do occaso vem...”, o poema expressa, além deste amor romântico, um lamento pelas suas estratégias não terem lhe rendido o sucesso que ele almejava; assim, essa recordação de beleza pode muito bem ser percebida como a cidade de Paris; apesar de ter feito uma tentativa de se fixar na cidade do Rio de Janeiro, era Paris que exercia uma enorme força de atração no autor. Nesse trecho, o autor lembra com tristeza período em que vivia lá, afirmando que a cidade o seduzia como uma mulher, que abandonou o poeta ou morreu.

Nos versos 8 e 9, observa-se: “Reflectia a nudez das tuas formas- tal,/Maravilhadamente, a lua evocadora,” o brilho que sua amada reflete seduz o poeta e reluz com tanta força que supera a escuridão; Raimundo Monteiro afirma que sua atração pela cidade de Paris excede a racionalidade, ou seja, como a crise financeira o forçou a retornar para o Brasil e após sua tentativa frustrada de ainda se manter no Rio, a atitude mais racional é se fixar no Amazonas, visto que o campo de produção simbólica durante este período se encontrava fortemente ligado aos ditames do poder político (MICELI, 1979). Contudo, o autor se lamenta e deseja esta irracionalidade, ele deseja esse risco.

Fazendo uma contraposição entre dia e noite, comum à poesia simbolista, o autor revela novamente como se sentia atraído por esta cidade. Em “que era eterna, pensava essa beleza fatua...” ele observa que a atração por esta cidade não era algo temporário; para ele, por toda vida, ele continuaria se lamentando pelo fato de não ter

permanecido lá, e de ter retornado para uma cidade tão provinciana como Manaus onde vivia cercado de obrigações mundanas como trabalhar, cuidar de sua família.

Os versos 17 ao 19: “Costumavas alçar os braços de Aphrodita/ Num gesto de cansaço e de espreguiçamento/E ficavas, assim, tentadora e bonita”, revelam um poeta que possui extrema dificuldade em lidar com a vida adulta, Raimundo Monteiro não estava preparado para assumir responsabilidades, e isso se refletia em sua obra; enquanto dependia da mesada de seu pai podia investir em sua carreira literária e até vislumbrar viver somente de sua arte, no entanto, ao perceber que as condições simbólicas e econômicas não o permitiram tal empreitada, passou a escrever de um modo desiludido.

Este poema trata das lamentações do autor; em uma estrofe muito interessante para uma poesia simbolista, que tem por característica principal não falar claramente os fatos, é possível observar nos versos 21 e 22: “Para a esthesia, para a nevrose do artista,/Nesse langue momento, eras a Perfeição”. Entretanto, neste trecho Raimundo Monteiro acredita que para a consagração de sua carreira de poeta a cidade de Paris era a Perfeição, tal como ele emprega a palavra com letra maiúscula, sua carreira não chegou ao ápice de perfeição que almejava, foi interrompida quando ele precisou regressar a Manaus.

Nos versos 31 e 32, novamente o autor afirma: “Ah! Morreste amorosa infeliz... Vão amores,/Esqueceram-te breve os amores banaes!”, o poeta revela que no momento em que partiu de Paris, sente que a sua carreira “pura” e “perfeita” morreu, pois, a partir do momento em que teve que regressar ao Brasil, percebeu que seus ideais não poderiam ser mais exclusivamente puros, passou a depender da imprensa e do funcionalismo público e de seus ditames; neste sentido, Raimundo Monteiro se depara com o problema de que as posições por ele tomadas, a partir de seu regresso ao Brasil, não são mais exclusivamente “puras”, diferentes daquelas que ele provavelmente idealizou em sua carreira como poeta durante o período em que viveu em Paris.

É interessante observar a diferença entre Álvaro Maia e Raimundo Monteiro quando encaram o processo de envelhecimento social em suas carreiras de poeta. Segundo Bourdieu (1996 a), esse processo está relacionado às estratégias tomadas pelos autores no sentido de buscar uma definição dentro do espaço social mais abrangente.

Álvaro Maia, tal qual Raimundo Monteiro, possuía as mesmas condições financeiras e sociais, contudo, os investimentos do primeiro em sua trajetória inicial

contribuíram para que ele se tornasse posteriormente uma líder intelectual e político; já no caso de Raimundo Monteiro, suas estratégias sempre estiveram ligadas a uma consagração e fixação em Paris e posteriormente no Rio de Janeiro; assim, o poeta publica o livro *Volutas*, em 1905, no Rio de Janeiro, ainda como uma tentativa de viver apenas de sua arte, pois ele não estava interessado em ingressar no funcionalismo público, a estratégia mais comum dos intelectuais durante este período. Quando seus investimentos não se concretizaram, ele se viu obrigado a se submeter a essa realidade social e passou a refletir em sua poesia todo o seu lamento.

O soneto *Olhos*¹⁷ (1911) demonstra o tipo de estratégia na qual Álvaro Maia depositava seus investimentos com o intuito de consagrar-se no Amazonas. Com relação ao processo de envelhecimento social, as tomadas de posição de Álvaro Maia já podem ser vislumbradas nos seus poemas de sua trajetória inicial, demonstrando algumas de suas intenções como a de garantir sua consagração em seu estado ao invés de se arriscar nos principais centros culturais da época como Paris, na Europa e, Rio de Janeiro, no Brasil.

Olhos profundos, meigos, sonhadores
Eu vos adoro e acho semelhantes
A dois negros e bellos diamantes,
Cheios dos mais divinos resplendores.

Basta que sinta por alguns instantes
Vossos raios subtis e tentadores
Para que, louco de febris amores,
Eu me transporte a mundo deslumbrantes.

Triste de mim se me faltasse um dia,
No caminho dorido deste mundo,
Essa luz que meus passos alumia,

Porque, -terra sem sol nauta sem norte, -
Entraria num barathro profundo,
Cahido nos tentaculos da morte

¹⁷ MAIA, 1911, p. s/p.

Seus poemas estão geralmente ligados a um sentimento de valorização; mesmo quando se trata de temas amorosos, aparece um elemento que se liga à realidade local. Observando os versos 1 e 2: “Olhos profundos, meigos, sonhadores/Eu vos adoro e acho semelhantes”, nota-se que, quando o autor fala dos olhos negros de sua amada, como uma pedra preciosa, também está se referindo ao seu próprio estado ao qual ele devota muita admiração e carinho, dotando-se de divinos resplendores e referindo-se às suas belezas naturais.

Em: “Vossos raios subtis e tentadores/Para que, louco de febris amores,/Eu me transporte a mundos deslumbrantes” (versos 6 e 7). Os raios de sol que ele almeja ver e que possui a capacidade de transportá-lo para um mundo melhor é uma referência a um lugar de profunda relevância para o autor; como o discurso de Álvaro Maia era conhecido pela sua devoção ao seu estado de origem, é possível perceber que ele se refere à própria Amazônia, que para o poeta é um lugar central; em Raimundo Monteiro, vemos poemas de devoção à cidade de Paris, já no caso da poesia alvareana, a devoção é dedicada apenas para sua terra de origem Álvaro Maia fez incursões por outros estados como o Ceará e o próprio Rio de Janeiro, mas era no Amazonas que ele pretendia se consagrar.

Em: “triste de mim se me faltasse um dia” (verso 9), a preocupação depositada pelo autor com a possibilidade da perda deste ser amado revela o quanto não quer se desvencilhar deste mundo. O que, na verdade, o poeta transparece nesse poema é a situação de sua própria trajetória, ele depositou todos os seus investimentos no Amazonas, logo, caso não conseguisse obter um êxito em sua carreira literária, não se sentiria realizado. Em seguida, para o autor, tudo gira em torno do Amazonas, é o lugar onde nasceu, estava sua família, e, neste lugar, vislumbra todas as suas possibilidades de sucesso pessoal, neste sentido, o poeta acredita que este lugar é a luz que o ilumina.

Portanto, a possibilidade de perda deste centro de referência, que o Amazonas, deixaria o poeta completamente perdido. Assim ele afirma no verso 12: “Porque, - terra sem sol nauta sem norte,” a temática usada em seus poemas iniciais se reconverteu de modo a lhe garantir trunfos em sua carreira política posterior, visto que a principal retórica de seus discursos era justamente esse sentimento de valorização ao estado do Amazonas (SANTOS, 1996).

Álvaro Maia conhecia o tamanho de seu prestígio como poeta no Amazonas, isso pode ser percebido na facilidade com que ele venceu o concurso “Príncipe dos Poetas” realizado com os leitores da revista Redenção em 1925, vencendo com ampla

maioria de votos (Álvaro Maia ganhou 21 votos e Raimundo Monteiro apenas 6); Raimundo Monteiro, que foi um dos principais nomes da poesia simbolista no Amazonas, não alcançou esse título.

Este caso reflete o modo como a poesia de Álvaro Maia era popular, visto que tanto Raimundo Monteiro quanto Álvaro Maia tinham suas poesias divulgadas nos principais jornais de Manaus, como o *Jornal do Comércio*, e nas principais revistas como a *Redenção*; contudo, em uma enquete popular, Álvaro Maia se destacou mais, isso reflete que o prestígio dele era maior no espaço social mais abrangente do que o de Raimundo Monteiro, mais limitado apenas ao campo intelectual. Assim é possível deslindar no caso dos dois poetas que as suas tomadas de posição ao longo de suas trajetórias os levaram para um acúmulo maior ou menor de credibilidade intelectual e credibilidade entre a população em geral.

O soneto *Desiludido*¹⁸ retrata a angústia de Raimundo Monteiro pela perda de um amor, todavia, reflete também a decepção do poeta pelo fato de perceber que ,quase ao final da vida , todos os seus investimentos em um laureamento na carreira de literato não o levaram à consagração, nem em seu próprio estado. Assim, nesse poema extraído do livro *Horas Lentas* (1930), publicado dois anos antes de sua morte, o poeta constata, que nem em sua própria terra de origem, obteve o sucesso nas letras.

Na tortura de ser igual aos outros, nesta
Nevrose de atingir a Perfeição e a Glória,
Sinto-me envelhecer, tacitruno, à ilusória
Esperança – que sei necessária e funesta

Endolorido, é em vão que, em puro verso, a história
De um grande amor pretendo eternizar: à mesta
Turpitude do meu vulgarismo nem resta
Sequer aquela dor que eu não quis transitória!

Nem me ficou sequer a elesía dor- aquela
Sacratíssima dor que foi do meu enlevo
A gênese- e o dealbar da minha Fantasia

Ai de mim! Neste caos de balde se rebela,
Sucumbindo à saudade, o sonho que não devo

¹⁸ MONTEIRO, 2002, p. 33.

Imolar, sem requinte, à exigente Estesia!

As palavras Glória e Perfeição escritas com letras maiúsculas (verso 2) refletem a importância de que a consagração intelectual significava para o poeta. Em “sinto-me envelhecer, taciturno, ilusória/ Esperança – que sei necessária e funesta” (versos 3 e 4), percebe-se que o poeta se lamenta, que ao final da vida, constatando que alcançou algo, ou seja, ele constata que a tão procurada consagração não passou de uma ilusão, a esperança de ascender foi frustrada, levando-o a uma dura constatação de que ele não era igual aos nomes que se destacaram, inclusive a Álvaro Maia; por esse fato ele se torturava tanto.

No verso 5: “Endolorido, é em vão que, em puro verso, a história”, o poeta constrói uma imagem de dor e arrependimento e continua seus lamentos lembrando que a grande consagração não veio durante sua vida, e é possível observar que esse arrependimento vem do fato de apesar de ter dedicado exclusivamente seus primeiros investimentos na carreira literária, aqueles onde o autor ainda era provido do capital financeiro de sua família, a partir do momento em que passa a se dedicar ao seu próprio estado, acaba por sofrer com o “ostracismo literário”.

Nos versos 12 e 13, ele continua afirmando de forma muito clara: “Ai de mim! Neste caos debalde se rebela,/Sucumbindo à saudade, o sonho que não devo”; a consagração no seu estado não era seu ideal, e agora no final da sua vida, na qual não conseguiu alçar, com sucesso, os voos altos que tanto desejava, como a consagração e o estabelecimento nas cidades de Paris e posteriormente do Rio de Janeiro. Daí ele passa então a culpar a sua *gênese*, ou seja, sua terra de origem, pois, segundo o poeta, nem em sua própria terra ele alçou a consagração almejada.

O meio ambiente foi-lhe supremamente mesquinho, ridículo por não possuir justamente a cultura necessária para compreender o poeta maravilhoso que ele era! E Raimundo Monteiro foi um grande esquecido! Quase anônimo, viveu na sua pátria cabocla, e quase anônimo morreu, com o canto derradeiro transformado em soluços de rimas... (MONTEIRO, 2002, p. 12).

Mario Ypiranga Monteiro (2002), em estudo feito sobre a vida do poeta Raimundo Monteiro, afirma que, pelo fato de não obter a consagração necessária para garantir seu estabelecimento nos grandes centros culturais, o poeta acreditava que ao menos em seu estado natal – o Amazonas, isso seria garantido, no entanto, tal não

aconteceu como é possível perceber no caso da eleição do Príncipe do Poetas, na qual Álvaro Maia ganha com larga diferença de votos.

Não restando outros investimentos a fazer além daqueles que já fazia no Amazonas, como se envolver no funcionalismo público, publicar seus poemas em jornais e revistas da época, o poeta constata que a tão sonhada glória e perfeição não veio, e só lhe resta lamentar e lembrar-se do período de boêmia graças principalmente à rica mesada recebida do pai que lhe possibilitou viver naqueles grandes centros culturais e, assim, produzir uma “arte pela arte”.

Entretanto, ao analisar as poesias de Álvaro Maia, o tom de lamento e melancolia não está ligado a uma perda definitiva, mas trata-se de um lamento, há um tempo ou amor que se foi, que ele almeja que volte; de igual modo, seus poemas deixam transparecer os entraves do seu posicionamento no campo intelectual, bem como um tom crítico quanto a situação social e política de seu estado. No soneto *Champagne*¹⁹ (1917), o autor faz uma exaltação da mulher amada que já pode ser interpretado como uma homenagem à borracha que tantas riquezas trouxeram ao seu estado, ou seja, uma de suas primeiras estratégias quanto a uma inserção no campo político.

És o néctar do luxo e das Vênus lascivas...
Contigo, o belo mundo, alta noite, se embriaga...
Sonha...E dentro do sonho, a voar de voga em voga,
Soluça em braços nus de visões sucessivas...

Traga teu fumo o encanto, o desespero traga,
Lembras risos sensuais de princesas altivas...
E, espumas levantando, os delírios avivas,
E junto ao lábio, és canto, e, junto ao sangue, és chaga...

Ó deusa és feita em beijo, ó loura alma da taça,
Em teu culto profano as vidas se consomem,
Sorvendo-te o veneno, em que a loucura esvoaça...

Obedece-te o mundo em tudo quanto queres,
Porque espalhas o amor pelas artérias do homem
E das áscuas de incêndio às bocas das mulheres

¹⁹ MAIA, 1997, p. 26.

O autor inicia dizendo: “És o néctar do luxo e das Vênus lascivas.../Contigo, o belo mundo, alta noite, se embriaga...” (versos 1 e 2). As palavras néctar e belo mundo demonstram uma imagem de algo atrativo; ao longo, ele faz uma referência a um ser ou um lugar amado. Assim, o mesmo revela o tratamento dado pelo poeta com relação a sua terra o Amazonas; para o poeta, a principal fonte de inspiração de suas poesias é seu próprio estado, e mesmo que procure garantir um estabelecimento em outros locais, ele afirma que sua terra, sua segurança está no Amazonas, ou seja, o poeta provavelmente alçava uma consagração a nível nacional, entretanto, ele compreende a importância de se firmar primeiramente em sua terra.

Álvaro Maia constrói uma imagem de valorização do objeto de seu amor; deste modo, ele vê uma terra sorridente e igual em importância semelhante às principais regiões do mundo; entretanto, é importante ressaltar que, no ano de 1911, o estado do Amazonas começa a sofrer com o declínio da borracha, e foi justamente a defesa de Álvaro Maia ligando a temática de suas poesias a um retorno do período de estabilidade financeira que lhe garantiu elementos para se tornar uma liderança intelectual e posteriormente um líder político nos anos de 1930.

Entretanto, o autor faz uma descrição do efeito do champagne; porém dá a entender que se trata de um retrato do poder que o dinheiro proporcionado por essa atividade extrativa corrompeu as pessoas, em especial os dirigentes políticos do estado. É interessante perceber como o autor trabalha esta temática que, aparentemente, não se relaciona com uma literatura de engajamento social; no entanto, é justamente através de sua capacidade de escrever que demonstrará em seus poemas elementos claros de suas reais intenções no espaço social.

Sendo assim, a visão econômica do poeta parece novamente incorporada aos elementos de sua poesia simbolista, ou seja, no verso 10 “em teu culto profano as vidas se consomem” o poeta retrata a situação do seringueiro que, iludido em ganhar dinheiro, extraíndo a borracha, vê-se preso por dívidas e acaba se tornando uma presa diante de um sistema extrativista que beneficiava a poucos.

“Obedece-te o mundo em tudo quanto queres”, observe no verso 12 que o autor finaliza este soneto afirmando que o efeito que uma bebida alcoólica produz no indivíduo, é exatamente o mesmo efeito que o dinheiro produz, levando as pessoas a ele obedecer sem questionar suas reais intenções, visto que pode trazer uma satisfação mesmo que temporária ao homem e é tão sedutor, tanto quanto o beijo de uma mulher.

Álvaro Maia e Raimundo Monteiro, mesmo que tardiamente, estavam cientes de que as condições simbólicas no Brasil durante os primeiros anos da República Velha estavam ligadas aos estames do poder; neste sentido, o primeiro, muito jovem, quando ainda dava seus primeiros passos em sua carreira de poeta, sempre esteve ligado (de forma involuntária devido aos contatos de sua família, ou de forma voluntária) a uma ampla rede de relações sociais que lhe possibilitou conseguir vários cargos junto ao funcionalismo público, o que, posteriormente, o ajudou a construir sua carreira política.

Já Raimundo Monteiro, mesmo que de uma forma tardia, após regresso do Rio de Janeiro, também, ingressou no funcionalismo público, trabalhando como tabelião, função que lhe garantiu uma confortável estabilidade financeira. Contudo, outro poeta simbolista, Maranhão Sobrinho, contemporâneo dos dois anteriores, vindo de uma trajetória diferente, não traçou estratégias para modificar sua realidade social, morrendo pobre e doente.

Entretanto, quando se faz uma análise mais aprofundada de sua biografia, é possível perceber que este poeta fez várias tentativas no sentido de se adequar ao perfil da produção simbólica do país durante este período; no entanto, pela ausência de uma ampla rede social e por alguns de seus posicionamentos políticos, sempre em oposição explícita às famílias Nery e Pedrosa, suas raras tentativas de entrar para o funcionalismo público foram todas frustradas.

Mario Ypiranga Monteiro citado no livro (SOBRINHO, 1999) menciona o caso do concurso prestado pelo poeta para a função de funcionário aduaneiro, no qual Maranhão Sobrinho passou em primeiro lugar, contudo, nunca foi nomeado para a função devido ao seu relacionamento com jornais oposicionistas como *A Gazeta da Tarde*. Nesta análise sobre a vida de Maranhão Sobrinho, ainda são mencionadas inúmeras situações nas quais o poeta fora preso pela polícia, quando sofrera diversas agressões por ser considerado como pertencente ao grupo dos subversivos e opositores dos dirigentes oligárquicos que se revezavam no poder.

Álvaro Maia, entretanto, sabia transitar nos círculos oligárquicos de maneira que não fosse considerado um oponente ao governo, sabendo manejar suas estratégias no sentido de converter a figura de poeta para a de líder intelectual capaz de conduzir a mudança moral e política de que o estado necessitava. Neste sentido, é possível perceber, em seus poemas, um tom de crítica adequado à composição do líder e poeta.

No período de publicação do poema *Noturno de Inverno* (1928)²⁰, o poeta já conseguiu construir uma imagem relacionada à mudança. Assim, neste poema, deixa transparecer críticas ao poder, contudo, pelo fato de que a poesia simbolista nunca demonstra claramente o que realmente o autor deseja falar, isto lhe permite sair imune de qualquer sanção das elites dominantes, ao passo que este poema serve de fonte de inspiração para os que anseiam pelo reposicionamento dos grupos oligárquicos no poder.

Abro os olhos em febre, no desejo
De retrancar na frente convulsiva
Tantas visões de fogo e sede...
Na imobilidade em que me vejo,
Sonho acordado...

A lâmpada furtiva tece aranhas de sombra na parede...

Chove...Amante de neve, zine o frio...
E sinto as veias rotas
E o incêndio no sangue,
Em meu tressuante desvario...
A chuva tem gotas:
É uma chuva de sangue...

O riso de Mefisto e Melusina,
Cascateia e se eleva
Na voz da ventania libertina,
Em supremo desencanto...

Em convulsões fortes e belas,
As árvores são pobres sentinelas,
Vestindo capas de treva,
Que escorrem pranto...
Que estranham sensação no trom da chuva,
Ouvindo-o, como eu ouço,
Com a alma viúva
Pela noite erma,
No desalento da Semana Santa...

Pecador, vejo em intimo alvoroço,
A amazona patrícia que me encanta...
Iara nua ao sol, Eva tropical, visão de ópio,
Bóia à minha vista enferma,
Rescendente a baunilha e heliotrópio...

Fulguro, um relâmpago esvoaça,
Como um rádio, que o céu prisioneiro
Devolvesse ao inferno...

Vulto nervoso achega-se à vidraça...

²⁰ Idem, 1997, p. 90-91.

Será a morte surgindo na invernada?
Virá dar-me o fulgor do sonho eterno
Por seu beijo primeiro e verdadeiro?

(se és, entra em minha boca incendiada!
Quero teu beijo de alvorada
E quero o bem do esquecimento,
Ó noiva negra, ó noiva branca, ó tudo e nada!)

Não! Ei-la que se vai embora,
No turbilhão soturno
Da noite e do vento!

Galopa o sangue pela artéria e, fora,
Esta chuva, esta nevoa, este noturno...

Chuva! Há um cheiro suavíssimo de rosa
Em teus fios, antenas de saudade!
A minha vida, orquídea dolorosa,
Que desperça a corola, ano por ano,
Na aspiração da divina Bondade,
Há-de reunir as pétalas perdidas...
[...]

Esse poema deixa claro que se trata de uma fuga da realidade em um momento de delírio ou de sonho no qual o autor diz: “Tantas visões de fogo e sede.../Na imobilidade em que me vejo,/Sonho acordado...” (versos 3 a 5); ele possui uma concepção da realidade em que vive como um tempo de perda da ilusão, para isso só lhe resta fuga, mesmo que seja para a sua imaginação. Diante de um sistema social e político no qual o Amazonas, durante a década de 1920, segundo o poeta, o deixava imóvel, só lhe restava então sonhar acordado; neste trecho, nota-se claramente o tom crítico que o autor impõe ao poema. A imagem do doente em meio a delírios refere-se à própria situação política do estado que, mergulhada em uma profunda crise financeira e política devido ao declínio da borracha, o poeta afirma que a propaganda do governo de aparente progresso e estabilidade não passava de ilusão para mascarar uma política corrupta e deixava o povo na miséria (SANTOS, 1996).

Neste poema, Álvaro Maia demonstra como conseguia transformar sua obra em uma literatura engajada quando diz nos versos 26 e 27: “Pecador, vejo em intimo alvoroço,/A amazona patricia que me encanta...”; neste trecho encontramos diversas características comuns de sua obra; o regionalismo que aparece através de temas amazônicos como: amazona patricia, Eva tropical e o misticismo que aparece em palavras como: Santa Semana, pecador.

Entretanto, fazendo uma análise além da estrutura do poema, é possível perceber neste trecho como o autor vê seu Amazonas preso e desprotegido contra aqueles que a princípio deveriam ser seus defensores; no entanto, são os seus principais algozes, e como em um sonho, via um destino melhor; assim, neste poema, o momento febril era a situação de descaso em abandono do estado, e os delírios seriam os sonhos de tempos melhores que já passaram, por exemplo, o período do apogeu da borracha.

O poeta questiona se ainda teria solução para a sua dor. Ele questiona se haveria alguém capaz de trazer a redenção quando ele fala nos versos 36 e 37: “Virá dar-me o fulgor do sonho eterno/ Por seu beijo primeiro e verdadeiro?”; e, em um momento de profundo lamento, acredita que se nada for feito para ele é preferível a morte, que é simbolizada pelo beijo da morte (o veneno); assim, neste poema, como em outros, ele faz declarações de amor e devoção ao seu estado.

Novamente a temporalidade está ligada a um futuro melhor quando ele diz nos versos 51 e 52: “Na aspiração da divina Bondade,/ Há-de reunir as pétalas perdidas...” A mensagem salvífica repleta de saudosismo foi um forte trunfo deste líder que surgiu do campo das letras e enveredou pela política como poeta, aquele que era imune às paixões mundanas, o único apto a reconduzir o pacto oligárquico no Amazonas. Assim como no poema ele aspira a tantos anos pela bondade divina, assim ele aspira à mudança, ao mesmo tempo em que ele se coloca no lugar de ser o único capaz de fazer esta mudança, visto que tantos que já tinham morrido por esta causa (os seringueiros), não conseguiram vislumbrar este momento.

Miceli (1979) denomina um segmento dos intelectuais de “primos pobres”, afirmando que os setores mais afastados das elites dirigentes utilizavam-se de diversas estratégias para evitarem ou saírem do “rebaixamento” social; como não detinham de capital financeiro, viam na carreira intelectual uma estratégia de superarem a desqualificação e adentrar no funcionalismo público, um dos importantes meios de cooptação da intelectualidade brasileira durante este período.

Maranhão Sobrinho, nascido em Barra da Corda, no estado do Maranhão, não possuía o perfil dos poetas anteriores, Álvaro Maia e Raimundo Monteiro; oriundo de família pobre, vem para Manaus atraído pelas promessas de riquezas durante o período áureo da borracha; ainda no Ceará pertenceu ao grupo Plêiade, e teve uma importante atuação no movimento literário cearense; em Manaus, foi considerado um dos principais nomes da poesia simbolista.

Entretanto, ao se observar sua trajetória, atentamos para o fato de que as tomadas de posição do poeta sempre o levaram para uma situação marginal frente aos demais literatos dos primeiros anos da República Velha; Maranhão Sobrinho atuou em jornais de oposição, onde publicava seus pensamentos e suas poesias, fato que lhe impediu de ingressar no funcionalismo público; outro fator que influenciou para que fosse considerado um literato marginal era o vício em álcool; alcoólatra e pobre, Maranhão Sobrinho não teve as mesmas oportunidades de ingressar nos estames do poder e, assim, se livrar das dificuldades financeiras provenientes de viver apenas de sua arte.

O que pensar da existência de um homem erudito que não alcançou o galarim social que seus contemporâneos disputavam pela intriga, pela subserviência, pela adulação, pelo salamaleque, pela felonía, vendendo a consciência por preço vil? Havia na Manaus daquele tempo lugar para todo mundo sobreviver, escusava empurrarem-se, matarem-se, agredirem-se, empregar meios policiais para defender interesses nem sempre justos (MONTEIRO, apud SOBRINHO, 1999, p. 19).

No caso de Álvaro Maia, o investimento na produção poética não pode ser dissociado da sua condição social privilegiada de filho de um seringalista endinheirado e, portanto, portador de determinados trunfos sociais que o colocavam em uma posição vantajosa para ingressar no mundo das letras. Sua imagem construída de poeta místico, também, estava relacionada à necessidade de evitar o descrédito e assim construir uma rede social que lhe propiciou sua ascensão política como interventor federal em 1930.

Por ser simbolista, Maranhão Sobrinho tinha uma temática voltada para o misticismo; muitos de seus poemas possuíam uma mensagem religiosa, no entanto, ao contrário de Álvaro Maia, que se transformou o poeta místico em um líder político com ares messiânicos, esse outro poeta místico usava essa linguagem como uma estratégia pós-vida, ou seja, obter a consagração que não conseguiu em vida, vislumbra alcançar após sua morte, fato que veio a acontecer, visto que foi nomeado como patrono de uma cadeira na Academia Amazonense de Letras que posteriormente pertenceria ao próprio Álvaro Maia.

No seu principal poema, *Sóror Tereza*²¹ (1908), apesar de não ser rigorosamente simbolista, aborda justamente uma temática comum deste movimento, o homem submisso ao poder divino, e esse desejado por um amor inatingível que pode ser

²¹ SOBRINHO, 1999, p. 17.

sua própria consagração intelectual, que não foi conseguido em vida será recompensado após a morte.

Em um dia em que as monjas foram dar com ela
Morta, da cor de um sonho de noivado,
No silencio cristão da estreita cela,
Lábios de um Crucificado...

Somente a luz de uma piedosa vela
Ungia, como um óleo derramado,
O aposento tristíssimo de aquela
Que morrera num sonho, sem pecado...

Todo o mosteiro encheu-se de tristeza
E ninguém soube de que dor escrava
Morrera a divinal sóror Tereza

Não creio que, do amor, a morte venha,
Mas sei que a vida da sóror boiava
Dentro dos olhos do Senhor da Penha

O poeta já não encara a morte como um triste fim, ele simplesmente desistiu, não quis mais tentar transformar sua realidade; quando no verso 2 ele diz: “Morta, da cor de um sonho de noivado”, apesar de ter feito algumas tentativas de transformar sua realidade; saiu do Ceará em busca de uma condição melhor em Manaus, tentou cargos públicos, contudo, desprovido de uma ampla rede social, não conseguiu a consagração no campo das letras como Álvaro Maia ou um cargo público como Raimundo Monteiro.

O autor diz no verso 7: “o aposento tristíssimo de aquela que morrera num sonho sem pecado...”, quem morrera sem pecado? O autor neste momento justifica suas próprias tomadas de decisão ao longo de sua vida, visto que Maranhão Sobrinho não fez em nenhum momento de sua vida uma literatura que se submetesse aos ditames do poder; assim, neste trecho de seu poema mais famoso, o poeta sai em defesa própria, no entanto, os mecanismos de consagração desse período vão depender quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação (MICELI, 2001).

Neste sentido, quando Maranhão Sobrinho decide ser contra esse processo, fica em uma posição de marginalidade dentro do campo, restando-lhe, como último investimento, a defesa da sua morte e passa a se posicionar como uma espécie de mártir em nome da “poesia pura”, totalmente desprendido de interesses terrenos (BROCA, 2005).

O autor se consola afirmando que: “E ninguém soube de que dor escrava/Morrera a divinal sóror Tereza” (versos 10 e 11); nesse momento de

indignação, o autor se lamenta, pois acredita que não recebeu o reconhecimento merecido por sua obra. Ao contrário de Maranhão Sobrinho, Álvaro Maia, que também fazia uma poesia simbolista, fortemente carregada de um misticismo religioso, especificamente espiritualista, conseguiu se consagrar em vida e ainda reverter essa consagração como um importante trunfo para uma consagração política.

Os trunfos capazes de serem utilizados no jogo político devem obedecer a uma estratégia viabilizada pelas regras que regem o próprio campo político (BOURDIEU, 2004). Nesse sentido, o processo de transição de um capital literário para um capital político na vida de Álvaro Maia pode ser percebido, também, através da sua obra literária. Entretanto, no caso de Maranhão Sobrinho, seja por falta de condições, seja por opção, o poeta simplesmente não conseguiu alcançar voos tão altos.

É possível notar neste poema um momento de redenção, ou seja, o poeta vislumbra a recompensa por expor-se ao sacrifício como um mártir ao final, ou seja, após a sua morte virá seu prêmio, que é ser recebido nos braços de Deus: “Não creio que, do amor, a morte venha,/ Mas sei que a vida da sóror boiava/Dentro dos olhos do Senhor da Penha” (versos 12 e 13), isto é, para o autor, somente após a sua morte, sua poesia receberá o devido reconhecimento e o poeta será consagrado, visto que, durante a vida, não valorizaram seu “sacrifício”.

Capítulo 3

O poeta e política

Durante o período de 1920 e 1930, o Brasil sofreu inúmeras crises econômicas oriundas de uma política voltada para a proteção das elites oligárquicas cafeicultoras de Minas Gerais e de São Paulo. Os representantes políticos eram sempre nomeados no sentido de garantir os interesses destes grupos, mantendo uma política econômica de proteção para o preço do café, beneficiando os dois estados. Diante disso, os demais estados do país viam-se envolvidos com uma arrecadação baixíssima, não conseguindo suprir suas despesas e totalmente esquecidos pelo poder central.

As elites dominantes eram constituídas, em sua maioria, por fazendeiros que dominavam o cenário político em suas respectivas regiões, sendo eles próprios ou seus representantes os mantenedores das políticas que garantiam o preço e impediam que facções opositoras assumissem o poder e levassem a um desequilíbrio da dinâmica econômica local e na organização social e política correspondente.

Diante de grandes dificuldades financeiras e total abandono por parte do poder central, muitos estados sofriam com a falta de “coerência” política. Assim, em consonância com os interesses das elites agroexportadoras, os mandatários do poder político atuavam como porta-vozes dos interesses das oligarquias tradicionais, o que favoreceu o surgimento de disputas no interior das classes dominantes sob a forma de embates regionais (FAUSTO, 1997). Neste contexto, a grande maioria da população sofria com a miséria e o abandono.

Em um cenário caótico, as classes mais baixas que se encontravam politicamente desprovidas manifestavam sua indignação através de “explosões”, nas quais podemos destacar a revolta de Canudos, a Revolta do Contestado e as rebeliões tenentistas ao longo da década de 1920. Entretanto, as intervenções populares se restringiam apenas a surtos de violência de maneira isolada, não chegando a influenciar decisivamente no sistema político vigente, pois se tratavam de fatos isolados que beneficiavam os grupos oligárquicos que não estavam no poder. Esses grupos que não se encontravam no poder viam nestas ocasiões uma possibilidade de remanejamento; todavia, não era de seu interesse uma mudança na estrutura social vigente.

A classe média se encontrava completamente dependente dos setores mais tradicionais, visto que possuía uma composição muito heterogênea. Deste modo, não conseguiu apresentar-se como um grupo coeso, o que lhe rendeu uma participação

secundária nas instâncias do poder, seja por sua inserção na burocracia estatal, seja por meio das Forças Armadas. Neste sentido, a classe média aparece como uma espécie de mediadora no estado.

Outro grupo que fez inúmeras incursões na política nacional foram os militares. O tenentismo, como ficou conhecido o movimento de contestação dos militares durante a década de 1920, não possuía uma política econômica viável. Pois os tenentes consideravam-se os responsáveis pela salvação da nação, os verdadeiros guardiões da pureza das instituições republicanas; todavia, uma vez que obtiveram o poder mediante golpes, não conseguiram se manter no poder sem o apoio de alguns setores civis (FAUSTO, 1997).

No Amazonas, durante esse período, as lideranças políticas se mantinham no poder a partir do apoio oferecido pelos grupos oligárquicos, então constituídos por comerciantes ligados à extração e exportação da borracha. Os dois principais grupos políticos que se revezavam no governo do Amazonas pertenciam às famílias Rego Monteiro e Nery, durante as primeiras décadas da República Velha.

De 1920 a 1924, o governador Cesar do Rego Monteiro, que tinha sido empossado mediante manobras políticas (o candidato eleito foi o Marechal Taumaturgo de Azevedo, representante de outra importante facção, os Antony), enfrentou um governo em pleno processo de desvalorização da borracha, principal produto agroexportador do estado, além do descaso do poder central. Entretanto, diante desta situação, o governo garantia uma política paternalista para com seus aliados na capital e no interior do Amazonas.

No interior do Estado, à medida que a família Rego Monteiro se consolidava no poder, os municípios se transformavam em verdadeiros feudos dos chefes políticos que usufruíram de seu beneplácito. As concessões de vastas regiões, a saber: castanhais, balatais e seringais eram feitas a indivíduos privilegiados, os quais necessitavam da ajuda parcial para submeter as populações revoltadas contra essa servidão (SANTOS, 1990, p. 40).

Diante deste cenário, a imprensa amazonense se configurou como o principal instrumento de oposição contra os Rego Monteiro, no sentido de rearticular uma oposição e criar condições para o lançamento de outro candidato. Com a crise do preço da borracha e as violentas repressões do governador contra os opositores, muitos grupos civis e militares começaram a se articular no sentido de ter uma nova tomada de posição na política amazonense.

O “príncipe dos poetas” aparece durante este período envolto em diversas atividades ligadas ao jornalismo e à docência; entretanto, sua atuação inclinou-se para um engajamento político. Ao se atentar para a trajetória política de Álvaro Maia, dentro desse contexto, é possível observar o processo de reconversão do capital simbólico até então acumulado na esfera intelectual para o campo político, dada a peculiaridade do contexto social de mudanças radicais pelas quais a sociedade brasileira e amazonense passavam. Segundo Miceli (2001), a participação dos intelectuais na política, bem como as estratégias de recrutamento e os mecanismos de consagração intelectual, estavam intimamente ligados à grande imprensa, que era a principal instância de consagração e legitimação intelectual da época.

Isto revela um profundo descontentamento de diversos setores da sociedade amazonense com relação à situação política da época e com o processo de sucessão eleitoral. Todas estas tensões acabaram eclodindo em 1924 num movimento de revolta contra as elites oligárquicas encabeçadas por um grupo de militares. Entretanto, é interessante salientar o comportamento solidário de diversos grupos civis ante o motim realizado pelos militares; assim, muitos opositores ligados à facção dos Nery, dentre os quais podemos citar o próprio Álvaro Maia, manifestaram apoio aos revoltosos, fossem em suas publicações em jornais, fossem em discursos pronunciados.

Todavia, é interessante salientar que o comportamento solidário destes opositores possuía um caráter dúbio, pois, na medida em que se declaravam solidários ao movimento enfatizando o caráter libertário e salvador do movimento, procuram, no entanto, não se envolver diretamente com o governo provisório, declarando-se solidários ao governo central e negando qualquer envolvimento contra o presidente Arthur Bernardes.

Assim, após a rebelião, houve um remanejamento dos grupos oligárquicos no poder. Com a saída dos Rego Monteiro, entra o interventor federal Alfredo Sá que, apesar de não ser oriundo da região e de não possuir maiores vínculos com os setores dominantes locais, propiciou, através de sua intervenção, benefícios aos grupos civis que manifestaram durante este período um caráter de ambiguidade, ou seja, as facções oposicionistas que, a priori, se manifestaram solidárias aos revoltosos; neste momento se comportavam de modo a procurar estar bem com o poder central, visto que seu principal objetivo era garantir o controle do poder local.

Segundo Eloína Monteiro (1990), a participação dos militares em Manaus foi marcada de modo efêmero e por uma total dependência das facções oligárquicas; assim,

eles lutavam pela moralização da política, mas não conseguiram apresentar uma proposta de mudança política e econômica que fosse forte o suficiente para substituir a política das oligarquias.

A participação de Álvaro Maia nas atividades políticas durante a década de 1920 lhe garantiu capital simbólico necessário para que seu nome pudesse ser cotado como um candidato viável para um remanejamento do pacto oligárquico. Durante este período, o poeta mesclava suas atividades literárias com diversas participações no funcionalismo público, juntamente com as suas atividades como professor do Ginásio Amazonense Dom Pedro II. Sua atuação em diversas atividades do funcionalismo público e o fato de ser oriundo de uma família abastada propiciou a construção de uma rede social, bem como seu ingresso nos estames do poder.

A primeira função do jovem Álvaro Maia no Amazonas, ainda em 1917, foi de redator dos debates da Assembleia Legislativa. Depois, foi procurador da República, cargo que exerceu como interino em 1917. Exerceu durante quinze dias a função de ajudante do Gabinete de Identificação e Estatística em 1918, sob a direção do Dr. Galdino Ramos. Em 1918, foi auditor da Força Policial, cargo que considerou destituído de interesse para o estado, propondo ao governador Alcântara Bacelar a sua extinção. É interessante salientar o fato de que durante este período Álvaro Maia já começava a construir uma imagem junto aos governantes, imagem que sempre esteve pautada em um estereótipo de uma pessoa centrada, um “bom conselheiro” em horas de crise.

Foi então para a cidade de Porto Velho, onde atuou como secretário do Superintendente Monsenhor Raimundo Oliveira em 1920. Nos anos de 1921 e 1922, serviu como secretário da Comissão de Propaganda e Organização do Centenário no Pará, chefiada por Djalma Cavalcanti, seu cunhado. De 1922 a 1926, serviu na Comissão de Saneamento Rural do Amazonas, sob a direção do Dr. Samuel Uchôa, sendo-lhe atribuída a coordenação dos relatórios.

Ainda durante a década de 1920, juntamente com as atividades que exerceu como funcionário público, Álvaro Maia foi nomeado pelo interventor Alfredo Sá para professor interino do Ginásio Amazonense Dom Pedro II, em 1925; a docência foi uma das funções que o poeta exercia paralelamente; essa nomeação pode também se configurar como uma espécie de premiação ao fato de ele ter colaborado durante o levante de 1924, quando atuou como um forte opositor das facções que se encontravam no poder: os Rego Monteiro.

A adesão de Álvaro Maia aos rebeldes pode ser verificada através de sua participação em eventos, nos quais proferiu discursos contestando as práticas políticas do grupo deposto [...] Nos textos “Velhos e novos horizontes”, Álvaro Maia denunciou os processos administrativos utilizados pela família Rego Monteiro (SANTOS, 1996, p. 45)

Ainda durante o período do levante, quando governador do Amazonas era o coronel Raimundo Barbosa, após a chegada do General Menna Barreto, Comandante do Destacamento organizado para combater os revoltosos de 23 de julho de 1924, Álvaro Maia foi nomeado para o cargo de secretário da prefeitura de Manaus. A Associação Comercial do Amazonas também se configurava como um espaço de organização dos grupos que pleiteavam o poder no estado; assim, este espaço se tornou um importante centro político-ideológico no qual Álvaro Maia mantinha fortes ligações, pois exercera as funções de consultor jurídico e redator da revista até 1930 quando foi nomeado interventor federal do estado.

Durante sua trajetória inicial, Álvaro Maia empenhou-se no sentido de se manter envolvido em atividades políticas. Após seu regresso do Rio de Janeiro, em 1917, onde se formou em direito, Álvaro Maia investiu decisivamente na carreira política. Todavia, Pécaut (1990) afirma que, como a maioria dos intelectuais, durante este período, encarava a política como uma missão, e eles, por serem a elite pensante do Brasil, eram os únicos aptos a levar ao fim o projeto de construção do país como uma nação.

Em 1918, teve seu primeiro investimento na vida pública, lançando-se como candidato a deputado federal pela oposição, sem nenhuma perspectiva de vencer. Sua afirmação, porém, se deu quando pronunciou “Canção de Fé e Esperança”, em 9 de novembro de 1923. Depois dos famosos discursos de Heliodoro Balbi, este foi o documento decisivo da vida política do Amazonas, servindo como sua principal bandeira política e oportunamente manejada pelo poeta para que ele pudesse construir a imagem de líder político. Foi após este discurso que Álvaro Maia deixou evidente o modo como seria realizado o seu projeto político até o fim de sua vida, sempre ligado à crise do preço da borracha que, segundo o poeta, era a principal fonte de renda e riqueza do estado.

Enquanto ensinava, Álvaro Maia foi conquistando paulatinamente a confiança e a simpatia do povo. Por outro lado, sua vida era um exemplo de dignidade e desprendimento.

Após a Revolução de 1930, foi convidado para ocupar o cargo de interventor federal pelo então Tenente-Coronel Floriano Machado, que esteve à frente do governo do estado. Exerceu o cargo até meados de 1931, no meio das maiores dificuldades, inclusive financeiras.

3.1- Década de 1920: discursos de um líder político em ascensão

Com o discurso “Canção de Fé e Esperança”²², proferido por Álvaro Maia no Teatro Amazonas, em novembro de 1923, ele alcançou certo grau de consagração intelectual e política a ponto de vislumbrar uma ascensão na vida pública; esse discurso possibilitou ao poeta o começo de um processo de reconversão de seu capital literário em um capital político, que culminou em 1930 quando da sua nomeação como interventor federal.

A análise sociológica de discursos propõe outra forma de metodologia; no entanto, no caso específico de alguns dos discursos de Álvaro Maia em sua trajetória inicial, como “Canção de Fé e Esperança”, por exemplo, é possível fazer uma reconversão para uma análise sociológica de obras literárias, pois se trata de um discurso com conotação poética. A partir dessa abordagem complementar aos procedimentos metodológicos na análise literária discutidas anteriormente, surge a concepção de que os sujeitos elaboram suas visões de mundo como parte de sua experiência, experiência que é compartilhada com um ou mais grupos sociais. Nesse sentido, os literatos são formuladores de ideias, veiculadores de visões de mundo que são construídas coletivamente.

Ao analisar o discurso “Canção de Fé e Esperança”, é possível identificar uma espécie de ideologia política fundada na mudança e na exaltação das origens amazônicas a partir da valorização do elemento nativo, o caboclo; insinua-se um retorno ao tempo passado e a valorização do cenário amazônico, e isso em função das mudanças sofridas pelo estado durante esse período que de fato não trouxeram melhorias à vida dos amazonenses. O discurso de Álvaro Maia exprime uma nostalgia e observa certa paralisia no desenvolvimento das cidades do Amazonas, pois, mesmo sendo parte da República Velha, guardam integralmente as características do período colonial brasileiro, tais como a dependência político-econômica de outros estados. Segundo

²² MAIA, 1969.

Santos (1996), Álvaro Maia pode ser caracterizado como um regionalista, daí a valorização de sua identidade cabocla presente em sua obra literária e em seus discursos proferidos ao longo da sua trajetória.

Essa ideologia critica e se contrapõe à passividade da elite oligárquica dominante, aludindo a uma mudança que só pode vir da união da população local. Isso ocorre através da exaltação das riquezas amazônicas, afirmando a necessidade de serem conhecidas. Alerta, em seguida, para o fato de que os amazonenses devem ser educados para que não continuem cometendo os mesmos erros contra a terra, deixando, assim, o Amazonas livre de qualquer degradação (ambiental e moral); faz isso enquanto espera que o estado seja mais povoado e, com isso, que sejam assimiladas novas culturas.

Somente o esplendor desta hora febril explicaria este poean de gente nova, agrupada neste recinto sem credos políticos, sem malquerenças nem ódios, supondo que todos, moços e velhos, amigos e inimigos, se conjugam sob as correntes dos mesmos ideais e rendem graças aos céus pela fraternidade, pela liberdade, pela eternidade do Amazonas (MAIA, 1969, p. 10).

É de acordo com esta responsabilidade social e com o amadurecimento político que Álvaro Maia, em “Canção de Fé e Esperança”, exalta a necessidade da união de todos os habitantes do Amazonas. Ele contesta o desenvolvimento real do estado e ressalta a importância de um determinado ator social que contribuiu para o aumento dessa riqueza: o seringueiro. Os seringueiros são considerados por Álvaro Maia como os bravos lutadores que geraram de fato as riquezas da Amazônia, a custo de muito esforço e de milhares de vidas ceifadas (MAIA, 1969).

Nesse drama permanente, rolam os abismos, como suaves rosas de sombras, os exploradores, desde os missionários “que encheram de vida com as suas missões o deserto do Amazonas” até os seringueiros os sustentáculos admiráveis de uma sociedade... Hosana a êsses heróis! O primeiro ainda é preso pelo ideal religioso, pela seita, pela fé. O segundo, mais sofredor porque lhe falta a crença, rompe o caminho, expõe-se ao primeiro ataque, à primeira derrota, à primeira enfermidade (MAIA, 1969, p. 22).

A valorização da borracha era um dos temas principais de Álvaro Maia e vai aparecer em sua obra literária e nas suas propostas políticas. Todavia, é interessante observar como ele se utiliza dessa temática para manter uma relação de ambiguidade com os setores dirigentes, pois, na medida em que ele defende o seringueiro, consegue construir uma relação de proximidade com as camadas mais baixas da população, mencionando-as em algumas de suas obras como os bravos *titans*²³. Por outro lado,

²³ Idem, 1998.

importante ponto da sua retórica é a valorização do preço da borracha e a sobrevivência da economia extrativista como argumento conciliador junto às camadas dominantes; deste modo, ele soube manejar seu discurso no sentido de manter uma relação de harmonia e de dualidade.

No entanto, não se deve esquecer, que durante a década de 1920, o Amazonas vivia sucessivas crises com relação aos grupos oligárquicos que se revezavam no poder. Com os Rego Monteiro no governo do estado durante este período, é possível perceber que o posicionamento e as críticas que Álvaro Maia tecia iriam, conseqüentemente, agradar a facção opositora, no caso os Nery. Neste contexto, no discurso “Canção de Fé e Esperança”, duras críticas eram endereçadas à política oligárquica vigente, no entanto, isso era feito de forma suave e muitas vezes até lírica. Álvaro Maia se utilizava de uma linguagem poética para abordar os problemas socioeconômicos do estado.

Há um murmúrio de formal desaprovação, quando as acusações chovem sobre os poderes constituídos do país, na parte concernente ao Amazonas. Mas, sem que importem em felonias estas minhas palavras, partidários intransigentes de um Brasil uno e poderoso, quais são os favores prestados pela União ao nosso Estado? (MAIA, 1969, p. 19).

Diante de um cenário de revolta que vem se construindo durante esse período, e que desembocará na eclosão da Revolta de 1924, Álvaro Maia conclama aos jovens a necessidade de se manifestarem diante desta situação. Para ele, são estes que podem realmente modificar ética e moralmente o Amazonas: “[...] é o instante da mocidade intervir a luta, interessar-se pela marcha de seu estado, sem a inconveniência das oposições sistemáticas como dos apoios incondicionais. Soou o momento oportuno dessa iniciativa e, em sua defesa” (MAIA, 1969, p. 24).

A retórica principal do discurso de Álvaro Maia consistia em valorizar a vontade popular, e as decisões ligadas a um futuro próximo dependiam do povo. Sendo assim, o discurso delegava certa autoridade ao “povo”; o poeta, através de seus discursos, acabava adquirindo a função de porta-voz da sociedade diante do descontentamento geral em relação ao sistema político vigente. Através deste discurso, é possível analisar como a sua retórica se articula, tendo por finalidade compreender como determinados elementos presentes em seus discursos garantiram-lhe subsídios para o papel de porta-voz da população durante um período conturbado da história do Amazonas.

Álvaro Maia era um nacionalista e via na falta de unidade nacional o motivo principal de o estado do Amazonas se encontrar em total abandono por parte do poder central; daí o fato de proliferar uma política que beneficiava determinados interesses de alguns grupos oligárquicos. Neste sentido, ele se mostrava favorável à centralização e à unidade da pátria, pois, deste modo, seria possível ao Amazonas alcançar a “redenção”:

E, com o pensamento na claridade redentora de amanhã, sentimos o coração oscilar num alvoroço, em ritmos e pausas, sonhando homens livres dentro de uma nação livre e um grande Amazonas integrado a um grande Brasil, fraternizados pela mesma comunhão da terra e da raça, pelo mesmo ideal do idioma e da história, pela mesma ansiedade da grandeza e da fôrça... (MAIA, 1969, p. 34).

Segundo Santos (1996), o discurso “Canção de Fé e Esperança” trabalha com a ideia de salvação e redenção para o Amazonas, fundamentado em uma tripla temporalidade: uma exaltação do passado (período de apogeu da borracha), a crise do presente (a queda do preço da borracha e as crises políticas) e, finalmente, uma reação popular ligada a um futuro próximo.

Mas éramos o Eldorado, estendendo planícies fecundas para pedestais de cidades de ouro; mas éramos o paraíso verde com círculos azuis de atividade, florindo em campos gerais como em florestas virgens [...] E é esse amor que nos faz prever o Amazonas de dois mil e vinte e três, como uma pátria em que milhares de homens unidos pelo mesmo afeto, celebrem uma nova era, sustentado, por seu poder financeiro, uma potencia econômica formidável, cujas cariátides serão as fábricas plantadas nos campos, os armazéns com incalculáveis valores, as cidades debruçadas à margem dos rios nervosos e barrentos (MAIA, 1969, p. 13).

Entretanto, Álvaro Maia que, neste momento, encontrava-se em processo de definição como um líder político, possuía uma retórica voltada para a mudança do cenário de crise econômica e política no qual se encontrava o estado. Assim, proclamava em seu discurso uma possibilidade de redenção para o Amazonas, ao passo que se posicionava no interior do campo político por meio da utilização e da manipulação da retórica deste discurso e da imagem de poeta laureado, estabelecendo uma espécie de controle sobre a imagem construída diante dos seus pares.

Através deste discurso, o poeta passou por um processo de *iniciação*, isto é, a partir deste momento, começou a inteirar-se da lógica do campo político, manipulando a prática do que é dizível e do que é pensável dentro desse microcosmo social peculiar que é o campo do poder; neste sentido, Álvaro Maia passa então a tomar o cuidado de fazer críticas que não o pusessem em uma situação desconfortável ante as elites conservadores do estado.

“[...] no Amazonas, as enchentes, em alturas maiores ou menores, são anuais, e aniquilam o esforço dos operários modestos da selva, que não têm uma diretriz um auxílio na obra portentosa da resistência e da tenacidade: urge canalizar esses esforços” (MAIA, 1969, p. 21). Ele relaciona os problemas ligados à extração da borracha com fatores naturais, afirmando que o seringueiro se encontrava desprotegido diante da voracidade da floresta e de seus rios, logo, cabia aos seus dirigentes o papel de auxiliá-los, como no caso do período das enchentes.

Em outro trecho, ele afirma: “[...] valorização da borracha? Ainda em mil e novecentos e vinte e um, o dr. Epitácio Pessoa, negava o menor auxílio a êsse produto, sob o sofisma de não ser igual ao café” (MAIA, 1969, p. 19). Álvaro Maia direciona suas críticas contra a queda do preço da borracha ao poder central, em que é possível notar o cuidado com as palavras para não causar algum nível de indisposição com as elites conservadoras do Amazonas.

Neste sentido, esse período na trajetória política do líder/poeta serviu para que ele pudesse compreender a lógica do posicionamento político dos primeiros anos da República Velha, de modo a se inserir e posicionar-se no campo do poder a ponto de conquistar a ascensão política que acabou por ocorrer em 1930. Álvaro Maia se identificava com estes grupos do ponto de vista ideológico, fator que garantiu a sua indicação a uma entrada no campo político.

Segundo Bourdieu (2004), ao converter-se um determinado capital simbólico em capital político quando, por exemplo, da aquisição de um mandato político, abre-se a possibilidade de uma carreira política na medida em que o capital simbólico inicial fica subtraído pelo capital político conquistado. No caso específico de Álvaro Maia, o capital adquirido como poeta laureado e sua ligação com a imprensa local (muito comum aos intelectuais deste período (ver MICELI, 1979) propiciaram-lhe construir um capital intelectual que foi oportunamente remanejado para um capital político no momento do pronunciamento de “Canção de Fé e Esperança”.

E também no facto de possuir um certo número de qualificações específicas que são a condição da aquisição e da conservação de uma “boa reputação” – é frequentemente produto da reconversão de um capital de notoriedade acumulado em outros domínios (BOURDIEU, 2004, p. 191).

Assim, na ocasião do pronunciamento de “Canção de fé e Esperança”, em 1923, essa *investidura* da qual Álvaro Maia adquiriu um capital político delegado pelos grupos oligárquicos interessados no remanejamento do pacto oligárquico, serviu como

seu momento de iniciação na vida política. Todavia, outra característica presente neste discurso que influenciou decisivamente a carreira política de Álvaro Maia foi a linguagem poética, pois não se tratava de um discurso de um mero professor e advogado, mas do “príncipe dos poetas” que estava preletando sua retórica, inevitavelmente influenciada pelo fato de ser um poeta e um intelectual que, diante de um momento de crise se viu obrigado a intervir na causa política.

No inverno, quando o seringal se alaga,
Não se vê na missão quem não celebre
Com hóstias de quinino, e boca em praga
A missa arquilitúrgica da Febre.

E's missionário sem burel e estola;
Tens nas mãos a semente das cidades,
Que sementes sem Cristo e sem Loiola (MAIA, 1969, p.22).

Neste trecho do discurso, aparece a veia poética de Álvaro Maia, critica a situação de abandono e descaso na qual viviam os seringueiros no interior do estado, passa a declamar em forma de poesia ao fazer referências religiosas quando alude ao seringueiro como uma espécie de missionário não investido pela igreja, mas com a missão de extrair a borracha.

Em uma justificativa de sua intervenção na vida política, ele cita outros intelectuais que tiveram uma atuação na vida pública no âmbito do cenário local quando faz alusão a versos de Heliodoro Balbi e de Rui Barbosa. No entanto, é por Olavo Bilac que o autor demonstra toda a sua admiração; Álvaro Maia foi profundamente influenciado pelas ideias de Olavo Bilac ligadas à educação, e que gerariam a nacionalização do país assim como a centralização política; neste sentido, sua proposta de uma educação para o “espírito” levariam a formar cidadãos que construiriam a nação brasileira.

A presença de Olavo Bilac é marcante e, devemos destacar a força que ele tem no pensamento político de Álvaro Maia, na construção de seu ideal salvacionista ou de “redenção” do Amazonas. Integrava este como aquele a geração dos intelectuais de uma mentalidade “ilustrada” que viam na educação a chave para a “salvação nacional”. Em ambos, a educação foi uma proposta central de construção da consciência do cidadão (SANTOS, 1996, p. 56).

Em 20 de maio de 1925, Álvaro Maia foi empossado pelo então interventor federal Alfredo Sá para a cadeira de Instrução Moral e Cívica no Ginásio Amazonense. E, em dezembro do mesmo ano, em uma cerimônia presidida por Alfredo Sá e pelo diretor do Ginásio Amazonense para a inauguração do busto de Dom Pedro II e a

alteração do nome para Ginásio Amazonense Dom Pedro II, Álvaro Maia realizou um pronunciamento intitulado “Dom Pedro II e a República”²⁴, pronunciamento que fazia uma defesa da política republicana.

Álvaro Maia era um nacionalista e defendia a política republicana, no entanto, como um conhecedor do jogo político, ele sabia que a retórica de seu discurso direcionada para a defesa do sistema político vigente se harmonizava com os interesses dos grupos políticos então no poder; neste sentido, construía sua carreira política e criava o líder/poeta.

É interessante ressaltar que, em consonância com os interesses das elites agroexportadoras, os mandatários do poder político ao longo das primeiras décadas da república atuavam como porta-vozes dos interesses daquelas oligarquias tradicionais. O perfil social dos principais integrantes dos partidos políticos então atuantes revela, por seu turno, modos diferenciados de inserção de uma camada média em formação e que então buscavam dentro do aparelho de Estado auferir determinados ganhos simbólicos e materiais (cf. MICELI, 1981). A composição dos grupos existentes nesses partidos era originária de diversos setores socioculturais da sociedade brasileira e recrutados nas mais diferentes atividades: intelectuais, jornalistas, profissionais liberais, entre outros.

Durante os primeiros anos da República Velha, as elites dominantes do Amazonas eram constituídas, em sua maioria, por “fazendeiros” ligados à agroexportação da borracha; a industrialização no estado do Amazonas se desenvolvia de maneira incipiente ou quase nula. Portanto, são os grupos políticos ligados à agroexportação que dominavam o cenário político do estado, sendo eles próprios (ou seus representantes) os mantenedores das políticas que garantiam o preço de seus produtos em boas condições internas e externas, além de impedir que os opositores assumissem o poder e levassem a um desequilíbrio as forças econômicas locais e a organização social e política correspondente.

O papel destes representantes era o de servir como mediador entre a grande população do estado e as elites dominantes, daí a configuração dúbia do papel político de Álvaro Maia, visto que ele atuava buscando representar os interesses de todos os setores da sociedade. Neste sentido, por ser um intelectual legitimado tanto entre seus pares, quanto entre diversos setores da sociedade, a sua função de mediador passou a lhe render uma relevância política (ver GRAMSCI, 1979).

²⁴ Idem, 1925.

Glória a ti, regime do povo pelo povo, que não tiveste o nascimento em envenenadouros, entre esguichos de sangue, nem te manchaste na prática de despotismo e esbulhos, mas, certo de tua força, foste o primeiro a estender as mãos ao grande vencido, a quem devemos meio século de governo nacionalizador (*sic*) (MAIA, 1925, p. 14-15).

A década de 1920 é o período em que Álvaro Maia ainda não tinha atingido o nível de consagração política; neste sentido, ele necessitava obedecer aos ditames do jogo político. Foi através da sua capacidade de dominar o campo político e os meios de manutenção de posições estratégicas no espaço de tomadas de posições, ou melhor, no espaço de decisões dos outros ocupantes, que ele consolidou a sua liderança. O sentido prático do jogo político é que lhe permitiu tomar as melhores posições, isto é, as posições mais convenientes que pudesse encontrar um caminho mais vantajoso para a obtenção de uma ascensão política. Neste sentido, tomar uma posição de defensor do sistema político vigente possibilitou criar uma relação harmoniosa com as elites dirigentes do estado.

Isso revela o caráter dúbio de Álvaro Maia na medida em que tecia críticas contra a facção política no poder, e fazia de modo suave, visto que não era de seu interesse uma mudança radical no sistema político vigente; era de seu interesse apenas o remanejamento da facção que estava no poder.

Entretanto, não se deve esquecer que o capital intelectual de Álvaro Maia não foi sublimado na medida em que se inseria no campo político, ao contrário, era seu principal trunfo; assim, o poeta místico sempre transparecia em seus pronunciamentos fazendo alusões de que era necessário que um líder “messiânico” surgisse para que a realidade política e econômica se modificasse.

Festejando o centenário de D. Pedro II, a Republica poderia fazel-o sobre essa interpretação política [...] o verdadeiro crente não é o phariseu, o que esmurra, o peito negro de crimes emquanto lázara a vida com actos comdemnaveis, e sim o que, em silencio e sem exhibicionismo, não le a Bíblia, mas professa o bem (*sic*) (MAIA, 1925, p. 15-16).

Foi justamente o perfil construído no mundo das letras como “poeta” que acabou sendo aceito pelos seus pares políticos, e posteriormente pelos seus eleitores. Assim, o poeta investido de uma aura mística que sempre fazia divagações religiosas em suas poesias permanecia com a mesma retórica em seu discurso político.

Entretanto, é possível perceber neste trecho certo tom crítico em suas palavras, porém essas críticas eram feitas de modo a não atingirem diretamente determinados

grupos ou pessoas; a sutileza nos discursos de Álvaro Maia garantiu-lhe o título de homem ponderado, e sempre lembrado em situações de crise.

É na medida em que um determinado grupo passa a encará-lo como um representante político viável que ele começa a utilizar-se desse papel a fim de tomar decisões políticas em nome da fidelidade que esses possíveis representados lhe oferecem. Como nesta lógica do jogo político todas as suas decisões precisam passar por um consenso entre os líderes, no caso, as facções políticas com as quais estava envolvido, nesse contexto, é praticamente impossível tomar decisões próprias e/ou intuitivas.

Tentei esboçar apenas os motivos por que esta Congregação chrisma este estabelecimento, de onde vão saíndo os cidadãos do Amazonas [...] A mocidade amasonense ha-de passar por esta casa com olhos cravados nesses dois vexilos civicos que lhes ensinarão a querer a patria e a defendel-a por um intransigente, fôrte e mesmo cruel nacionalismo inspirado em bases de elevação jurídica e moral (MAIA, 1925, p. 19-20).

Seu discurso não privilegiava apenas as elites dirigentes; por ser professor, Álvaro Maia sabia que era fundamental conquistar a simpatia dos jovens; como já mencionado anteriormente, o Ginásio Amazonense Dom Pedro II se configurava como o principal centro formador das elites governantes e dos intelectuais do Amazonas; assim, delegar importância a estes jovens significava atrair não apenas sua admiração como também de seus respectivos familiares. Sua admiração pelo alunado era de tamanha envergadura que ele serviu como fonte de inspiração para o levante dos alunos em 1930 (cf. MONTEIRO, 1996).

Em “[...] A República Brasileira, em ascése à justiça, resolve dar monumentos ao povo, para sua educação cívica, e marmorisa em pedestaes duas montanhas, onde oppõe dois grandes transilluminados.” (MAIA, 1925, p. 21), Álvaro Maia, que era defensor das ideias de Olavo Bilac, via na educação moral e cívica um meio para que a população pudesse construir o ideal de nação. O ensino para Álvaro Maia surgiu como uma possibilidade de aperfeiçoar seu projeto político. Ele acreditava que, através da educação moral e cívica, seria possível criar a nacionalidade, pois a República sofria em seus primeiros anos uma campanha “desnacionalizadora” e era por meio da educação que ele vislumbrava a possibilidade de “republicanizá-la” novamente. Segundo Ituassu (1969), uma das principais plataformas políticas que seguiu ao longo de sua carreira política estava fundada na concretização de uma formação humanística, onde afirmava ser melhor construir escolas do que construir prisões.

O ideário político de Álvaro Maia era fundado na construção do país como uma nação; isso justifica muitos de seus atos ao longo de sua trajetória inicial, como o fato de apoiar o Estado Novo, sua defesa de uma educação moral e cívica e a solidariedade dedicada à rebelião de 1924 demonstram como seu *ethos* político estava sendo firmado e posteriormente justificariam suas atitudes como um político já consagrado após a década de 1930.

Era comum aos intelectuais deste período a construção do ideal de nação em suas obras e Álvaro Maia via na educação o fator decisivo para reverter a apatia na qual a república brasileira se encontrava; assim, seria a ausência de civismo que geraria um comportamento indiferente ante a situação política do país. Segundo Santos (1996), Álvaro Maia acreditava que nos “imperialismos estaduais” estavam a fonte para a produção de uma espécie de regionalismo, que era responsável pela falta de unidade da pátria.

Com a República, as gerações novas, cedendo ao pessimismo e à descrença nos erros republicanos haviam esquecido a noção de pátria. Assim, os “imperialismos estaduais” existiam porque o povo era indiferente à problemática da nacionalidade. Para solucionar a questão propunha o sorteio militar e o escoteirismo. As ideias imperialistas eram produtoras de regionalismos e geravam a desunião e a fraqueza (SANTOS, 1996, p.50-51).

Para Álvaro Maia, estes “imperialismos estaduais” sacrificavam os estados menores ou com menor população o caso do Amazonas, ante outros estados que dispunham de mais prestígio e poder de influência. O fim desse tipo de regionalismo só ocorreria com princípios constitucionais e normas centralizadoras. Contudo, como parte de seus fundamentos políticos, a questão dos “imperialismos estaduais” possui uma relevância ainda maior, um enfoque moral, pois ele acreditava que, com o aumento destes regionalismos, aumentava também os desdobramentos dentro do país, daí a ênfase que ele dava à educação moral e cívica como a única forma de fortalecer a unidade moral da pátria. Neste sentido, a educação para Álvaro Maia era sinônimo de “redenção”, como é possível observar em seu discurso mais famoso “Canção de Fé e Esperança” (1923), dentre outros.

Em julho de 1926, a pedido de estudantes de direito do Amazonas que residiam no Rio de Janeiro, Álvaro Maia saudou o presidente recém eleito Washington Luís em sua visita ao estado do Amazonas, e assim escreveu uma carta aberta, “Em nome dos

Amazônidas”²⁵, na ocasião do segundo aniversário da rajada libertadora do Amazonas. Neste discurso, Álvaro Maia constrói uma das suas principais ideologias políticas, a defesa da ideia de que o estado era o “paraíso verde”, em contraposição à ideia de Alberto Rangel que havia denominado a região amazônica como “*inferno verde*”.

Tentando explicar a má interpretação dadas às palavras do escriptor, dizia, vae para seis annos, o humilde signatario destas linhas: - “Inferno Verde? Não. El-Dorado Verde! Paraíso Verde! E’ uma denominação falsa applicada ao norte, à bacia que povoam as immensas florestas, onde vivem creados pelo mysterio impenetravel, myriades de lendas, que definem a sua maravilha e a sua fecundidade (MAIA, 1927, p. 6).

Pautado na ideia de valorização do Amazonas, Álvaro Maia procura desconstruir a pecha preconceituosa de que o estado era um lugar que levava ao óbito todos os que se aventurassem em desbravá-lo. Para se contrapor a este conceito, ele criou a ideia de “paraíso verde”, isto muito em função de ser um poeta simbolista, conceito que se relacionava ao paraíso mencionado na Bíblia e que será destinado a todos os que o merecerem. Do mesmo modo, a ideia de El-Dorado Verde está ligada à lenda do eldorado, um lugar escondido, detentor de muitas riquezas intocadas. Ainda no mesmo discurso, ele irá relacionar esta ideia de paraíso perdido com o “ouro negro” (a borracha), ou seja, este lugar, *a priori* conhecido como um lugar de morte, na verdade é um paraíso cheio de riquezas, isto é, a borracha seria a fonte destas riquezas. No entanto, segundo Álvaro Maia, este paraíso verde está abandonado, esquecido dentre os outros estados do país.

Na revista *Redempção* (1924), ele desenvolve a ideia de paraíso verde/eldorado verde, justificando que o Amazonas não poderia ser considerado um inferno, pois não é um cárcere que prende todo aquele que pretende adentrá-lo. No entanto, por se tratar de um lugar onde vivia um povo simples, tornou-se terreno fácil para aqueles que chegavam para “desbravá-la” na intenção de dominar, defraudando a moral deste povo. Todavia, a própria condição do solo que anteriormente seduziu estes *tarados* é que vai fulminá-los.

Para Álvaro Maia é impossível conceber a ideia de que o Amazonas levaria à morte todo aquele que tentasse desbravá-lo, pois, fazendo uma alusão ao seringueiro, o homem que penetra a selva, derrubando-a para construir os primeiros sinais de civilização, consegue, apesar de estar em pleno estado de solidão, modificar a paisagem, demonstrando um esboço da vitória do homem sobre a natureza (MAIA, 1924).

²⁵ Idem, 1927.

Neste sentido, ele vê nesse paraíso verde, através da atividade solitária do seringueiro que se aventura na selva amazônica, um traço embrionário da nacionalização do Brasil. Para Álvaro Maia é justamente este pequeno gesto de homens simples que levarão o progresso aos lugares mais ermos do Brasil.

E, assim, ás yaras, herdeiras das Amazonas, attráem ao paraíso verde, escapando aos seus palacios occultos em rios e lagos, os viajantes, os exploradores, os filhos do trabalho: a lenda é um symbolo, - o symbolo dyonisiaco e proteiforme da terra, encarnado na yára, a prender todo aquelle que se lhe approxima, todo o que alonga os olhos á sua feracidade, não para a condemnação e o desespero da morte, mas para o esplendor voluptuoso e eterno da vida (MAIA, 1924, s/p).

Contudo, apesar de o discurso “Em nome dos Amazônidas”, ficar preso a uma linguagem literária, utiliza-se também de uma retórica política. Daí o começo das críticas de Álvaro Maia com relação à situação política do estado e do país, pois, para ele, o projeto republicano naquele momento não garantia a nacionalidade do país: “[...] Adstricta a essas normas de liberdade intransigente, adstricta ao nacionalismo sadio, a nossa pátria não inspira respeito pelo seu presente, que se esboça ainda em falsas projecções” (MAIA, 1927, p. 9). Neste sentido, ele vê com preocupação o futuro do país, atemorizado de que esse projeto político possa comprometer definitivamente a nação brasileira.

O abandono e descaso que o Amazonas sofria naquele período era motivo de muita preocupação por parte do poeta que acreditava que este paraíso, possuidor de tantas riquezas ainda não exploradas devidamente, o encontrava-se totalmente abandonado pelo governo central. Daí o fato de conclamar ao novo presidente para depositar especial atenção ao estado; de igual modo, afirmava que o abandono surgia também por parte dos políticos locais que faziam uma política protecionista beneficiando a poucos em detrimento da grande população que vivia em total estado de miséria.

Para Álvaro Maia, as ideias antinacionalistas não eram encontradas no Amazonas, pois este se encontrava em uma condição de segregação com outros estados devido a distância; assim, tais ideias eram originárias de outros estados que, por produzirem uma receita maior ao governo central, exigiam dele maior atenção em detrimento dos menores ou menos populosos como o caso do Amazonas (MAIA, 1927).

Segundo Santos (1996), a questão do Acre se configura como mais um exemplo de injustiça e esquecimento no qual o Amazonas sofreu diante do resto do país.

Para Álvaro Maia, a resolução da questão do Acre deixou o estado preterido, visto que perdera grande parte de suas rendas que eram de lá provenientes ao enviar e escoar sua produção de borracha para o Amazonas. No processo de transformação do Acre em estado brasileiro, o Amazonas contribuiu decisivamente com o envio de armas, alimentos e dinheiro; todavia, a recompensa pela ajuda recebida foi considerada lesiva aos amazonenses.

Á reivindicação do Acre ao território nacional feito por nordestinos e amazonenses confraternizados, em surprehendente combate aos bolivianos. O Amazonas guerreou e venceu uma nação, para depois entregar o pomo conquistado – o Acre ao governo federal, ocasionando a depressão de suas finanças, que só poderão ser restauradas com as necessarias indenisações (MAIA, 1927, p. 10).

Álvaro Maia fez duras críticas à situação política do estado, diretamente dirigidas à facção então no poder. Para ele, este grupo fazia uma política que não contemplava os setores mais rebaixados da população e apenas dilapidava as rendas do estado, ao passo que agia por coação e extrema violência para silenciar seus opositores: “[...] em pleno dia, dilapidando o Estado, enquanto fechavam escolas e jornaes, espancavam cidadãos inermes, estipendiavam homens venalisados para a calúnia e a agressão” (MAIA, 1927, p. 11).

Neste contexto, o discurso “Em nome dos Amazônidas” entra, na principal argumentação política de Álvaro Maia, a defesa da borracha, fundamentado na ideia de exaltação do período de apogeu da borracha. Ele tece seus lamentos contra situação atual do Amazonas, visto que, na década de 1920, o estado sofria os impactos da crise da queda do preço deste produto, o qual, segundo o poeta, era ocasionado pela falta de técnicas agrícolas mais desenvolvidas e a proteção do governo local e federal foi usurpada para outros países, deixando o estado em total abandono.

Assim, o *ouro negro* iria enriquecer outros solos, deixando seus produtores desprotegidos e obrigados a recorrer a outras alternativas agrícolas como forma para a própria subsistência; neste sentido, Álvaro Maia refere-se ao seringueiro como o mais prejudicado com a crise da borracha. Assim como em muitos de seus poemas, faz referência à figura do seringueiro como um *titan*, um bravo guerreiro que luta para conseguir produzir o látex, o *alvo de neve*.

Increpal-o por indolente? Dizer que lhe falta as características de lucta? Não. O homem, no El-Dorado, é um sentinella avançada da nacionalidade: o seringueiro fulge no resplendor bronzeado de um indomavel Paes Leme, de um titânico soldado das selvas (MAIA, 1927, p. 15).

Sua linguagem poética era uma das suas principais estratégias para construir a imagem de líder poeta messiânico; no discurso “Canção de Fé e Esperança” e em “Em nome dos Amazônidas”, faz uma alusão à estória de Jonathan Swift sobre a personagem Guliver (o gigante que vivia em um país de pessoas pequenas), Álvaro Maia comparava o Amazonas e seu povo com este personagem, como um gigante diante dos outros estados e de seus povos (ver MAIA, 1923; MAIA, 1927).

Com isso, o que na verdade Álvaro Maia estará legitimando para si era o direito da fala, ou seja, de tornar-se o representante dos seringueiros; no entanto, sua campanha pela defesa da valorização do preço da borracha foi, também, o discurso aceitável pelas elites conservadoras do estado. Neste sentido, seu poder de mobilização possibilitou-lhe construir a imagem de representante desta causa; assim estava sendo construída a imagem do líder poeta, que encarava os ideais de mudança pelos quais estes dois grupos distintos ansiavam.

Álvaro Maia possuía uma espécie de discurso que acabava por adquirir uma retórica didática, pois precisava manter uma espécie de “manipulação” em torno de seus admiradores, visto que, neste período, ele ainda não se submetia ao processo eleitoral, fato que só aconteceu em 1933. O didatismo político, no caso, diz respeito a uma espécie de tradução dos termos internos ao campo político para um público externo (BOURDIEU, 2004). Ele procurava manter, simultaneamente, o discurso corrente aceito por seus pares políticos e um discurso para o público externo, neste caso, os setores mais rebaixados da sociedade.

Em um artigo publicado na revista *Redenção* (1924), discorre que o levante de 1924 seria a oportunidade de que o Amazonas necessitava para uma real possibilidade de mudança da política corrupta que vinha sendo executada sucessivamente no governo do estado, essa ação popular seria feita através do voto. Neste artigo, faz, também, uma defesa do voto como a única forma da população retirar do poder os políticos inescrupulosos “[...] o voto em homens dignos e independentes, homens de idéa e de patriotismo, desprezando-se por uma vez esses figurões sem personalidade, sem honestidade, sem moralidade” (MAIA, 1924).

Neste sentido, manifestava sua verdadeira opinião quanto à intervenção federal; segundo Álvaro, a intervenção federal era encarada como uma espécie de remédio paliativo, porém não era a cura definitiva para o Amazonas. A cura, ou a solução, como costumava afirmar estava nas mãos do próprio povo ao delegar certo

poder à população. Fundamentado na velocidade das informações graças ao poder da imprensa, Álvaro Maia adquiria mais popularidade e suas afirmações passavam a se tornar verdades a serem seguidas, visto que se tratava de um homem das letras, alguém que, por já possuir um capital intelectual se encontrava habilitado a opinar sobre a política sem o medo de sofrer qualquer tipo de sanção; assim, seu discurso político já era habilitado pela sua popularidade que se originara em sua carreira como professor, sendo ainda reforçado pela sua atuação na imprensa.

Segundo Álvaro Maia, a principal problemática da intervenção vinda de fora era o total desconhecimento da realidade do Amazonas, por isso, era através das eleições que se faria a verdadeira revolução, quando se arrancaria do poder os políticos tradicionais e ascenderia um líder amazonense que traria novamente a moral à política pública. No entanto, como um conhecedor do jogo político, Álvaro Maia não pretendia fazer uma oposição direta ao interventor Alfredo Sá, portanto afirmava:

Mentiria a mim mesmo se imaginasse o interventor um homem neutro. Não se arrigementará a tal ou qual partido. Mas após metuculoso estudo a que não faltará o balanço do Thesouro, tomará sua attitude e fará respeitar a lei, sem perseguições. Não ficará inteiramente neutro, visto ser incomprehensível a neutralidade entre justiça e injustiça, entre o crime e o bem, entre o arbitrio e a lei (MAIA, 1924, p. 5).

Assim, no discurso, “Em nome dos Amazônidas”, o “príncipe dos poetas” transpassava para além de suas poesias a esperança de um futuro glorioso para seu estado; ele sempre mantinha uma ideia de “redenção” para o Amazonas. Por isso, este discurso vai solidificar a ideia de um retorno a um paraíso então perdido, um retorno à grandeza dos tempos passados, e os principais beneficiados serão estes bravos lutadores, os seringueiros: “Faltou-nos tudo e fomos obrigados a viver assim até á hora presente, quando os caminhos, já se abrem os horizontes já se illuminam, as cortinas de fumo já se esfazem- e a liberdade e a esperança, sacudindo as tremulas pennas hirundinas, escorrem sobre nós” (MAIA, 1927, p. 15).

Álvaro Maia criticava os governantes e interventores, pois não eram originários do estado, portanto, não o amavam e nem conheciam suas reais necessidades. Neste sentido, ele se preocupava, neste momento, em construir a imagem de que este líder salvador, uma espécie de messias que iria solucionar todas as mazelas deste estado, precisava ser um filho da terra, e ele, que era amazonense, poderia perfeitamente encarnar este papel de líder messiânico.

Nesses cargos electivos, esperamos seja premiado o homem, que, deste ou daquele Estado, se interesse pelas nossas cousas, trabalhe pelo Amazonas e justifique a sua pretensão com um passado de honestidade, pondo, acima das miserias partidarias, o bem-estar do Estado que vive (MAIA, 1927, p. 20).

É interessante observar o posicionamento de Álvaro Maia com relação à Rebelião dos Tenentes de Manaus, em 1924. No discurso, “Em nome dos Amazônidas”, Álvaro Maia expõe seu posicionamento ante o ocorrido, no entanto, com a precaução características dos políticos, tomou o cuidado de não se comprometer com esta causa a ponto de ser considerado um subversor. Neste sentido, apresentou um comportamento dúbio diante deste levante, ao passo que se apresentava solidário ao movimento; porém se recusava a manter qualquer tipo de envolvimento mais direto: “[...] Bastaram dois annos de trabalho, de 23 de julho de 1924 a esta data, do bemdito governo revolucionário do tenente Ribeiro Junior ao do presidente Ephigenio de Salles, para que o Estado entrasse em phase nova, com o seu funccionalismo” (MAIA, 1927, p. 17).

Álvaro Maia conhecia bem a realidade sofrida pelos opositores de Rego Monteiro, era um jornalista e, portanto, tomava conhecimento das inúmeras medidas repressoras aos jornais que criticavam o governo, como o fechamento de jornais e a prisão arbitrária e violenta de diversos jornalistas (SANTOS, 1996). Contudo, seu posicionamento sempre foi caracterizado por atitudes e palavras executadas de modo a manter certa prudência, e que o imunizava de sofrer qualquer tipo de sansão.

Assim, o limiar da crise ocorreu quando de uma parte estava a facção política no poder, procurando de todas as formas manterem-se no governo, e, em outra parte, encontrava-se o grupo político aliado que não reunia condições suficientes para desbancar o grupo dominante; para este, só restava manter uma postura simpática ao movimento militar que articulava um levante de proporções nacionais.

Urge a batalha. Impossível a neutralidade entre homens que aqui têm raizes, ou entre os proprios indifferentes, em que a mesquinhez erradicou os raros sentimentos de justiça. A causa estabelece uma divisão natural entre os grupos, redundando em nova era para o Amazonas, seja pela volta das mãos aos antigos postos, inflados por todos os rancores, seja por sua substituição, operados os departamentos administrativos dos tumores que lhe difficultavam a circulação (MAIA, 1924, p. 5).

Assim, Álvaro Maia se defende afirmando que ele próprio deve assumir esta causa e não defender apenas a conquista do voto, mas também sua própria candidatura,

comparando-se a um missionário que deve justificar a causa da liberdade do Amazonas para cada pessoa e para cada classe (MAIA, 1924).

Dentre os simpatizantes do movimento dos militares estava o próprio Álvaro Maia, do mesmo modo como os outros grupos políticos que viam neste levante uma possibilidade de remanejamento da facção política no poder. Seu posicionamento não passava de uma exaltação à reação contra a política corrupta da família Rego Monteiro. Em seu discurso, “Em nome dos Amazônidas” enaltece o modo como o governo do Tenente Ribeiro Junior possibilitou ao Amazonas a chegada de uma Interventoria Federal que, segundo sua opinião, abria as portas para o Amazonas. Esse posicionamento, no entanto, demonstra certa submissão ao governo central que era também o principal objetivo desses grupos fora do poder, pois com a chegada do novo interventor, vindo de fora do estado e desconhecedor da situação política do Amazonas, tornou-se fácil a rearticulação dos grupos oligárquicos no poder.

Neste sentido, o poeta místico faz uma alusão à manifestação popular como uma espécie de guerra santa, considerando a rebelião de 1924 contra os políticos corruptos igual a um sacerdote que tem um surto violento ante as blasfêmias contra a imagem de Jesus Cristo (MAIA, 1924). Assim, o povo deve primeiramente travar uma luta pela manifestação de suas ideias, somente depois de findados todos os recursos do diálogo; Álvaro Maia acredita ser um direito do povo as manifestações violentas.

É possível perceber a adesão de Álvaro Maia aos rebeldes em sua participação em eventos nos quais pronunciava discursos como “Após a Campanha”²⁶, em julho de 1927, quando contestava a prática política da facção deposta (SANTOS, 1996). A participação de Álvaro Maia na rebelião de 1924 também ficou caracterizada pela sua participação em jornais, onde tecia duras críticas contra os velhos e tradicionais métodos políticos deste grupo; sua atuação em jornais e seu posicionamento em relação à crise aumentavam sua visibilidade diante a opinião pública que passava a ver com bons olhos o movimento. Assim em consonância com a velocidade da transmissão das informações, Álvaro Maia conseguiu construir uma imagem favorável diante de seus leitores, que o viram como um líder que encarnava os ideais de mudança e criticava os políticos obsoletos.

Mas filhos dilectos da revolução no sentido universal do termo, - talude impetuoso ha-de varrer para longe o folharal apodrecido da política profissional, onde as barreiras de argilla ainda não querem

²⁶ Idem, 1929.

impedir o arremesso crystallino das grandes aguas purificadoras (MAIA, 1929, p. 7).

No discurso “Após a Campanha”, proferido por Álvaro Maia em 13 de julho 1927, no Ideal Clube, em uma seção cívica que homenageava os envolvidos na rebelião de 1924, procurava manter uma posição de afastamento em relação ao grupo deposto, ao passo que reiterava todo o seu apoio aos militares envolvidos no levante, para eles políticos não tinham mais solução já estavam com suas práticas cristalizadas e apodrecidas, somente uma nova leva de políticos poderia modificar o cenário político do Amazonas, dentre estes ele se colocava como o candidato ideal.

Em “E’o caso de Campos Salles e Oswaldo Cruz, que sofreram as mais injustas campanhas, o opposista, idolo popular, sobe entre aclamações, os degrãos do poder, e, pouco tempo depois, desce, quase sempre, entre apôdos e pedras” (MAIA, 1929, p. 7). Para Álvaro Maia, os verdadeiros opositores do país subiam ao poder, mediante uma aparente popularidade, no entanto, uma vez no poder, praticando os velhos métodos políticos que só geravam a corrupção e o abandono das classes menos favorecidas, a indisposição geraria situações iguais ao movimento de 1924, que destituiu o poder de Rego Monteiro.

Ele enaltece a intervenção dos militares, afirmando que era necessário que a população de maneira geral precisava intervir contra a situação política do estado, pois somente desta forma seria possível o fim da política corrupta. Segundo, Álvaro Maia, esses políticos tradicionais cometiam verdadeiros assaltos administrativos, no entanto, esse era apenas o começo do processo de limpeza da nação, que estaria envenenada com tantos anos desta prática política.

As facções que apoiaram a deposição da família Rego Monteiro eram ligadas à liderança de Silvério Nery que, ao longo dos primeiros anos da República Velha, dominou o poder político do Amazonas. Em 1925, foi assinado um pacto de coesão política que acabou revigorando o PRA. Neste contexto, Álvaro Maia, que havia manifestado seu apoio a proposta de intervenção federal, filiou-se ao Partido Republicano que se baseava em ideias de Rui Barbosa com relação à revisão da Constituição de 1891, com o intuito de possibilitar ao poder central intervir nos estados economicamente “irresponsáveis”. Após a derrota de Rui Barbosa, esse assunto ficou esquecido por um período. Porém, com o presidente Arthur Bernardes, esse assunto foi retomado (SANTOS, 1996).

Em 1927, Álvaro Maia encontrava-se em uma posição de maior relevância política do que em 1923 quando pronunciou o discurso “Canção de Fé e Esperança”, estava no processo de iniciação à carreira política (cf. BOURDIEU, 2004), passando a ser visto como um possível candidato viável a encarnar os ideais de mudança que as frações alijadas do poder ansiavam. Todavia, no momento do pronunciamento de “Após a Campanha”, este já se encontrava com um capital político suficiente para sua ascensão ao poder, fato que ocorreu em 1930; entretanto, não se deve esquecer que este capital foi reforçado pela imagem de poeta laureado, místico, que encarava sua inserção na política como um dever com sua terra e com seu povo.

Álvaro Maia manifestava seu apoio aos movimentos populares que ocorreram ao longo da década de 1920, e que, segundo ele, serviam como uma reação à política que apenas beneficiava uma pequena parcela da população, dilapidando os cofres públicos e reproduzindo o mesmo sistema político ao longo de cinquenta anos da proclamação da República; era necessária a intervenção do povo na luta para que, através destas manifestações, o cenário político fosse modificado de alguma forma.

A história quando destecer as intrigas presentes, acalmar as paixões e esculpir o capitulo bradante do quadriênio transacto, olhara sorrindo os movimentos que abalaram a mornidão da pátria, despertando-a para vida melhor, pelos seus ideaes que modificaram o ambiente tristíssimo oriundo da politicagem, vitriolizando o povo pela subserviência (MAIA, 1929, p. 8).

Álvaro Maia acreditava que os quatro anos anteriores foram decisivamente modificados pela reação popular, contudo, tais reações foram direcionadas por determinados interlocutores que ora incitavam diretamente, como os líderes destes movimentos, ou estimulavam o povo através de suas manifestações de apoio em jornais e discursos, como o caso de Álvaro Maia.

Segundo Weber (2001), em determinadas situações de conflito, o político necessita justificar seu apoio à intervenção armada como um modo salutar de defender os ideais de uma causa; neste sentido, é totalmente aceitável que o senso de responsabilidade seja sublimado pelo senso de convicção, ou seja, no caso de Álvaro Maia, a intervenção armada seria justificada pela necessidade de expurgação de uma classe de políticos que eram contrários ao desenvolvimento da nação brasileira, e que, segundo o poeta, era a principal causa da miséria do estado e de seu abandono pelo governo central.

Baseado em uma retórica mística, que revela a estratégia de Álvaro Maia de explicitar que não era apenas o homem político que falava, mas que este homem também era o poeta, seu discurso revelava uma dualidade que era oportunamente manejada, no sentido de garantir maior admiração por parte da sociedade.

Dirá essas realidades, que estamos testemunhando nas extensões da pátria genetriz: o acordar da consciência, a revolta das gerações da republica contra os bonzos e os matuyús, a mocidade a crer no futuro e na lei, pela compenetração, das autoridades constituídas (MAIA, 1929, p. 9).

Segundo Eloína Monteiro dos Santos (1990), o apoio de alguns setores da sociedade deu-se de maneira dúbia, apesar de manifestarem solidariedade aos revoltosos; sua participação não chegava ao confronto direto. Álvaro Maia, que pertencia a esses setores, depositava seu apoio de modo prudente, no entanto, foi um dos que não quiseram participar do governo provisório composto pelos militares revoltosos. Ele via a manifestação popular como um despertar do povo para situação política do estado que, segundo o poeta, estava adormecido diante da política degradante que corrompia o governo do estado.

“E, mergulhando as tenazes de ferro nos mysterios politicos, a sociologia assegurara talvez que, no instante do sangue a esguichar do organismo nacional, dessorado e branco, houve a reação hematozadora, cimentando-lhe a unidade rática e territorial” (MAIA, 1929, p. 9). A reação popular seria o primeiro sinal de que o país estaria proposto a construir de fato o ideário de nação, seria, portanto, necessário que cada um prestasse sua cota de sacrifício para que a nação brasileira fosse realmente constituída; no caso dele, a própria inserção na política com a missão de moralizá-la seria seu sacrifício.

Segundo Álvaro Maia, era necessário que surgissem essas manifestações populares, e que algumas vidas fossem ceifadas para que houvesse algum tipo de mudança na situação política do país; no entanto, ele não acreditava que essas intervenções levassem a um novo sistema político. Álvaro Maia não era um revolucionário, e sim um reformista, portanto, mediante essas manifestações populares, era possível um remanejamento do pacto oligárquico e não a sua extinção completa (MAIA, 1929).

Neste sentido, Álvaro Maia justificava que, para se levar à redenção do Amazonas, era necessário que algumas vidas fossem ceifadas, portanto, para que se chegasse a uma “boa” causa, era totalmente tolerável o uso de violência (WEBER,

2001). No entanto, é justamente a forma como ele manejava as palavras que o mantinha em uma posição de imunidade com relação a possíveis sanções vindas do poder central ou da parte do povo que era totalmente favorável ao levante, assim, ao passo que louvava o uso da violência, durante o evento de 1924 ele mantinha uma postura neutra com relação a uma participação mais efetiva dentro do processo.

O discurso “Após a Campanha” tratava de uma exaltação àqueles que participaram ativamente da Rebelião de 1924; neste sentido, a contenção de suas palavras revela que ele manifestava solidariedade aos que participaram do levante, mas suas ações revelam que ele se beneficiou com o remanejamento político ocorrido após a intervenção do governo central.

Em:

Lembremo-nos que a cabeça daquelles raríssimos indivíduos, fechada aos acontecimentos precursores de dias melhores, é um terreno sáfaro, queimado a breu e pez, onde, com a fecundidade do solo amazônico e com o húmus da nossa natureza, não poderá florir o raio redemptor de um arbusto. Dir-se-ia que um incêndio a devorou, esterilizando os lóbulos cerebrais (MAIA, 1929, p. 10).

As críticas de Álvaro Maia se direcionavam, neste trecho, aos políticos locais; segundo ele, o comportamento destes políticos tradicionais era originário da própria visão deles para a mudança, ou seja, eles próprios não conseguiam vislumbrar uma forma de solucionar a questão da queda do preço da borracha, bem como utilizar uma estratégia eficaz que possibilitasse ao estado obter maior auxílio por parte do governo central.

Para Álvaro Maia, essa falta de visão e de compromisso era a causa do descaso por parte dos políticos locais com o próprio estado; assim, ele acreditava que o estado se encontrava naquele momento abandonado. Neste sentido, é justificável a falta de interesse dos governantes com o desenvolvimento e modernização do Amazonas, uma vez perdida sua principal fonte de renda: a borracha, eles não apenas se recusavam a lutar para recuperação do preço da borracha como, também, não se empenhavam em elaborar uma nova proposta de recuperação para o estado. O solo fértil e rico que ele comparava com o paraíso bíblico, o *Paraíso Verde*, agora estava desolado (MAIA, 1929).

Neste sentido, ele acreditava que somente um “redentor” poderia livrar o Amazonas, esse redentor não iria surgir destes grupos políticos tradicionais, e enquanto

eles estivessem no poder não seria possível que ele surgisse, portanto era necessário que tais grupos fossem depostos para que esse líder pudesse aparecer.

É interessante salientar, nesse trecho, uma defesa própria de Álvaro Maia; ele encarnava esse papel de líder político redentor, e para que ele tivesse a condição de ascender era necessário que esses grupos, como o caso da família Rego Monteiro, a qual ele fazia oposição, fossem retirados do poder.

“[...] verão que os revolucionários de 1817 padeceram sob os applausos dos capachos do momento; verão que os espiões tripudiaram no quantriennio findo e sonharam para os infelizes as “geladeiras”, as ilhas da Trindade, as furnas guardadas pelo paludismo” (MAIA, 1929, p. 10). Em oposição direta aos quatro anos anteriores, Álvaro Maia demonstra sua indignação quanto à conduta da família Rego Monteiro no tempo em que governava, em especial, pelo seu comportamento ante os que lhe faziam oposição, pois sabido de que os Regos Monteiro reprimiam com extrema violência todos os que manifestavam contrariedade às suas ações políticas, suas principais vítimas eram os jornalistas, que eram presos e surrados e seus jornais fechados (SANTOS, 1990).

Neste sentido, ele visava a uma reforma política que não apenas iria atingir o estado do Amazonas, mas o Brasil como um todo; segundo Álvaro Maia, a reforma deveria restaurar os ideais republicanos, como o sufrágio universal. Para o poeta, esses eram sinais latentes da modernização no Brasil. Assim, ele lutava contra o regionalismo, sinais ainda do Brasil colônia, que criavam esses feudos eleitorais (currais eleitorais) e impediam que o país pudesse se desenvolver como uma nação.

Estão longe, perdidas no tempo, forjadas pelas mãos vulpinas dos politicações, as origens da revolução, latente no brasileiro, - não sêde de sangue, rio de morticínios, semadura de tragédias, botes contra a pátria em período de governos honestos, mas a revolução pelo voto secreto, a revolução pela segurança do trabalho, a revolução contra a política profissional, a revolução pelo direito de ter idea, a revolução contra os esterquilínios das administrações impuras (MAIA, 1929, p. 11).

Álvaro Maia possuía uma retórica a encarar a política como uma missão, neste sentido, ele criticava aqueles que o faziam por profissão. Durante a década de 1920, ele estava construindo a imagem do poeta que possuía o senso de dever de se inserir na política com a missão de moralizá-la. Para Álvaro Maia, a política local e nacional tinha sofrido uma degradação moral em seus primeiros anos da República, e era sua missão combater esse estado de imoralidade. Assim, ele via, que nos períodos onde houve um

governo que não tinha essas práticas como um período transitório, e não permanente, era necessário que se tornasse um estado permanente através da deposição destes velhos grupos tradicionais (MAIA, 1929).

Ele afirmava que era necessário fazer uma limpeza na política, pois, segundo o poeta, estava suja, cheia de impurezas. É interessante observar que, no discurso “Após a Campanha”, ao contrário dos discursos anteriores, o político aparece de modo mais evidente, e, em 1927, Álvaro Maia já havia adquirido certa notoriedade política; sua retórica já estava mais fundamentada, sua preocupação em desagradar determinado grupo já não se mostrava tão evidente como no seu primeiro discurso “Canção de Fé e Esperança”, de 1923.

Ainda neste trecho, fica mais reforçada a ideia de um Álvaro Maia reformista; a palavra *revolução* é usada para justificar as reformas políticas que ele achava necessário para a política nacional: a revolução do voto secreto, a revolução pela segurança do trabalho (em especial para o seringueiro), a revolução contra a política profissional, a revolução pelo direito de ter ideia que seria a possibilidade de manifestar suas opiniões, como a livre imprensa, a revolução contra os esterquilínios das administrações impuras, isto é, a moralização da política pública.

Os leitores de Álvaro Maia delegaram-lhe a função de porta-voz de seus interesses tanto no espaço jornalístico quanto no espaço político. No entanto, essa condição de porta-voz perpassa por uma série de características que fazem parte do monopólio da produção política. A concorrência pelo poder no campo político é gerada pelo monopólio do direito de falar pela “população”, seja por uma parte dela, seja pela sua totalidade (BOURDIEU, 2004). Assim, Álvaro Maia tornou-se o porta-voz dessa população e de um determinado grupo político que via, em sua imagem, o candidato ideal para o remanejamento do pacto oligárquico.

Em função da presença constante de Álvaro Maia em publicações nos jornais de Manaus, ele passou a lidar diretamente com seu público e recebeu, por isso a delegação de exercer esse papel de porta-voz de seus interesses no âmbito político. Poderíamos dizer que a carência política dessa população viabilizou esse processo, os políticos beneficiavam apenas poucos grupos através do protecionismo, a grande população vivia esquecida; assim ocorreu a investidura do papel de porta-voz por parte de Álvaro Maia. Em seu processo de transição de poeta para político, ou da reconversão de seu capital simbólico acumulado no meio literário e jornalístico para o campo

político, ele passou a utilizar-se desta condição de porta-voz atuante nos jornais para se tornar o porta-voz dessa mesma população no meio político.

Assim, em:

As idéas renovadoras não são sustentadas por formulas de literatice, por passadismo e futurismo, mas pela desobediência à tyrannia, pelas iniciativas de coragem, pela destruição desse mallifluo <<esperar a oportunidade>>. <<Oportunidades, diz Monteiro Lobato só as esperam os fracos. Os povos fortes criam-nas>> (MAIA, 1929, p. 11).

Na Alemanha os intelectuais estão preocupados em construir um projeto de unificação do país utilizando-se de seu prestígio para uma inserção e/ou recuperação de sua atuação na vida política (RINGER, 2000; LEPENIES, 1996). Na França, os integrantes dessa *intelligentsia* formulam um sistema amplo de reformas sociais e políticas que não se limitam a mudanças no plano econômico (ELIAS, 1990). No entanto, não criam modelos opostos aos da sociedade de corte, visto que esta é a sua base social. Com relação ao Brasil, os intelectuais aparecem, portanto, como os porta-vozes da nação, reagindo contra o processo de “oligarquização” das instituições republicanas, tomando para si como missão principal a política (PÉCAUT, 1990). Álvaro Maia, portanto, justifica sua participação na política; no discurso “Após a Campanha” ele faz uma forte defesa da sua inserção na vida política como uma missão da qual ele, assim como outros intelectuais deste período, deveriam o fazer.

Para estes intelectuais ficava claro que eram os únicos aptos a se tornarem os representantes do povo, visto que eram os que detinham o conhecimento suficiente para dar prosseguimento à construção da nação brasileira; portanto, eles deveriam interferir na vida política e não apenas alojarem-se por entre os extratos sociais. Neste trecho do discurso, ele afirma que a intervenção dos intelectuais não se limita a estudos e pesquisas sobre a situação do Brasil, era hora de interferir na luta.

Com relação à Rebelião de 1924, ele via uma oportunidade que faltava ao Amazonas para que pudesse ter sido posto em prática a deposição dos velhos grupos que se revezavam no poder. Assim, ele via com bons olhos essa reação armada, pois serviu como um despertar para o povo do Amazonas e o governo central com relação à política corrupta.

Delegado do movimento para governar o Amazonas, compareceis, senhor tenente Ribeiro Junior, perante um povo desiludido e uma administração deteriorada: em poucos dias, esse povo accordava com entusiasmo. Porque? Por vosso governo de trinta e dois dias (MAIA, 1929, p. 12).

Segundo Santos (1990), na eclosão da Rebelião de 1924, os militares dirigiram-se aos setores que faziam oposição ao governo de Rego Monteiro a fim de convidarem para fazer parte do governo provisório; no entanto, esses grupos preferiram manter-se distantes temendo a retaliação do poder central que não tardou a chegar. Contudo, esses grupos que apenas se mostraram solidários com o levante, mas que não tiveram participação direta foram os principais beneficiados com a nomeação do interventor federal, que nada sabia sobre a realidade vivida no estado.

Álvaro Maia exalta o curto governo de Ribeiro Junior afirmando que foram os trinta dias mais decisivos do estado do Amazonas, pois foi durante este período que o estado viveu uma transição decisiva: saiu de um estado de abandono. Com os cofres públicos totalmente dilapidados e, após o levante, com a saída dos políticos tradicionais, os principais beneficiados foram justamente os grupos políticos que faziam oposição ao governo e se solidarizaram com os revoltosos.

Em “E como vistes na horas, mais difficeis de encarceramento, sempre elle voz manifestou sympathia e gratidão. Deveis estar satisfeito. E’ um premio à obra, que tribunos e jornalistas livres do Estado e do Paiz consideram justa e vingadora” (MAIA, 1929, p. 12). Álvaro Maia faz referência ao benefício que os jornalistas tiveram com o levante, pois, antes, sofriam inúmeras perseguições por serem opositores ao governo. Ele se solidarizava com os colegas que sofreram represálias, no entanto, por sempre ter sido cauteloso em suas afirmações, ficou conhecido por sua ponderação em momentos de crise.

De tal tipo ÀLVARO MAIA, o eterno enamorado da terra cabocla e que da índole de sua gente e de sua chã amada recebeu a herança multissecular da habilidosa prudência política, assentada em segurança formação cultural, aprimorada em estudos (ITUASSU, 1969, p. 85).

Assim, Álvaro Maia via uma liberdade propiciada graças ao levante; segundo o poeta, o estado e sua população se encontravam em completa cegueira e totalmente desprotegido. Foi necessária uma reação armada para que o povo fosse libertado dessa situação de opressão. Neste sentido, ele vê nesse levante uma redenção para o estado, acreditando que após esse período de luta armada o Amazonas passaria por profundas transformações que possibilitariam a ascensão do líder messiânico que viria para salvar o Amazonas.

A revolução britou as pedreiras, abriu o leito para a passagem das águas: distribuiu serviços, premiou a competencia, castigou a

desonestidade, impoz a justiça, normalizou o trabalho com a propriedade respeitada, o lar prospero e feliz. Mas não poderia ser eterna, e passou: aproveitemos os exemplos, trabalhando e lutando sem ambições tumultuarias (MAIA, 1929, p. 12).

Após tecer louvores aos que participaram do levante, e de defender o governo de Ribeiro Junior, Álvaro Maia conclui que depois da intervenção armada, era necessário agir com cautela, isto é, o momento de reações populares já acabou e agora todos irão aprender lições com os fatos acontecidos. Em sua opinião, seria hora de se findarem as manifestações e começarem a agir, no sentido de transformar a realidade política do estado e de fazer a moralização política do Amazonas.

O nosso velho erro político deve ser corrigido, quanto antes, pelos que nutrem fé no futuro e não tem no coração, em luaceiros de nove, a fria luz polar do scepticismo. As correntes oposicionistas têm errado os planos de acção, resumindo em ataques aos governos e aos eleitores passivos. Aggredir nada significa, e é covardia quando o agressor advinha a impunidade (MAIA, 1929, p. 12).

Como o poeta místico seria favorável a um levante armado, que levaria à morte alguns amazonenses? É interessante ressaltar que o pensamento político de Álvaro Maia influenciou decisivamente em seu posicionamento diante do levante. Para ele, a nação seria construída por aqueles que se sacrificassem por ela, para isso era perfeitamente aceitável que se usasse a violência.

No entanto, o político que domina o jogo político sabe o momento certo de recuar. Após o levante de 1924, Álvaro Maia acreditava que era o momento adequado de apregoar a paz, já não era necessário o uso de força e associá-lo a uma de imagem violência poderia comprometer a ascensão do líder político que neste momento mantinha boas relações com o governo central, fato que favoreceu sua indicação para a interventoria em 1930.

A nenhuma ética se permite ignorar o seguinte ponto: com a finalidade de alcançar metas “boas”, vemo-nos, frequentemente, compelidos a recorrer, de um lado, a meios desonestos ou, pelo menos, perigosos, e compelidos, de outro lado, a contar com a possibilidade e mesmo a eventualidade de conseqüências desagradáveis. Nenhuma ética pode dizer-nos em que momento e em que medida um objetivo moralmente bom justifica os meios e as conseqüências moralmente perigosos (WEBER, 2001, p. 115).

Assim, foi se construindo a liderança política de Álvaro Maia, pois, nele estava sendo depositada a fé de seus partidários que viam nele o único político capaz de governar o estado fazendo a transição entre o momento em que o estado vivia sob completa crise para a tão esperada redenção do estado. Isto justifica o fato de um poeta

que tinha uma obra ligada à espiritualidade, e que construiu uma imagem de místico, pudesse apoiar uma revolta armada. Ele como um líder só se manteria no poder se curvasse às exigências de seus partidários, mesmo que fossem moralmente torpes.

O poeta pondera que faz parte, também, dos erros cometidos no passado a forma como se fazia oposição aos desmandos do governo. E conclui que, através deste choque que foi o movimento, pode ser tirada como lição a forma como se deve fazer oposição, ou seja, ao invés de apenas criticar e não mostrar soluções, coisa que era feita pelos políticos opositores e por jornais, e que não surtia nenhum efeito contra seus algozes, passaria então a agir, a por em prática uma nova forma de fazer política, sem benefícios e protecionismos e sem dilapidar a máquina pública que se encontrava em colapso desde a queda do preço da borracha em 1910.

Neste ponto, Álvaro Maia aponta os exemplos deixados pelo governo provisório “[...] civis no movimento com providencias assecutorias da ordem, o barateamento da vida, da extinção da tabelagem, das transformações das repartições em fonte de receita e a normalização do ensino; depois que os militares restituíram a nação 592:502\$000” (MAIA, 1929, p. 13). Seriam esses os exemplos de como se deveria agir, aqueles que faziam oposição ao governo anterior e agora estavam no poder. Para Álvaro Maia, era o momento de ação para que de fato fosse posta em prática a ideia de moralização da política.

Assim, analisa a rebelião de 1924 como uma revolta necessária, para que houvesse uma mudança de governo; no momento do discurso de 1927, já se via a necessidade de uma intervenção armada, mas que os civis solidários aos militares rebelados teriam naquele momento o dever de fazer uma política diferente da que era feita pelos métodos tradicionais, estava conclamando os políticos que agora estavam no poder para fazerem a diferença pela qual tanto o estado ansiava.

Quem vos saúda, fragillima gotta social, sempre fugiu e fuge à dourada e falsa trama dos partidos, por innata incapacidade de obedecer cegamente e acceitar senhas para questões de consciencia e de cidadania. Prefere o posto isolado de humilde franco-atirador: segue nos homens a cultura, a intelligencia, os sentimentos, sem pretender recompensas por attitudes assumidas espontaneamente, e, nos raros devaneios politicos, sonha apenas o Amazonas livre por um claro programma, de justiça, irmanando, sob a bandeira do Brasil, os amazonenses e os que têm serviços prestados à terra, serviços reaes e incontestaveis, atravez da acção ou do trabalho, importante esse programma no afastamento dos indesejaveis; dos incapazes, e no vétó ás praticas odiosas do assalto ás posições do estado (MAIA, 1929, p. 14).

Ao se aproximar do final de seu discurso, Álvaro Maia faz uma defesa direta de suas pretensões políticas, sempre procurando se diferenciar dos políticos tradicionais; é melhor se posicionar apenas como um crítico dos políticos corruptos a ter de se submeter a favorecimentos e concessões que desmoralizariam ainda mais o governo do estado que se via nesse momento sobre completa corrupção administrativa.

A retórica principal do discurso de Álvaro Maia residia em reconhecer que as decisões ligadas a um futuro próximo dependem da vontade da população e, nesse ato de delegar ao “povo” uma dada importância, transmitia um sentimento de valorização que acabava tornando seu discurso repleto de credibilidade. Havia, portanto, um “efeito de oráculo” na sua atuação, isto é, na medida em que anunciava algo, ele a tornava realidade. Note-se que a veracidade das afirmações políticas feitas por ele só se tornariam verificáveis em função de que ele viesse a alcançar o poder, ou seja, o próprio anunciante da promessa é que possuía a capacidade de torná-la verdadeira.

Ele se considerava como solitário na luta pela modificação da política amazonense, no entanto, por estar inserido no campo político, não poderia atuar sozinho; durante a década de 1920, Álvaro Maia ainda não havia alcançado autonomia suficiente para tomar posições que gerassem grandes riscos, portanto, dentro do jogo político, sabia que suas decisões deveriam ir de acordo com a vontade de outros políticos de seu partido que possuíam mais credibilidade.

Portanto, o próprio Álvaro Maia estava impossibilitado de esquivar-se do processo de dominação corrente no espaço político, pois os que dominavam a agremiação política tinham interesses ligados com os ganhos específicos, buscando manter o monopólio da produção política e a imposição de seus interesses. Ora, isso possibilitava a imposição de interesses de grupos mais abrangentes sobre os diferentes mandatos exercidos em nome de determinadas agremiações políticas (BOURDIEU, 2004). Nesse sentido, os interesses do próprio Álvaro Maia devem subordinar-se, portanto, não só ao seu público/eleitor, mas também aos interesses dos agentes políticos.

Neste sentido, apesar de afirmar que estava sozinho em sua luta pela moralização política e o fim da corrupção administrativa, ele obedecia aos interesses da facção que representava. Sendo assim, a figura do líder messiânico solitário que não tinha o interesse em receber qualquer tipo de recompensa por esta missão, era apenas uma construção de um estereótipo que Álvaro Maia soube manejar, levando-o ao poder em 1930.

As rebeldias de idéas, inflammando boccas pela palavra, hão de permanecer annos, além emquanto as rebeldias de braços hão de desaparecer, estabelecida a concordia pelo olvido eterno das ultimas dissensões. Nós colhemos os ensinamentos destes annos para firmar a unidade do Brasil em dias melhores (MAIA, 1929, p. 15).

Este trecho mostra a defesa clara de Álvaro Maia com relação à intervenção federal; para ele chegara o momento de acabar com a luta armada e começar um plano de ação que pudesse gerar a tão idealizada nação brasileira. Nos anos de 1920, ele sustentava a ideia de que era necessária a centralização política para “*firmar a unidade do Brasil*”, pois ele acreditava que um estado centralizador traria a redenção ao Amazonas. Este fato justifica o apoio dado por Álvaro Maia ao Estado Novo, pois, segundo ele, durante este período, devido a uma centralização política, todos os estados, inclusive o Amazonas, seriam mais bem assistidos pelo poder central; tanto em seus discursos como em sua produção literária ele fazia uma profunda defesa do nacionalismo.

Mercê das reacções vigorosas, movidas com patriotismo e desinteresse, morreu aquella *federação de caudilhos*, os governadores corruptos olygarchas, a que se referia Viveiros de Castro, e hão de morrer, pelo guilhotinamento da politicagem, esses famosos *proprietarios de suffragios*, que ainda morcegam as energias da nação (MAIA, 1929, p. 15).

É interessante observar como Álvaro Maia constrói seu estereótipo de poeta, homem das letras que não tem qualquer tipo de envolvimento com os grupos oligárquicos. Isso provinha da necessidade de que seu discurso não fosse direcionado apenas para as classes dominantes, mas que pudesse alcançar os extratos menos favorecidos; o príncipe dos poetas, desde sua trajetória inicial, sempre procurou manter uma retórica que agradasse tanto ricos como pobres (ITUASSU, 1969).

“Somos uma familia única, unida pelo sangue de varias torrentes, e temos o dever de orar, sob o tecto do Brasil, na immensidade da grande noite, em que as estrellas sorvem todos os adeuses da rutilante urna crepuscular, todos os rythmos, todas as alleluias” (MAIA, 1929, p. 17). Note como o poeta místico aflora a todo o momento no discurso de Álvaro Maia, ao passo que tece duras críticas às facções políticas e faz uma defesa pessoal de sua possível candidatura; ele se vale de uma linguagem poética para demonstrar sua necessidade de intervenção na vida pública, pois é através da oração que virá o milagre da vinda do redentor do Amazonas, o próprio Álvaro Maia.

Na conferência “Pela Glória de Ajuricaba”²⁷, pronunciada em julho de 1930, apenas alguns meses antes de sua nomeação ao cargo de Interventor Federal, Álvaro Maia faz uma exaltação à juventude do Amazonas, construindo o estereótipo do povo amazonense que ele mencionava em sua obra literária. Apesar de se tratar de uma conferência sobre História, a retórica política era evidenciada, ao passo que fazia menção à rebelião de 1924 e conclamava a atuação da juventude do Amazonas.

Álvaro Maia mantinha uma relação de profunda intimidade com os estudantes do Ginásio Amazonense. No motim ginasiano, neste mesmo ano, o professor Álvaro Maia serviu de fonte de inspiração com sua “Canção de Fé e Esperança” (1923) e sua participação foi decisiva para que o desfecho não causasse maiores punições aos seus envolvidos (cf. MONTEIRO, 1996).

As palavras de exaltação ao seu estado demonstravam que era necessário que se levantasse um líder oriundo do próprio Amazonas, uma pessoa que pudesse manifestar toda sua admiração ao seu estado de origem e que o conhecesse com propriedade, pois somente um líder desta maneira poderia administrar o Amazonas com empenho e dedicação. Todavia, ele próprio construía esse discurso colocando-se na posição de candidato ideal para esta missão.

Como um profundo defensor da construção da nação brasileira, Álvaro Maia era contra os estereótipos construídos com relação ao povo; fazendo uma exaltação das classes mais rebaixadas, ele afirmava ser contra a ideia de considerar o brasileiro como um matuto, preguiçoso e imbecilizado. Para ele, essas comparações denegriam a imagem do povo brasileiro, acentuando as diferenças entre os ricos e pobres (MAIA, 1952).

Em: “[...] o amazonense é figurado por um velho caboclo, de chapéu de tucumã à cabeça, abas roídas, e o sorriso frio ao lábio, disfarçado por agressivos e ralos bigodes” (MAIA, 1952, p. 39). Essa imagem era totalmente equivocada sobre o povo do Amazonas; para ele era necessário desconstruir esta ideia de que o caboclo era preguiçoso e dissimulado, para ele o caboclo do interior era:

O símbolo do Brasil é outro: é um discóbolo, atlético, brioso, que desafia o futuro com os clarões de sua história, o esplendor da sua inteligência, a fatura de seu berço. E do Amazonas? Tem de ser Ajuricaba, a quem os homens de amanhã levantarão monumentos e a mocidade hosanará, celebrando-lhe a vida heróica (MAIA, 1952, p. 39).

²⁷ Idem, 1952.

Neste trecho, o poeta faz uma exaltação ao povo amazonense, afirmando que se deve substituir a imagem de um povo rude e preguiçoso e compará-lo ao antigo líder indígena Ajuricaba. Ele afirma também que é papel dos jovens modificarem este estereótipo construído sobre a população do Amazonas. Neste sentido, a importância dada por Álvaro Maia à juventude trouxe-lhe grande popularidade, pois ainda professor do Ginásio Amazonense, o carisma do poeta se ampliava em diferentes classes sociais e diversas faixas etárias.

A questão do carisma de Álvaro Maia já estava bem definida neste momento de sua trajetória política, pois, no ano de 1930, já possuía uma rede de relações sociais bem definidas, e sua articulação com grupos ligados a Getúlio Vargas garantiram-lhe a nomeação ao cargo de Interventor em novembro deste ano. No entanto, vale ressaltar que era necessário que ele obtivesse o apoio popular; neste sentido, sua atuação como professor no principal centro de formação dos líderes políticos e intelectuais do estado: o Ginásio Amazonense Dom Pedro II, bem como sua atuação na imprensa local, foram de fundamental importância para que a credibilidade de Álvaro Maia aumentasse.

Ao longo da década de 1920, Álvaro Maia atuou como uma espécie de conselheiro político, o poeta laureado era convidado a manifestar sua opinião sobre a situação política do Estado. Neste período, é que foi sendo construído seu estereótipo de candidato a encarnar os ideais de mudança; no entanto, nos anos de 1930, ele passou de fato a atuar como um político profissional, primeiro, como interventor em novembro de 1930. Logo após, em 1933, foi legitimado governador do Amazonas.

Neste discurso, Álvaro Maia, ao mencionar o levante de 1924, faz uma comparação com o líder indígena Ajuricaba (MAIA, 1952), onde o povo reagiu contra o grupo político corrupto no poder. Para ele era necessário que sempre usasse essas fontes de inspiração para intervir contra os desmandos na máquina administrativa, sendo que, ao passo que ele conclama os jovens e a população como um todo para uma intervenção, ele mesmo se coloca na frente dessa reação para se posicionar como o líder mais adequado para conduzir o povo.

3.2- 1930: O poeta se torna Interventor do Amazonas

A partir da década de 1920, começaram a surgir no cenário nacional alguns fatores sociais e políticos que contribuíram decisivamente para o declínio e derrocada da República Velha. O agravamento da crise econômica, a eclosão de revoltas e levantes

militares, o crescimento das camadas sociais urbanas, além do acirramento dos conflitos políticos devido à progressiva divisão das oligarquias dominantes formam o conjunto de fatores que provocaram a Revolução de 1930.

Também, neste período, surge o primeiro movimento político e militar que marcará presença no cenário político nacional e influenciará os rumos das decisões governamentais. Liderado pela jovem oficialidade do Exército (os tenentes, e em menor número os capitães), o tenentismo surge como movimento de insatisfação da oficialidade militar diante dos problemas políticos, sociais e econômicos do país. Por esse motivo, a crise de 1929 também foi um importante fator a contribuir para o enfraquecimento político das oligarquias cafeeiras, além de deixar claro para as elites dominantes a inviabilidade e os limites do modelo de economia agroexportadora.

Nas eleições de 1930, a Aliança Liberal apresentou como candidato a presidente Getúlio Vargas e João Pessoa para vice-presidente. Foi derrotado pelo candidato do governo, Júlio Prestes, mas este não chegou a tomar posse, visto que meses depois das eleições eclodiu a revolução que colocou Getúlio Vargas no poder. Contando com o apoio militar dos tenentes, as oligarquias dissidentes de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul desencadearam um movimento de revolta em várias regiões do país. Diante de uma eminente guerra civil, as Forças Armadas (Exército e Marinha) deram um golpe de Estado, depondo o presidente Washington Luiz, colocando Getúlio Vargas como presidente interino.

Getúlio Vargas tinha como estratégia a centralização e o controle dos estados por parte do poder central. Segundo Santos (1996), o governo central nomeava indivíduos que, apesar de oriundos desses estados, se identificavam com as perspectivas dos grupos dominantes; no entanto se encontravam em uma posição marginal com relação à influência dentro dos partidos.

Álvaro Maia, durante os anos de 1920, obteve sua consagração no mundo das letras, e sua atuação durante a rebelião de 1924 foi decisiva para que ele pudesse ser indicado ao poder; no entanto, apesar de tamanha relevância intelectual, suas alianças políticas não eram muito sólidas. Neste sentido, o então interventor, diante da queda do preço da borracha, teve de enfrentar uma séria crise econômica que desencadeou sua exoneração em julho de 1931, após o incidente da dissolução do Tribunal de Justiça²⁸.

²⁸ Entre as reformas feitas pelo então interventor Álvaro Maia houve a dissolução do Tribunal de Justiça do Amazonas; os membros destituídos recorreram para o presidente Getúlio Vargas, que chamou Álvaro

Nos primeiros anos políticos de Álvaro Maia, ele teve grande dificuldade de harmonizar suas práticas políticas com os interesses e com a dinâmica das forças sociais locais. Entretanto, como o papel de porta voz é também o de saber o momento exato de se afastar (cf. BOURDIEU, 2004), sua exoneração pode ser vista como estratégica no sentido de não desgastar a sua imagem de personificação da mudança. Assim, após sua exoneração, vários setores da sociedade solicitavam ao presidente Getúlio Vargas o retorno de Álvaro Maia ao poder.

Segundo Santos (1996), a questão do Tribunal de Justiça ainda refletia a falta de coesão política no Amazonas, que fora gerada pela influência de facções políticas tradicionais; por consequência, entre os anos de 1931 a 1935, passaram pelo Amazonas seis interventores (civis e militares). Todavia, durante este período, Álvaro Maia estreitava sua rede de relações sociais e ampliava seu capital político durante sua permanência no Rio de Janeiro, o que propiciou para ele a articulação da sua candidatura, em 1933, durante seu retorno a Manaus, onde se elegeu como deputado federal. Seu envolvimento com a Constituinte reaproximou Álvaro Maia de Getúlio Vargas, garantindo-lhe um fortalecimento político que possibilitou eleger-se novamente como governador em outubro de 1934.

Votada a Constituição de julho de 1934, organizou-se a vida política estadual, sendo em 1935 escolhido pela Assembleia Estadual para Senador Federal juntamente com Alfredo da Mata. Logo depois, também em eleição indireta, foi eleito Governador Constitucional do Estado. Com o golpe político do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, foi nomeado Interventor Federal, mantendo-se no poder até a queda de Getúlio Vargas em 29 de outubro de 1945. Segundo Santos (1996), com a implantação do regime autoritário do Estado Novo, o Amazonas, assim como outros estados, não sofreram um remanejamento de lideranças políticas, e sim sua acomodação, visto que já vinha ocorrendo um alinhamento dos grupos políticos dominantes nos estados; assim, o estabelecimento da nova ordem ocorreu sem grandes traumas.

Em 1942, em um pronunciamento como Interventor do Amazonas²⁹, apesar de, neste momento, ser um político consagrado, ele ainda tecia críticas aos grupos políticos tradicionais, do mesmo modo que fazia em seus primeiros discursos na década de 1920. No entanto, a retórica se alterou, pois neste período ele necessitava desses grupos para

Maia ao Rio de Janeiro a fim de rever sua decisão; o interventor, contestando o posicionamento do presidente, solicitou sua exoneração do cargo (SANTOS 1996).

²⁹ Idem, 1942.

manter a sua política econômica, ao passo que em 1923 ele ainda não tinha a preocupação de desagradar determinados grupos.

Em “[...] colhemos o bom resultado dêsse norteio, em meio as correntes das nossas oscilações de terra em formação: excetuando as responsabilidades financeiras do passado, anteriores a 1930, e existentes em muitos Estados mais antigos e populosos” (MAIA, 1942, p. 31). Note que os ataques às facções políticas na década de 1920 não é mais o ponto principal de seu discurso; ele ainda enfatiza que os descalabros financeiros eram feitos antes da década de 1930, período em que ele assume o poder.

A devoção a um passado que ele afirma ser glorioso (período áureo da borracha) ainda continua sendo sua retórica principal. Assim, em 1943, ele lança o livro *Na Vanguarda da Retaguarda*; apesar de ele ter passado a atuar como um político profissional, a atividade literária nunca foi abandonada e servia neste momento de sua vida como uma forma de recuperar capital simbólico, ou seja, se, durante as décadas de 1910, ele remanejava seu capital intelectual para um capital político, após a década de 1930, recuperava seu capital simbólico através de seu laureamento como intelectual.

O seringueiro personificado, que figura em seu discurso, já venceu a crise da borracha e é denominado “antigo seringueiro”; já o atual seringueiro, segundo Álvaro Maia, consegue manter uma relação harmoniosa com seus patrões: “Mas por outro lado, quanto espírito de solidariedade entre dirigentes e dirigidos! Seringalistas nas oscilações da fortuna, e principalmente durante a crise amazônica, voltaram a ser seringueiros” (MAIA, 1943, p. 69-70).

O seringueiro fazia parte de sua política econômica como os “bravos heróis do país”, e, durante o período da Segunda Guerra comparava-os a soldados que eram recrutados para ir às trincheiras. No entanto, estes soldados não eram arregimentados para a batalha, mas sim para a extração da borracha que, neste momento, teve um surto de revalorização graças à guerra.

Temos agora, a confirmação desse conceito – o seringueiro como soldado. Atingidas as Américas pela guerra, uma tremenda responsabilidade assumiu o Brasil – produzir mais borracha, imprescindível aos pneus, aos instrumentos bélicos para o triunfo. A Amazônia passou a ser um FRONT econômico, uma frente de luta; os seringueiros, com o rifle e a coragem serena em face ao perigo, tornou-se o soldado dessa batalha (MAIA, 1943, p. 71).

Atravessou toda a Segunda Guerra à frente do estado. Foi substituído pelo Desembargador Stanislau Affonso, Presidente do Tribunal de Justiça, durante o Governo José Linhares. Integrando o Partido Social Democrático desde a sua fundação,

como membro de sua comissão central, Álvaro Maia foi candidato ao Senado Federal, juntamente com Waldemar Pedrosa. Nas eleições de 2 de dezembro de 1945, a chapa venceu por larga margem de votos, solicitando a Álvaro Maia uma prestação de contas de sua administração.

Durante o exercício do mandato, foi Presidente da Comissão de Diplomacia da Câmara Alta e fez parte da Delegação do Brasil em uma reunião da ONU, em Paris, em 1948 em que apresentou um discurso sobre o genocídio. Em 1950, voltou novamente ao Governo do Estado, numa eleição renhida, em que disputou com o Senador Severiano Nunes. Foi eleito na mesma ocasião em que Getúlio Vargas conquistou pelo voto direto a Presidência da República. Antes do término do mandato, desincompatibilizou-se para disputar eleição para o Senado, quando foi derrotado.

Seguiram-se mais duas eleições perdidas (1958 e 1962). Na quarta disputa, elegeu-se como senador. Foi como senador, pelo terceiro mandato, que a morte o encontrou.

Conclusão

Durante os primeiros anos da República Velha, a produção intelectual sofria influência de diversos setores do espaço social mais abrangente. A obra alvareana durante as décadas de 1910 e 1920 é um exemplo deste tipo de interferência. Álvaro Maia teve seu primeiro livro publicado somente em 1943.

Com a velocidade da transmissão das informações graças à imprensa, o nome do poeta foi logo se consolidando como referência no mundo das letras, pois sua produção poética das primeiras décadas era publicada principalmente nos jornais de Manaus, fato este que o colocou em uma situação de influência entre os setores dominantes do estado tais como os comerciantes ligados à borracha e seus representantes políticos, visto que estes setores eram, também, os donos dos grandes jornais da cidade.

Assim, Álvaro Maia, devido à própria condição de intelectual passa a ser visto como uma espécie de conselheiro em momentos de crise; essa condição lhe possibilitou construir uma rede de relações que garantiu que o seu nome pudesse ser vislumbrado como um possível candidato que encarnaria os ideais de mudança pelas quais o Estado ansiava.

Neste sentido, a análise da trajetória inicial deste poeta agiu de modo profícuo no sentido de entender como determinadas conexões entre o campo literário e o espaço social mais abrangente permitiram ao “príncipe dos poetas” se tornar o líder que tinha como missão principal engajar-se na política para trazer a “redenção” do Amazonas. No entanto, tal análise não foi feita no sentido de encarar sua trajetória como uma série de posições no qual o agente sofre de maneira passiva. Ao contrário, esta análise, conforme Bourdieu (1996b) afirma, tratou a trajetória de Álvaro Maia levando-se em conta suas tomadas de posições e as interferências de outros agentes sociais, assim como a influência do espaço social.

No Brasil, durante este período, era uma prática comum aos intelectuais engajar sua obra social e política; neste contexto, as poesias de Álvaro Maia publicadas durante este período demonstram um forte engajamento social e político. Sua temática ligada a temas amazônicos demonstra a necessidade do autor de pôr em sua obra a construção do projeto de formação da nação brasileira.

A participação na vida política aparece como uma consequência lógica para os intelectuais deste período, pois, na medida em que são os detentores de um

conhecimento necessário para forjar a nação, sua missão era a de se inserir na política para por em prática tal projeto. Neste sentido, Álvaro Maia viu-se compelido a investir em uma carreira política, na medida em que acreditava ser sua missão forjar política e culturalmente o estado do Amazonas. A produção poética de Álvaro Maia, bem como seus discursos pronunciados durante este período, defendiam essa ideologia política voltada para a construção do país como nação.

A imprensa, durante os primeiros anos da República Velha, funcionava como uma das principais instâncias de consagração para a carreira de qualquer intelectual. Álvaro Maia, que retornara de seus estudos no Rio de Janeiro (principal centro de produção simbólica do Brasil), vislumbrava, através da imprensa, uma possibilidade de recriar uma cultura mais refinada e manter contato com uma ambiência intelectual (ver PINHEIRO, 2001).

O contato com a imprensa possibilitou, também, que Álvaro Maia pudesse aprofundar seu contato com a elite dominante do Estado e mantê-lo envolto em diversas atividades ligadas ao funcionalismo público, a principal forma de cooptação dos intelectuais ao longo da década de 1910. Esses jornais serviam como massa de manobra para as facções políticas, no sentido de garantir seus interesses.

Neste contexto, a poesia de Álvaro Maia produzida durante este período demonstra nexos com o contexto social, onde ele manipulou esse processo do reconverter toda a sua consagração no mundo das letras em um capital necessário para a sua inserção na vida política. Sendo assim, o poeta messiânico tornou-se o líder político que anunciava ser o único capaz de levar a “redenção” do Amazonas.

A análise das poesias publicadas em jornais (em especial nos pasquins como *Aura* e em revistas como *Redenção*) revelou como a temática da Amazônia, apesar de cheia de características alegóricas (comum de uma poesia Simbolista), reflete a realidade sociopolítica na qual o autor vivia. Sendo assim, ao mesmo tempo em que sua poesia reflete a necessidade de um intelectual se posicionando dentro do campo intelectual, vislumbra-se sua permanência e sua consagração.

Sua poesia publicada revela, também, a condição de um intelectual tentando se inserir na política. A poesia de Álvaro Maia possuía um forte engajamento social e servia como um instrumento de crítica contra as facções que se encontravam no poder. A linguagem que valorizava elementos da natureza, uma devoção ao Amazonas e uma exaltação ao período áureo da borracha, tendo como principal herói o seringueiro, garantiu ao poeta construir um estereótipo de místico, desprendido de interesses

materiais que anunciava a salvação do Amazonas, ao passo que ele próprio se colocava na condição de representante ideal para tal tarefa.

A exaltação popular aparece nas poesias de Álvaro Maia ligada a um período de turbulência pelo qual o estado passava, com a revolta armada de 1924. O envolvimento de Álvaro Maia neste levante vai aparecer na temática de suas poesias, apesar de se tratar de uma linguagem simbolista, em que nada é revelado de modo claro, através de uma conotação mística, o levante armado vai aparecer em seus poemas como o modo de salvar o Amazonas, porém tal salvação não se refere a temas religiosos, mas à própria situação política do estado, que vivia envolto em uma política corrupta.

O jornal aparece, neste contexto, como uma importante ferramenta, pois manteve o público em contato direto com a produção poética de Álvaro Maia, possibilitando sua identificação com esses ideais de mudança, aumentando seu carisma de homem das letras e passando a ser visto como um líder intelectual. As facções, então alijadas do poder, passam, neste momento, a ver em Álvaro Maia um possível candidato a encarnar o remanejamento do pacto oligárquico, visto que era de interesse desses grupos que não houvesse uma mudança radical na estrutura da ordem social.

Os pronunciamentos de Álvaro Maia realizados ao longo de 1920 reforçaram uma ideologia política que já vinha desde suas primeiras publicações poéticas. “Canção de Fé e Esperança” (1923) pode ser considerado como o marco inicial na carreira política de Álvaro Maia; neste discurso, se solidificou ideias como a valorização de um passado de riquezas obtidas no período de apogeu da borracha; crítica à política do presente e uma valorização do povo, afirmando que somente através da participação da população o Amazonas terá um futuro glorioso livre da corrupção que degradava os estames do poder (MAIA, 1969).

A valorização do preço da borracha é um dos temas recorrentes na retórica alvareana. Devido à falta de atenção do poder central, a grande população do Amazonas vivia na miséria deixada pela crise da queda do preço. Álvaro Maia acreditava que o caminho para retirar a miséria da população viria da revalorização da borracha, no entanto, os grupos políticos que então dominavam o cenário político estavam preocupados apenas em defender seus interesses particulares e daqueles que os apoiavam. A exaltação da figura do operário da extração da borracha; o seringueiro, apresentado tanto na suas poesias quanto em seus discursos como uma espécie de mártir desta crise, garantiu-lhe o apoio das classes menos favorecidas.

A missão de Álvaro Maia era, portanto, lutar pela recuperação da economia gumífera que, segundo o poeta, era a principal fonte de renda da região. Neste sentido, a retórica de seu discurso apresenta um caráter dúbio, pois as camadas mais populares viam através de Álvaro Maia a possibilidade de um porta-voz que se sacrificaria para lutar pelo interesse do povo, ao passo que as camadas dominantes do Estado, ou seja, os seringalistas e comerciantes da borracha viam no poeta a figura de um líder que possuía um discurso que se harmonizava com os seus interesses econômicos e políticos.

A década de vinte propiciou ao “príncipe dos poetas” tomar determinados posicionamentos que foram cruciais para que seu nome fosse consolidado como um líder ideal a encarnar as mudanças que a conjuntura nacional e local ansiavam. Ao longo de 1920, ocorreram inúmeras revoltas em todo o país contra a política dos governadores, que era privilegiar determinados setores em detrimento da grande maioria da população. A Rebelião de 1924, no Amazonas é um exemplo do modo como a população não assistiu passivamente aos demandas de determinados grupos políticos no poder.

O posicionamento de Álvaro Maia durante este período conturbado da História do Amazonas foi decisivo para que ele se tornasse um líder político e alcançasse a consagração política em 1930, quando da sua nomeação para o cargo de Interventor. No discurso “Após a Campanha” (1927), o líder político justifica a luta armada como sendo necessária em função de um bem maior: o processo de moralização da política estadual, onde ele acreditava ser necessário que cada amazonense desse sua cota de sacrifício para esta causa, e ele próprio estaria se sacrificando ao tomar para si a função de líder desta reação (MAIA, 1929).

Assim, o poeta que apregoava uma mensagem ligada a temas espiritualistas com profundo apelo messiânico, afirmando em seus poemas que virá uma líder que trará a redenção do Amazonas, revela uma dualidade em seu discurso quando declara ser favorável ao uso de armas. Durante este período, Álvaro Maia figurou entre os civis que manifestaram apoio direto ante o levante armado, ao mesmo tempo em que se esquivou de participar diretamente do governo provisório organizado pelos militares.

Esses grupos estavam realmente interessados que o grupo político então no poder fosse remanejado e viram, nesta revolta, o momento ideal para que isso pudesse acontecer. Este levante gerou transformações decisivas no Amazonas com a nomeação do interventor enviado pelo governo central Alfredo Sá, quando o próprio Álvaro Maia

foi beneficiado com a cátedra de Educação Moral e Cívica no Ginásio Amazonense Dom Pedro II.

Álvaro Maia era um reformista e via, no levante armado, uma possibilidade de modernização para o estado do Amazonas; para ele, os políticos tradicionais reproduziam uma política que trazia resquícios do período colonial. Neste sentido, ele se colocava na posição de candidato adequado para construir o projeto de nação; tais ideias vieram ao encontro do projeto encabeçado por Getúlio Vargas de centralização dos estados, daí o líder poeta ter sido cotado para governar no Amazonas e por em prática esses ideais.

Ao longo de sua trajetória inicial, Álvaro Maia criou um estereótipo de poeta que não vinha dos grupos políticos tradicionais que se revezavam no poder, tendo por missão de vida lutar pela “redenção” do Amazonas; no entanto, o fato de ter se tornado o porta-voz desses setores fez com que suas promessas só obtivessem efeito se ele próprio pudesse ascender ao poder para pô-las em prática. Neste sentido, sua inserção na política deu-se em função de sua rede de relações com setores conservadores do estado, visto que ele, durante este período, ainda não possuía autonomia suficiente para tomar determinadas decisões que gerassem grandes riscos a sua carreira política.

Esta pesquisa chega ao fim gerando alguns questionamentos como o fato de Álvaro Maia, em sua trajetória inicial, manejar sua carreira laureada de intelectual no sentido de obter sua inserção no campo político; foi uma prática que se alterou ao longo de sua trajetória. Vemos que a publicação de seus livros a partir da década de 1940, já aparece como uma estratégia de recuperação de capital simbólico perdido no campo político.

Outro fator interessante é o fato de ele sempre ter sido considerado um intelectual, ao invés de um simples político profissional, recebendo a oportunidade de representar o Brasil durante o exercício do mandato de Senador, onde foi o Presidente da Comissão de Diplomacia da Câmara Alta e fez parte da Delegação do Brasil em uma reunião da ONU, em Paris, em 1948. Isto revela a participação de um número significativo de intelectuais que tiveram uma carreira intelectual atrelada a um engajamento social e político, sempre figurarem como possíveis representantes do Brasil no cenário internacional. Neste sentido, tais questionamentos possibilitarão desdobramentos futuros.

Referências Bibliográficas

BAZE, Abrahim Sena. **Álvaro Maia, memórias de um poeta**. 4ª edição. Manaus: Novo Tempo Ltda. 1998.

BITTENCOURT, A. **Dicionário amazonense de biografias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras. 1996a. .

BOURDIEU, Pierre. Por uma ciência das obras. Tradução de Mariza Corrêa. **Razões práticas**; sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus. 1996b, p. 53-89.

BOURDIEU, Pierre. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. Tradução de Fernando Tomaz. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004, p. 163- 205.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 2005.

BURNS, E. Bradford. **Manaus 1910, retrato de uma cidade em expansão**. Tradução de Ruy Alencar. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, 1966.

BRITO, Rosa Mendonça de. **O homem amazônico em Álvaro Maia: um olhar etnográfico**. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

DINIZ, Almir. **Acadêmicos: imortais do Amazonas; dicionário biográfico**. Manaus: Uirapuru, 2002.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Zahar. 1990.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: Historiografia e História** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979

LEPENIES, W. **As três culturas**. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996, p. 199-343.

MAIA, Álvaro. **Na vanguarda da retaguarda**. Manaus: DEIP, 1943.

MAIA, Álvaro, **Buzina dos Pararás**, 2º Ed. Manaus, Universidade Federal do Amazonas/ Governo do Estado do Amazonas, 1997.

MANNHEIM, KARL. O problema da 'intelligentsia'; um estudo de seu papel no presente e no passado. Tradução de Roberto Gambini. **Sociologia da cultura**. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 69-139.

MICELI, Sérgio. Poder, sexo e letras na República Velha (estudo clínico dos anatolianos). In: **Intelectuais à brasileira**. São Paulo. Companhia das Letras. 2001, p. 15-68.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel. 1979.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Mocidade Viril 1930. O Motim Ginasiano**. Manaus: Nheenquatiaria. 1996.

MONTEIRO, Raimundo. **As Horas Lentas**. Org. Tenório Telles. 2º Ed. Manaus, Valer, 2002.

PÉCAUT, Daniel. A geração dos anos 1920-40. Tradução de Maria Júlia Goldwasser In: **Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática. 1990.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920**. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2001.

RINGER, Fritz K. **O declínio dos Mandarins Alemães**; a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2000

SANTOS, Eloína. Monteiro dos. **A rebelião de 1924**. Manaus: Suframa- Gráfica Lorena. 2º edição. 1990.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. **Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia**. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo. São Paulo. 1996.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SOBRINHO, Maranhão. **Papéis Velhos...róidos pela traça do Símbolo**. Org. Tenório Telles. Manaus, Valer, 1999.

WEBER, Max. A política como vocação. Tradução de Jean Melville. **Ciência e Política duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 59-124

WILLIAMS, Raymond. Bucólico e antibucólico. In: WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade. Na história e na literatura**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Jornais e Revistas consultadas:

FARIAS, Élson. Álvaro Maia. **Revista da Academia Amazonense de Letras**. Manaus, número 27, janeiro 2007, p. 166-171.

MAIA, Álvaro. Olhos. **Aura**, Manaus, 08 de jul. de 1911. s/p.

MAIA, Álvaro. Alma Vagabunda. **Aura**, Manaus, 17 out. de 1911. s/p.

MAIA, Álvaro. Soneto. **Aura**, Manaus, 09 de fev. de 1912. s/p.

MAIA, Álvaro. Estéril. **Revista da Academia Amazonense de Letras**. Manaus, v. 1, número 1, jul. de 1920, p. 55.

MAIA, Álvaro. Em campo aberto. **Redenção**, Manaus. Ano 01, nº1, nov de 1924. p. 5.

MAIA, Álvaro. Paraíso Verde. **Redenção**, Manaus. Ano 01, nº11, dez de 1924. s/p.

MONTEIRO, Raimundo. Elegia Pagan. **Redenção**, Manaus. ano 03, volume 01. 1925. s/p.

MAIA, Álvaro. Poesia. **Jornal das Moças**, Manaus, 01 ago. de 1926. s/p.

Vários autores. **Revista da Academia Amazonense de Letras**. Manaus. ano XLVII. nº 14. 1969.

Discursos e documentos consultados:

MAIA, Álvaro. **Dom Pedro II e República**. Manaus, 1925.

MAIA, Álvaro. **Após a Campanha**. Manaus. Livraria Clássica, 1929.

MAIA, Álvaro. **Nota Oficial**. Manaus, Imprensa Pública, 1942.

MAIA, Álvaro. **Pela Glória de Ajuricaba**. Manaus, Instituto Geográfico Histórico do Amazonas, 1952.